

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
RENATO CARDOSO DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR DE CANTO E O MATERIAL DIDÁTICO NO
CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNANDEZ EM
MONTES CLAROS**

Uberlândia-MG

2024

Renato Cardoso da Silva

**A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR DE CANTO E O MATERIAL DIDÁTICO NO
CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNANDEZ EM
MONTES CLAROS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, do Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Práticas, Processos e Reflexões em Pedagogias da Música.

Orientador: Prof. Dr. André Campos Machado

Uberlândia-MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Renato Cardoso da, 1989-
2024 A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR DE CANTO E O MATERIAL DIDÁTICO NO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNANDEZ EM MONTES CLAROS [recurso eletrônico] / Renato Cardoso da Silva. - 2024.

Orientador: André Campos Machado.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Música.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.2>
Inclui bibliografia.

1. Música. I. Machado, André Campos, 1965-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Música. III. Título.

CDU: 78

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele Cristine

Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Música
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V, Sala 5 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902



Telefone: (34) 3239-4522 - www.ppgmu.iarte.ufu.br - ppgmus@ufu.br

ATA DE DEFESA A - PÓS-GRADUAÇÃO

| | | | | | |
|------------------------------------|---|-----------------|-------|-----------------------|-------|
| Programa de Pós-Graduação em: | Música | | | | |
| Defesa de: | Dissertação de Mestrado Acadêmico, PPGMU | | | | |
| Data: | 31 de outubro de 2024 | Hora de início: | 14:00 | Hora de encerramento: | 16:30 |
| Matrícula do Discente: | Renato Cardoso da Silva | | | | |
| Nome do Discente: | 12122MUS011 | | | | |
| Título do Trabalho: | A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR DE CANTO E O MATERIAL DIDÁTICO NO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNÂNDEZ EM MONTES CLAROS-MG | | | | |
| Área de concentração: | Música | | | | |
| Linha de pesquisa: | Práticas, Processos e Reflexões em Pedagogias da Música. | | | | |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | Pedagogias de ensino dos instrumentos de cordas dedilhadas: fundamentos, pilares e inovações. | | | | |

Reuniu-se via web conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Música, assim composta: Professores Doutores: Maria Amélia Castilho Feitosa Callado (Universidade Estadual de Montes Claros); Fernanda de Assis de Oliveira Torres (PPGMU/IARTE-UFU);

André Campos Machado, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). André Campos Machado, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU. Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Andre Campos Machado, Presidente**, em 31/10/2024, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda de Assis Oliveira, Presidente**, em 31/10/2024, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Amélia Castilho Feitosa Callado, Usuário Externo**, em 01/11/2024, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5831687** e o código CRC **5E8E3A1F**.

Agradecimentos

Primeiramente, quero expressar minha profunda gratidão a Exu e aos Orixás, cujas energias e bênçãos foram fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço a Exu, que abriu os caminhos e me concedeu a sabedoria e a força necessárias para seguir em frente. A proteção e os livramentos recebidos durante minha caminhada foram essenciais para o sucesso deste projeto. Agradeço à minha família, que, apesar de não compreender plenamente a grandeza desta conquista para alguém que vem do subúrbio, sempre esteve ao meu lado com o apoio e o amor que lhes eram possíveis. Sua presença constante e seu incentivo foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar os desafios e pudesse persistir em minha jornada acadêmica. A força e a compreensão que vocês me proporcionaram foram inestimáveis e me deram a confiança necessária para alcançar este objetivo. Muito obrigado por acreditarem em mim e por estarem sempre presentes, mesmo quando a caminhada parecia incerta.

Expresso minha profunda gratidão ao professor Doutor André Campos, cuja orientação e cujo suporte foram essenciais para a realização deste trabalho. Sua expertise e seu comprometimento não apenas orientaram o desenvolvimento da pesquisa, mas também forneceram um rigor acadêmico e intelectual crucial para o sucesso do projeto. Agradeço especialmente pela paciência, pelo apoio e pela compreensão durante os momentos difíceis que enfrentei, tanto em relação aos problemas de saúde física quanto mental. Sua disposição para ouvir e oferecer incentivo, mesmo nas adversidades, foi fundamental para minha perseverança e para a conclusão deste estudo. Sua ajuda foi um pilar essencial, e sou imensamente grato por seu impacto positivo e pelo apoio constante ao longo desta jornada.

Registro também minha gratidão à professora Doutora Fernanda Assis, com quem iniciei esta pesquisa e cuja contribuição foi fundamental para o desenvolvimento inicial do projeto. Embora, por motivos alheios à nossa vontade, não tenha sido possível dar continuidade à pesquisa sob sua orientação, seu apoio e insights foram valiosos e impactaram positivamente o andamento do trabalho. Agradeço pelo empenho, pelas orientações iniciais e pela contribuição significativa que ajudaram a moldar a base deste estudo.

Agradeço a todos os professores envolvidos que, generosamente, cederam seu tempo e abriram suas vidas para fornecer as informações necessárias para a realização desta pesquisa. Sua disposição para compartilhar conhecimentos e experiências foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Também sou grato ao Conservatório, que me recebeu com prontidão e disponibilizou os recursos necessários, facilitando o acesso às informações e ao

ambiente propício para a realização do estudo. A colaboração de todos foi essencial para o sucesso da pesquisa e é imensamente apreciada.

Gostaria de manifestar minha sincera gratidão à banca examinadora na pessoa das professoras Maria Amélia Castilho Feitosa Callado e Fernanda Assis Torres, pelas valiosas contribuições e pelo rigor acadêmico na análise deste trabalho. Agradeço pelos comentários perspicazes, pelas sugestões construtivas e pelo tempo investido na avaliação detalhada da pesquisa. Suas observações aprofundadas enriqueceram significativamente o estudo e foram fundamentais para seu aprimoramento. Sou grato pela dedicação e pelo comprometimento em apoiar o progresso acadêmico e científico.

Um agradecimento mais que especial à minha amada vizinha, Maria Cardoso Brito, que sempre foi minha maior incentivadora e fonte de motivação. Seus conselhos sábios e encorajadores marcaram profundamente minha jornada: "Olhe para a vida de sua mãe e seus tios, se deseja uma vida diferente da deles, estude; esse é o único caminho para uma vida melhor." Nunca me esquecerei de suas palavras e do apoio incondicional que me proporcionou. Obrigado, Vizinha, esta conquista é dedicada à senhora, que foi a força e inspiração por trás de cada passo que dei.

Finalmente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Cada apoio, grande ou pequeno, foi fundamental para o sucesso deste trabalho. Agradeço a todos que compartilharam seu tempo, seu conhecimento e seus recursos, e reconhecer o impacto significativo que cada contribuição teve na construção e na conclusão deste estudo. Sem a colaboração e o suporte de cada um de vocês, esta conquista não teria sido possível.

Muito obrigado a todos por fazerem parte desta jornada.

“ORÍ OLÓORE ORI JÈ O”

A CABEÇA DO VENCEDOR, VENCERÁ!

Provérbio Africano

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação que os professores estabelecem com o material e o planejamento nas aulas do instrumento canto do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Os objetivos específicos do trabalho buscaram: apontar os principais conceitos e publicações sobre material didático e planejamento em música; entender como é construído o planejamento coletivo e individual dos professores de canto do conservatório; entender o uso, as funções e concepções que norteiam e embasam o planejamento, a seleção e aplicação dos materiais didáticos pelos professores do instrumento canto no Conservatório. A metodologia utilizada é o estudo de caso, com uma abordagem qualitativa. A investigação realizou-se por meio de uma pesquisa de campo, na qual houve a aplicação de um questionário via *Google Forms* com o intuito de otimizar o tempo. Esse questionário concentrou sua temática na formação inicial e continuada dos professores, registrando também questões de idade, gênero e tempo de serviço. Em seguida, foi elaborada a entrevista semiestruturada para a realização da coleta de dados com o corpo docente do curso de canto. Para embasar este trabalho, foram consultados diversos autores que, por meio de suas contribuições teóricas e reflexões críticas, fundamentam as discussões abordadas. Entre eles, destacam-se Fusari (1990); Luzuriaga (1990); Libâneo (1991); Sobrinho (1994); Pedroso (1997); Beineke (2004); Lakschevtz (2006); Penna (2009); Reys e Garbosa (2009); Durkheim (2011); Abbagnano (2012); Santos e Pacheco (2012); Romanelli (2014); Jitkoviski (2014); Moreira e Ramos (2016), Bandeira (2009), Freitas (2009), Souza (2015); Fiscarelli (2007); Bordinhão e Silva (2015); Plein (2015); Petri (2010); Marques (2010); Ribeiro (2015); Demo (1997); Jitkovski (2014); Vendas e Nonato (2007); Prodanov e Freitas (2013); Guerra (2014); Yin (2001); Marconi e Lakatos (2017); Haguette (2010) e Gil (2008). Essas obras contêm conceitos, definições e reflexões que enriquecem o entendimento sobre o tema, sendo essenciais para a estruturação e análise. Os resultados obtidos com a pesquisa revelam reflexões importantes e destacam pontos críticos que exigem revisão e atenção urgente. O primeiro aspecto a ser destacado refere-se ao cuidado com o comodismo e à inércia no processo de busca pela construção do conhecimento. O conhecimento está em constante transformação e nunca está plenamente consolidado, o que torna incompatível qualquer postura passiva em relação à sua busca. O educador, portanto, deve estar continuamente empenhado em ressignificar seus saberes, uma prática essencial para a oferta de uma educação de qualidade. A análise dos dados indica, no entanto, que há uma tendência a reproduzir práticas já condicionais, sem levar em conta o contexto presente e a realidade em que se está inserido. Outro ponto relevante é a defasagem nas referências dos planos de ensino, que, apesar de apresentarem uma boa estrutura, não incorporam as novas epistemologias que sustentam as práticas docentes contemporâneas. Além disso, sugeriu-se a ausência de planejamento adequado das aulas, uma vez que nenhum dos convidados apresentou registros formais desse planejamento. Embora tenha mencionado a existência de anotações ou o uso de cadernos, estes não acompanham o professor durante as aulas, o que pode comprometer a organização e a qualidade do trabalho.

Palavras-chave: Material didático; Curso de canto; Relações e concepções dos professores; Planejamento.

ABSTRACT

The general aim of this research is to understand the relationship that teachers establish with material and planning in singing classes at the Lorenzo Fernández State Conservatory of Music. The specific objectives of the study were: to identify the main concepts and publications on teaching materials and planning in music; to understand how the collective and individual planning of the conservatory's singing teachers is constructed; to understand the use, functions and conceptions that guide and underpin the planning, selection and application of teaching materials by the conservatory's singing teachers. The methodology used is a case study, with a qualitative approach. The investigation was carried out by means of field research, in which a questionnaire was applied via Google Forms in order to optimize time. The questionnaire focused on the teachers' initial and continuing training, and also asked questions about age, gender and length of service. Next, a semi-structured interview was carried out to collect data from the teachers on the singing course. To support this work, various authors were consulted who, through their theoretical contributions and critical reflections, underpin the discussions addressed. These include Fusari (1990); Luzuriaga (1990); Libâneo (1991); Sobrinho (1994); Pedroso (1997); Beineke (2004); Lakschevtz (2006); Penna (2009); Reys and Garbosa (2009); Durkheim (2011); Abbagnano (2012); Santos and Pacheco (2012); Romanelli (2014); Jitkoviski (2014); Moreira and Ramos (2016), Bandeira (2009), Freitas (2009), Souza (2015); Fiscarelli (2007); Bordinhão and Silva (2015); Plein (2015); Petri (2010); Marques (2010); Ribeiro (2015); Demo (1997); Jitkovski (2014); Vendas and Nonato (2007); Prodanov and Freitas (2013); Guerra (2014); Yin (2001); Marconi and Lakatos (2017); Haguette (2010) and Gil (2008). These works contain concepts, definitions and reflections that enrich the understanding of the topic and are essential for structuring and analyzing it. The results obtained from the research reveal important reflections and highlight critical points that require urgent review and attention. The first aspect to be highlighted is the need to beware of complacency and inertia in the process of seeking to build knowledge. Knowledge is constantly changing and is never fully consolidated, which makes any passive stance towards its pursuit incompatible. Educators, therefore, must continually strive to give new meaning to their knowledge, a practice that is essential for providing quality education. Analysis of the data indicates, however, that there is a tendency to reproduce practices that are already conditional, without taking into account the present context and the reality in which they are inserted. Another relevant point is the lack of references in the teaching plans, which, despite having a good structure, do not incorporate the new epistemologies that underpin contemporary teaching practices. In addition, it was suggested that there was a lack of proper lesson planning, since none of the guests presented formal records of this planning. Although they mentioned the existence of notes or the use of notebooks, these do not accompany the teacher during lessons, which can compromise the organization and quality of the work.

Keywords: Didactic material; Singing course; Relations and conceptions of teachers; planning

Lista de Gráficos:

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Identificação por gênero | 56 |
| Gráfico 2: Nível de formação | 57 |
| Gráfico 3: Nível de ensino em que atuam | 58 |
| Gráfico 4: Áreas de atuação dos professores entrevistados..... | 58 |

Lista de Figuras:

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Capa do livro Canto Popular Brasileiro..... | 26 |
| Figura 2 - Capa do livro Canto popular, elementos da técnica vocal..... | 28 |
| Figura 3 - Capa do livro Ciência da voz: Fatos sobre a voz na fala e no canto..... | 29 |
| Figura 4 - Capa do livro O Canto Lírico Contemporâneo - Marconi Araújo..... | 30 |
| Figura 5 - Capa do livro Músculos intrínsecos da laringe e dinâmica vocal | 31 |
| Figura 6 - Capa do livro Voz: o livro do especialista | 33 |
| Figura 7 - Capa do livro Práticas de Ensinar Música..... | 34 |
| Figura 8 - Capa do livro Aprender e Ensinar Música no Cotidiano..... | 37 |
| Figura 9 - Capa do livro A estrutura do Canto: sistema e arte na técnica vocal..... | 38 |
| Figura 1 - Aparelho Shaker New..... | 40 |
| Figura 11 – Respirom Classic..... | 42 |
| Figura 12 – Tubo de Ressonância..... | 44 |
| Figura 13 – Mind Vox..... | 45 |
| Figura 2 - Capa do livro Metodo Pratico di Canto..... | 81 |
| Figura 3 - Plano de ensino do sexto ano..... | 83 |
| Figura 4 - Plano de ensino do nono ano..... | 85 |

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA | 1 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 4 |
| 2.1 Material didático em música | 4 |
| 2.2 Planejamento pedagógico | 9 |
| 2.2.1 Planejamento em música | 11 |
| 2.3 Pedagogia vocal | 12 |
| 2.4 Material didático instrucional..... | 14 |
| 2.4.1 Canto popular brasileiro - Marcos Leite..... | 15 |
| 2.4.2 Canto popular, elementos da técnica vocal - Anne Peckham..... | 17 |
| 2.4.3 Ciência da voz: Fatos sobre a voz na fala e no canto - Johan Sundberg..... | 19 |
| 2.4.4 O canto Lírico contemporâneo - Marconi Araújo..... | 21 |
| 2.4.5 Músculos intrínsecos da laringe e dinâmica vocal – Pinho, Korn e Pontes..... | 23 |
| 2.4.6 Voz: o livro do especialista - Maura Behlau | 24 |
| 2.4.7 Práticas de Ensinar Música. Org. Teresa Mateiro e Jusamara Souza | 26 |
| 2.4.8 Aprender e Ensinar Música no Cotidiano. Org. Jusamara Souza..... | 28 |
| 2.4.9 A estrutura do Canto: sistema e arte na técnica vocal - Richard Miller..... | 30 |
| 2.5 Produtos pedagógicos..... | 32 |
| 2.5.1 Shaker New | 32 |
| 2.5.2 Respirom Classic | 34 |
| 2.5.3 Tubo de Ressonância..... | 35 |
| 2.5.4 Mind Vox..... | 37 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO | 40 |
| 3.1 Material didático | 40 |
| 3.2 A construção do material didático | 42 |
| 4. METODOLOGIA | 47 |
| 4.1 Percurso metodológico | 47 |
| 4.2 Pesquisa qualitativa | 48 |
| 4.3 Estudo de caso | 49 |
| 4.4 Entrevista: Técnica de coleta de dados..... | 51 |
| 4.4.1 Construção do roteiro de entrevista | 52 |
| 4.4.2 Realização das entrevistas | 53 |
| 5. ANÁLISE E DISCUSSÕES | 55 |
| 5.1 Formulário sociodemográfico | 55 |
| 5.1.1 Composição do corpo docente do curso de canto do CEMLF..... | 55 |
| 6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS | 60 |
| 6.1 Primeira pergunta | 60 |
| 6.2 Segunda pergunta..... | 62 |
| 6.3 Terceira pergunta..... | 64 |
| 6.4 Quarta pergunta..... | 65 |
| 6.5 Quinta pergunta | 66 |

| | |
|---|------------|
| 6.6 Sexta pergunta..... | 68 |
| 7. A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR E O MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE CANTO DO CEMLF | 71 |
| 7.1 Metodo pratico di canto, Nicola Vaccaj | 71 |
| 7.2 Impressões acerca dos planos de ensino do curso de canto do CEMLF..... | 73 |
| 8. Considerações finais | 81 |
| APÊNDICES | 85 |
| ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 85 |
| Material didático | 85 |
| TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DO CURSO DE CANTO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FRNEÂNDEZ | 86 |
| Entrevista 1. Elis Regina | 86 |
| Entrevista 2. Rita Lee | 88 |
| Entrevista 3. Elza Soares..... | 90 |
| Entrevista 4. Maria Bethânia | 93 |
| Entrevista 5. Gal Costa | 94 |
| Entrevista 6. Nana Caymmi..... | 96 |
| Entrevista 7. Dolores Duran | 97 |
| Entrevista 8. Maria Rita | 98 |
| Entrevista 9. Vanessa da Mata | 100 |
| Entrevista 10. Ivete Sangalo | 101 |
| Formulário de perfil sóciodemográfico | 103 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 112 |

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O material didático está intrinsecamente vinculado ao cotidiano escolar e pode manifestar-se de diversas formas e em variados contextos dentro de uma instituição de ensino. Ao longo da minha formação acadêmica e durante minha atuação como docente na educação básica, vivenciei situações que envolviam a utilização de materiais didáticos nas aulas de música. Essas circunstâncias exigiam um planejamento contínuo, frequentemente sujeito a ajustes em resposta às dificuldades e aos desafios que emergiam no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto de replanejamento constante, surgiram as indagações: como se produz e aplica o material didático nas aulas do conservatório? Como ocorre o planejamento e quais concepções os docentes apresentam a respeito?

A presente investigação tem como propósito compreender a relação estabelecida entre o professor e o material didático nas aulas de canto do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (CEMLF). O objetivo é identificar os principais conceitos e publicações sobre material didático e planejamento em música, bem como analisar a construção do planejamento coletivo e individual dos docentes de canto e compreender o uso, as funções e as concepções que orientam o planejamento, a seleção e a aplicação dos materiais didáticos. Para tanto, a pesquisa busca responder às seguintes questões: quais materiais didáticos são utilizados pelos professores? Quais critérios foram adotados para a seleção desses materiais? Como e quando ocorre o planejamento? O que é considerado nesse processo? E quais são os resultados desse planejamento?

A interpretação dos dados foi fundamentada nos conceitos abordados sobre o tema, com auxílio de uma análise das concepções dos educadores. Este estudo visa compreender a integração do material didático no planejamento da musicalização no CEMLF. Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, que se propõe a descrever os conceitos, perspectivas, uso e aplicabilidade do material didático, desde o planejamento até a execução. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e análise documental (plano de ensino, anotações em diários e cadernos), permitindo a compreensão do planejamento das aulas e seu impacto na prática pedagógica dos professores.

Esta pesquisa contribuirá para o campo da educação musical, oferecendo insights sobre a relação dos educadores com o material didático e o planejamento de suas aulas, bem como as fundamentações adotadas para justificar seu uso e sua aplicação nas atividades cotidianas na sala de aula do CEMLF.

O trabalho está dividido em oito capítulos. No primeiro apresentamos as informações introdutórias e a justificativa. O segundo capítulo abarca a revisão de literatura, em que nos aportamos autores como: Fusari (1990); Luzuriaga (1990); Libâneo (1991); Sobrinho (1994); Pedroso (1997); Beineke (2004); Lakschevtz (2006); Penna (2011); Reys e Garbosa (2009); Durkheim (2011); Abbagnano (2012); Santos e Pacheco (2012); Romanelli (2014); Jitikoviski (2014); Moreira e Ramos (2016). No terceiro capítulo, discutimos o referencial teórico e, para sua sustentação, nos apropriamos dos textos e trabalhos de autores que nos ajudam a dar aporte teórico para o trabalho. Esses autores são: Bandeira (2009); Freitas (2009); Souza (2015); Fiscarelli (2007); Penna (2012); Bordinhão e Silva (2015); Plein (2015); Petri (2010); Marques (2010) e Ribeiro (2015); Demo (1997) e Jiticovski (2014); Sales e Nonato (2007) que discutem em seus trabalhos o papel social do material didático. O quarto capítulo versa sobre a metodologia utilizada durante o trabalho e traz autores como: Prodanov e Freitas (2013); Guerra (2014); Yin (2001); Marconi e Lakatos (2017); Haguette (2010); Gil (2008). No quinto capítulo, apresentamos os resultados do questionário enviado aos professores, bem como do formulário sociodemográfico, que foi aplicado via google-forms, antes das entrevistas. No sexto capítulo, concentram-se as análises e os resultados das entrevistas. O sétimo capítulo discorre sobre a relação do professor com o material didático nas aulas de canto do CEMLF. No oitavo capítulo, versamos sobre as considerações finais do trabalho, apresentando um apanhado geral e deixando registrado as impressões gerais da pesquisa, bem como sugestões de soluções para os apontamentos sugeridos.

Os conservatórios de música em Minas Gerais têm se estabelecido, ao longo das décadas, como referências notáveis no ensino musical, tanto no estado quanto no país. No contexto da educação musical, essas instituições desempenham um papel crucial, sendo consideradas, em muitos aspectos, o núcleo do ensino especializado. A presente pesquisa se insere nesse cenário pedagógico, com a intenção de contribuir para uma compreensão mais profunda sobre a prática do planejamento e da utilização de materiais didáticos nas aulas de canto. Ao abordar este tema, o estudo não apenas se propõe a lançar luz sobre as práticas e metodologias adotadas pelos educadores, mas também a refletir criticamente sobre como essas práticas influenciam o processo educativo.

A investigação visa proporcionar uma análise detalhada das estratégias de planejamento e dos critérios utilizados na seleção dos materiais didáticos, bem como examinar como esses elementos impactam a prática pedagógica no CEMLF. Assim, o estudo almeja oferecer subsídios para aprimorar as práticas pedagógicas e enriquecer a compreensão teórica

e prática do ensino musical, refletindo sobre a eficácia das metodologias adotadas e suas implicações para o desenvolvimento dos alunos no conservatório.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, examinamos as principais publicações relevantes ao tema do material didático em música. Ademais focamos no conceito de material didático em música (MD), com o objetivo de aprofundar o entendimento de suas definições. Conforme explicações apresentadas pelos autores já citados na introdução

2.1 Material didático em música

O material didático em música é um tema recorrente em pesquisas na educação musical; as discussões abarcam diversas áreas dentro do ensino de música. Encontramos discussões abordando o ensino de flauta doce, violão, piano, canto entre outros instrumentos musicais, além de estudos sobre as disciplinas teóricas. Os trabalhos encontrados demonstram a importância do assunto, trazem, em seu conteúdo, reflexões e práticas que nos levam a repensar todo nosso planejamento. Beineke *et al*, em seu trabalho, *O fazer musical infantil e a produção de material didático para crianças*, aponta que:

Trabalhando na produção de material didático, em um processo mediado pela ação e reflexão sobre a prática docente, criamos um ciclo de produção - musical e pedagógica, teórica e prática - que, além de possibilitar a construção de um material concreto que o professor poderá utilizar em sala de aula, pode contribuir também na produção de saberes teóricos, de novas bases conceituais e musicais para prática pedagógica (Beineke *et al*, 2004).

O material didático é um aliado do professor, por isso é preciso elaborá-lo e selecioná-lo com a máxima atenção e cuidado, pois esse material não apenas tem a função de facilitar o processo de aprendizagem, mas também de nos fazer repensar certas práticas e assim produzir novos conhecimentos, que contribuam com a formação integral do aluno. Beineke (2011) em seu artigo *Música, Jogo e Poesia na Educação Musical Escolar*, publicado na revista *Música na Educação básica* (ABEM, 2011, p. 23), relata que é desafiador elaborar materiais didáticos criativos, que o objetivo não é entregar receitas prontas, mas sim estar atento ao processo de criação e recriação, que o que não deu certo pode ser transformado e adaptado, e que esse processo abre caminho para diversas possibilidades.

Criar e recriar são habilidades imprescindíveis para um educador musical, por isso há uma grande necessidade de buscar novos caminhos descobrindo as possibilidades a nossa frente. Fazer releituras, criar arranjos, trabalhar a improvisação e a composição são caminhos que podem ser seguidos por educadores na busca do enriquecimento de suas aulas. Beineke (2011, p. 23) ainda aponta que “é necessário apropriar-se de forma criativa de brincadeiras,

jogos e canções, fazendo adaptações que aproximem da realidade dos alunos e que marquem suas vidas com o aprendizado musical”.

O educador poderá sempre avaliar e reavaliar seus objetivos e suas práticas, para proporcionar uma reflexão do ensino aprendizagem. Esse momento de avaliar e reavaliar, e de fazer reflexões é um processo que deve estar em constância na vida e dia a dia de cada educador. É através desse momento que podemos replanejar rotas e caminhos para alcançar nossos objetivos e propósitos. Nesse contexto, Beineke (2011, p. 23) salienta que “o desenvolvimento musical do aluno está atrelado ao processo de esculta, valorização e compreensão, ouvir e respeitar a voz de seu aluno é fundamental para que este desenvolva suas habilidades globais e pessoais dentro do ensino de música, e isso só é garantido quando o professor cria espaço para que esse momento de composição, invenção, reinvenção e troca aconteça em sua sala de aula”.

O professor pode buscar a correlação da música com tudo que o ser humano está envolvido; o seu cotidiano, o seu meio social, suas preferências e preleções. Santos e Pacheco (2017) argumentam que:

Como educador musical sinto a necessidade de buscar constantemente subsídios que possam sustentar minhas práticas dentro das possibilidades que a realidade atual permite, contribuindo desta forma na construção deste panorama exposto. Em uma aula de música fazemos a opção por materiais, recursos físicos e tecnológicos, e ainda, diversas metodologias, que demandam por atividades específicas para cada contexto ou grupo, e que muitas vezes precisam ser reajustadas, inovadas ou recriadas, de acordo com o contexto escolar (Santos; Pacheco, 2017, p. 11).

Os autores levantam essa questão, do subsidiar as aulas de educação musical, de forma que sustente suas práticas dentro da realidade do cotidiano. Com base nas reflexões de educadores como Beineke (2011) e Penna (2014), que discutem em seus trabalhos a inserção e o cumprimento da Lei 11.769/08, que trata do ensino de música nas escolas como componente curricular, embasar bem suas aulas é crucial para o educador musical, para que ele possa justificar sua metodologia, mostrando a importância do aprendizado musical, apresentando suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do indivíduo. Estar sensível a possíveis mudanças no planejamento é outro fator importante para o educador, mudanças essas que implicarão no planejamento de forma direta e na produção e aplicabilidade dos recursos didáticos nas aulas. O que determinará essas modificações serão a monitoração do aprendizado da turma, o estar a par dos dados de desenvolvimento do aluno e a busca por novos caminhos na consolidação do conteúdo ministrado.

É preciso que o professor tenha certo domínio sobre ferramentas pedagógicas, especialmente as que se referem ao ensino de música. Isso requer que esse professor analise antes o material selecionado, levando em consideração as abordagens poderão ser exploradas em sala de aula. Beineke (2015) afirma em seu artigo *A produção de material didático para o ensino de flauta doce na escola fundamental* que “Nessa perspectiva, é necessário que o professor de música tenha um tipo particular de formação musical que inclua oportunidades para compor, arranjar e tocar suas próprias músicas, incluindo a prática de conjunto” (Beineke, 2015, p. 2). Chegamos aqui em um ponto importante para qualquer educador: o preparo acadêmico, a base que lhe é necessária para selecionar e olhar de forma crítica para o material escolhido. Essa ação se faz necessária para que ele consiga não só escolher um bom material, mas também incluir, em seu planejamento, a composição e a construção de arranjos próprios e de seus alunos. Esse momento é uma oportunidade de aproximar o aluno do fazer musical, instigá-lo e incentivá-lo a participar ativamente das aulas. Nesse sentido, Gomes (2015) nos aponta em seu trabalho que, o ensino de música não é composto somente pela linguagem musical, mas também pela criação de um saber que resulta da interação entre técnica e cultura, enfatizando que a diversidade e a história da música quando estão presentes em sala de aula produzem resultados estimulantes aos alunos.

O educador precisa ir além do contato com os signos musicais convencionais; é necessário oferecer aos alunos a oportunidade de explorar o cotidiano e, assim, produzir seus próprios arranjos e suas composições. Além disso, nesse processo, faz-se necessário avaliar os impactos, não observando só do ponto de vista pedagógico, mas também permitindo e considerando a ótica dos seus educandos, traçando metas e construindo meios de efetivamente ofertar experiências musicais significativas para seus alunos. Assim, o pensamento e porquê não dizer essa visão é defendido por Dalcroze, que em meio aos seus estudos enquanto professor de harmonia e solfejo superior, no Conservatório de Genebra, observou e identificou alguns problemas. Para Dalcroze, as dificuldades auditivas que os alunos enfrentavam estavam relacionadas à dissociação e ao distanciamento gerados por alguns educadores ou, ainda, a métodos pedagógicos que não possibilitavam que os estudantes vivenciassem ou experimentassem a prática musical. Em outras palavras, para aplicar o que estavam aprendendo em sala, seria fundamental que os alunos pudessem atuar com base nas propostas apresentadas, não se limitando apenas a reproduzir (Mateiro; Ilari, 2011).

Ainda versando sobre esse tema, Schafer (2011) nos chama atenção para uma reflexão em seu trabalho o *Ouvido pensante*. Para ele, “É preciso investir no desenvolvimento da imaginação, da capacidade criativa de cada um, pois o mundo está carente de sutilezas,

delicadeza, poesia, música” (Schafer, 2011, p. XI). O texto nos estimula como educadores a sempre buscar novas ideias, questionar o que sabemos, garimpar sempre outros horizontes, a olhar ininterruptamente com ressignificação a nossa prática musical e a fazer das nossas dificuldades a motivação para superar os limites.

Esse processo, em que a visão do aluno é levada em consideração, apresenta-se como um caminho para o professor sair do papel de somente transmissor ou único detentor do conhecimento, e o oportuniza construir e estreitar relações com seus “pupilos”. Ele ainda gera uma troca de conhecimentos, que traz efeitos positivos nas aulas e no crescimento do educador, o que, conseqüentemente, beneficia seus alunos, uma vez que este encontra-se aberto a gerar conhecimento. A sala de aula deixa de ser um mero local de transmissão e se torna uma fonte de saberes onde todos podem saciar sua sede de conhecimento. Esse pensamento é apresentado por Jitkoviski (2014), em sua dissertação quando afirma que:

O material e seu uso como instrumento questionador, implica em se pensar a atividade com o propósito de criação, que os educadores que seguem esse viés, ressignificam seus conhecimentos e constroem a crítica por meio de seus conhecimentos, questões, problematizações e perguntas (Jitkoviski, 2014, p. 30).

O educador atento envolve seus alunos com um bom planejamento, sempre de forma integradora. A busca por subsídios para suas aulas deve ser contínua, oportunizar e resultar em construção de material próprio, construindo esse material junto de seus alunos, proporcionando a eles a oportunidade de questionar o processo e entender melhor os objetivos. E, assim, compreender os resultados alcançados. Jitkovski (2014) ainda relata em seu trabalho que:

Com isso, multiplicam para os alunos oportunidades de práticas musicais diferenciadas, tendo em vista que, a busca de materiais possibilita a formulação de materiais próprios, que são refeitos, reelaborados, reconstruídos e em momentos da aula, aplicados participativamente pelos educadores preocupados com o resultado do seu ensino e aprendizagem junto aos alunos (Jitkovski, 2014, p. 30).

O material didático selecionado pelo educador deve ser seu aliado dentro da sala; ele precisa abarcar as especificidades não só da turma de forma geral, mas também atender às demandas individuais de seus alunos. Necessita-se construir uma seleção de recursos que sejam capazes de ir ao encontro de cada um em suas dificuldades, sem que nesse processo ninguém seja excluído ou negligenciado, mas sim acolhido e valorizado. Reys (2011) pontua esse

pensamento em seu trabalho intitulado *Iniciação ao violoncelo: um estudo acerca de métodos utilizados no Brasil*, discorrendo que para a elaboração de um material didático, é necessário que se conheça o contexto em que será utilizado, a fim de compreender as necessidades e os fatores que possam favorecer a aprendizagem (Reys, 2011, p. 1314).

Fica evidente que o material ou método adotado pelo educador deve acompanhar reflexões críticas quanto ao seu uso e a sua eficácia. Esse pressuposto não deve ser ignorado em hipótese alguma, pois é ele que garante ao professor a base e a segurança para ministrar suas aulas. Reys (2011) ainda relata que esta postura inclui fazer uma leitura crítica dos métodos utilizados, compreendendo-os como recursos para atender a necessidades e expectativas que são dinâmicas e, portanto, passíveis de enriquecimento e adaptações (Reys, 2011, p. 1315).

Em contrapartida, Pena (2009) em *O método na prática pedagógica em música: função, uso e o papel do Professor*, trabalho que teve como objetivo central trazer reflexões sobre os métodos adotados por professores, nos chama atenção para o papel que esses exercem diante de tais métodos, se são meros reprodutores ou se refletem sobre os meios selecionados, se são capazes de gerar conhecimento crítico ou se apenas executam os pensamento e as ideias de fazer música de outros, uma vez que, para a autora, os métodos carregam consigo histórias de vivências e experiências de seus proponentes. Assim, ela salienta que a flexibilidade na escolha e utilização de um método requer adaptação e compatibilidade com o que acreditamos, além de priorizar os conteúdos, pois esses métodos transportam concepções de mundo e de música que podem não se aproximar do nosso. Portanto, é necessário ser flexível e saber extrair de cada um aquilo que seja congruente com sua realidade.

A literatura demonstra que não é um método adotado que vai definir os rumos de sua prática pedagógica. É preciso que o professor conheça diversos produtos pedagógicos e faça um filtro desses, selecionando, assim, para quê e como utilizará o material escolhido. O ingrediente chave desse processo que envolve reflexão constante é a articulação. Como e quando ensinar? O que ensinar? Essas respostas serão obtidas no dia a dia, na sua prática em sala. Experimentar, registrar e refletir, aprimorar o que deu certo e reformular o que necessitar de melhorias. Nem tudo que encontramos em livros, apostilas e outros recursos será de grande valia em nossa prática. Por isso, é de suma importância ao planejar, traçar metas e objetivos. Só assim conseguiremos chegar a um denominador comum, lembrando que é preciso tomar cuidado para não engessar nossa prática, mas sempre buscar evoluir nosso conhecimento.

2.2 Planejamento pedagógico

Segundo o dicionário da língua portuguesa, *Houaiss*, planejamento é o “serviço de preparação de um trabalho, de uma tarefa, com o estabelecimento de métodos convenientes”. Essa definição já nos leva a refletir sobre o ato de planejar. Como preparamos nossas aulas? Quais métodos utilizamos no nosso planejamento? E quais materiais selecionamos através desse planejamento? Essas são algumas reflexões que podemos fazer quando estamos planejando.

Nesse sentido, buscamos definições claras e contundentes para o que venha a ser de fato o planejamento pedagógico, e assim compreender e aplicar esse conhecimento em nossa rotina, contribuindo para um melhor preparo de nossas aulas. Assim, Fusari (1990) nos alerta para os cuidados com o conceito errôneo que se perpetua em nosso meio pedagógico, que “preencher e entregar nas secretarias das escolas formulários e tabelas previamente padronizados, e diagramados, com espaços para colocar tema objetivos, e demais itens que podem variar de modelo, isso na visão do autor não é planejamento. Para Fusari (1990), o planejamento precisa ser assumido, e vivenciado no cotidiano da prática do educador, como um processo de reflexão”. Ou seja, não se pode engessar o planejamento; ele deve ser construído levando em consideração a realidade de seus alunos, para que possa de fato atender à demanda. Fusari apresenta o seguinte conceito para o planejamento:

É o processo de pensar, de forma "radical", "rigorosa" e "de conjunto", os problemas da educação escolar, no processo ensino-aprendizagem. Consequentemente, planejamento do ensino é algo muito mais amplo e abrange a elaboração, execução e avaliação de planos de ensino (Fusari, 1990, p. 2).

Diante dessa definição, podemos perceber que planejamento é um ato de grande importância na vida do educador. Planejar, em sua totalidade, é refletir o seu fazer, a sua prática pedagógica. Fusari (1990) que afirma, ainda em seu texto, que “o planejamento é uma atitude crítica do educador, diante de seu trabalho docente”, isto é, refletir sobre o seu planejamento, aprimorar o que deu certo, buscar outros meios para o que não deu certo e construir novas perspectivas. O autor incentiva a atenção para não confundirmos o “planejamento do ensino e plano de ensino”, pois quando falamos de plano de ensino, estamos nos referindo a um documento elaborado de forma geral a respeito de uma disciplina, o qual constam informações que nortearam o seu desenvolvimento. Diferente do planejamento de ensino, termo que o autor utiliza para se referir ao plano de aula, no qual detalhamos a aula que estamos preparando, conectando objetivos com o desenvolvimento e assim concretizando o aprendizado.

Assim, Fusari (1990) nos alerta para o cuidado com o planejamento (plano de aula), uma vez que não podemos confundi-lo com plano de ensino, já que os termos planejamento e plano, apesar de serem usados como sinônimos, não os são, necessitando, assim, que o educador tenha plena consciência do que cada um significa e qual o objetivo de cada um deles. Para o autor, o plano de ensino trata-se de “um momento de documentação do processo educacional escolar como um todo. Plano de ensino é, pois, um documento elaborado pelo(s) docente(s), contendo a(s) sua(s) proposta(s) de trabalho, numa área e/ou disciplina específica” (FUSARI, 1990, P 46). O planejamento, por sua vez, é o “processo que circunda a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, compreendendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos” (FUSARI 1990, P. 45). Com essas definições apresentadas pelo autor, percebemos que o plano de ensino e o planejamento são congruentes e não divergentes, um complementa o outro, isso é, o educador bem-preparado, diante do plano de ensino, consegue se apropriar das informações contidas nele e, diante disso, constrói seu planejamento de forma sistematizada e reflexiva, transformando seu cotidiano e o de seus alunos.

A análise da definição de planejamento segundo Fusari (1990) e Sobrinho (1994) como uma atividade contínua em que o ato de planejar se adapta à realidade educacional contemporânea e é ativa. Para Sobrinho (1994) é:

Um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional. Como processo o planejamento não corre em um momento do ano, mas a cada dia. A realidade educacional é dinâmica (Sobrinho, 1994, p. 3).

Diante desta definição de Sobrinho (1994), o que também nos chama atenção é o termo recursos e objetivos, isto dentro da perspectiva da busca pelo equilíbrio entre ambos. Esse apontamento já vem sendo apresentado durante o discorrer do texto, que esse equilíbrio, esse ato de levar em consideração o material didático e os recursos no momento do planejamento é de suma importância para o processo de ensino e aprendizado.

Outra definição importante para o planejamento é apresentada por Libâneo (1991), que fala da “racionalização do trabalho pedagógico”, ou seja, do ato de refletir e pensar o seu trabalho. O autor aponta ainda que é um “processo de sistematização e organização das ações do professor, que articula os conteúdos escolares com o contexto social” (LIBANÊO, 1991). Essa visão de Libâneo é uma vertente de grande relevância, uma vez que o educador precisa levar em consideração o histórico social de seus alunos no momento de construção do planejamento, já que esse aspecto, quando levado em consideração, torna-se transformador.

2.2.1 Planejamento em música

O planejar faz parte do cotidiano do professor, ou certamente deveria fazer. Não só em música como em toda e qualquer disciplina, é vital que haja um planejamento das aulas para que se possa alcançar as metas ou se consiga cumprir com os conteúdos propostos pelo currículo do curso. O que diferencia o planejamento em música das demais disciplinas é volatilidade que alguns conteúdos ou, no nosso caso, alguns instrumentos podem apresentar. No entanto, esse percalço não deve ser transformado em mero pretexto para que não se faça o planejamento, na verdade essa inconstância apresentada por alguns instrumentos, como o canto, deve ser encarada como uma oportunidade de reflexão e aprendizado, na qual o professor tem a oportunidade de estar sempre repensando a sua prática e buscando maneiras de adaptar seu planejamento para assim melhor atender seus alunos. Nesse sentido, Gomes (2010) traz a seguinte afirmação em seu trabalho:

Que ter uma meta, um plano de ensino, facilita muito no desenvolvimento das atividades de sala de aula e que na sala de aula, não somos somente “o professor”, mas estamos aprendendo constantemente com cada reação, cada rejeição ou satisfação dos alunos (Gomes, 2010, p. 2089).

Isso é o planejar. Traçar metas, definir caminhos, organizar estratégias, mapear as situações, registrar o processo e seus resultados. O professor deve se apropriar dessa organização, o momento de preparar suas aulas, pois é desse ponto que vão surgir os materiais necessários ou resultantes do planejamento, seja ele instrucional, seja produto pedagógico, o fato é que se faz primordial na vida do professor. Romanelli (2014) afirma que “o planejamento é uma atribuição do professor que consiste na sistematização do ensino para desenvolver situações educativas, por meio da previsão das ações docentes”. O autor apresenta em sua visão o planejar como um meio sistematizado das ações docentes, ou seja, é um documento que norteará o trabalho em sala de aula. Ele será a bússola que apontará a direção mais apropriada para a execução de suas atividades e, assim, proporcionará o alcance dos objetivos propostos para a disciplina ou para o conteúdo. Romanelli (2014) ainda nos aponta que:

É fundamental que o planejamento apresente os objetivos, os conteúdos e os procedimentos metodológicos do ensino relacionando as exigências educacionais com a realidade dos alunos. Deve ainda garantir unidade e coerência na condução do trabalho docente (Romanelli, 2014, p. 134).

O autor também nos orienta ainda sobre o planejamento, que esse “deve ser flexível, permitindo uma constante atualização, em função dos resultados educacionais verificados”

(ROMANELLI, 2014). O que o autor nos alerta aqui é que devemos pensar em um planejamento que se adapte; deve-se também observar constantemente os resultados obtidos e, assim, buscar outros meios de alcançar os objetivos propostos.

2.3 Pedagogia vocal

A palavra pedagogia tem origem grega, e é composta pela junção das palavras: *paidós* (criança) e *agogé* (educação). Para além do significado etimológico da palavra, o termo pedagogia está intrinsicamente ligado ao ato ou efeito de ensinar, transmitir conhecimento, em suma, a pedagogia trata das relações de ensino aprendizagem, bem como das relações humanas que esse processo envolve. Abbagnano (2007) deixa isso evidente em seu trabalho quando afirma que:

Este termo, que na origem significou prática ou profissão de educador, passou depois a significar qualquer teoria da educação, entendendo-se por teoria não só a elaboração organizada e genérica das modalidades e possibilidades da educação, mas também uma reflexão ocasional ou um pressuposto qualquer da prática educacional (Abbagnano, 2007, p. 871-872).

Nesse sentido, pedagogia trata-se de toda prática educacional, tudo aquilo que está ligado ou que se destina ao ensino. Em se tratando de uma especificidade, quando a pedagogia vem acompanhada ou mesmo pré-determinada por uma disciplina ou conteúdo, como no caso da pedagogia da música, pedagogia do instrumento ou pedagogia da voz, em todos os casos, a pedagogia em questão está ligada ao ensino-aprendizagem musical. Aqui na revisão de literatura, o foco dessa pedagogia é a organização de métodos e meios que possibilitem e contribuam com a prática educacional, desviando um pouco o foco do significado literal da palavra pedagogia, lançando outro olhar para a pedagogia, concentrando-se agora na aplicação, na pedagogia como instrumento de reflexão da prática ou método educacional. Luzuriaga (1990) determina em seu trabalho que

Chamamos pedagogia à reflexão sistemática sobre educação. Pedagogia é a ciência da educação: por ela é que a ação educativa adquire unidade e elevação. Educação sem pedagogia, sem reflexão metódica, seria pura atividade mecânica, mera rotina (Luzuriaga, 1990, p. 2).

Portanto, Durkheim (2011) traz uma outra visão em seu conceito de pedagogia. Para o autor, “A pedagogia não consiste na ação, mas na teoria. Estas teorias explicitam as maneiras de conhecer a educação, e não de praticá-la” (DURKHEIM, 2011, p 74). Em seu trabalho, o autor defende que a pedagogia deve ser vista como instrumento de agrupamento das teorias

educacionais, e não como manual ou maneiras de praticá-las, ou seja, o objeto de estudo da pedagogia deve ser a educação e os assuntos relacionados a ela, e não como praticar essas teorias ou assuntos.

O que percebemos aqui é que, tanto o significado quanto os objetivos da pedagogia têm diversas concepções, e isso ocorre de acordo com o contexto ou concepção que é aplicado. O que fica evidente diante das definições dos autores apresentados é que a pedagogia, por mais que se consiga encaixá-la em diversos contextos, sempre orbitará em volta de um eixo central, que é a educação, quer seja ela na prática ou na teoria, como objeto de reflexão, quer como manual prático. A educação sempre será o ponto chave da pedagogia.

No que tange à música e ao seu ensino, temos também uma variada gama de possibilidades quanto à pedagogia, e cada uma delas carrega sua terminologia, o que nos auxilia na hora de distinguir os objetivos ou objetos que queremos trabalhar. Os nomes mais comumente utilizados para diferenciar a pedagogia no campo da música são: pedagogia do instrumento, pedagogia musical, pedagogia da voz, pedagogia do violão, pedagogia do piano, pedagogia da música e, assim, temos outras diversas possibilidades. Os nomes aqui citados são os mais recorrentes em trabalhos e publicações da área da pedagogia da voz. O foco deste estudo será na pedagogia da voz, uma área de estudo que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões científicas, tanto no campo da fonoaudiologia como no da música. Ao se pensar na pedagogia da voz, como prática educacional, Pedroso (1997) afirma em seu trabalho que:

O professor de canto preocupa-se em estudar toda a modificação da voz humana, pela qual se formam os sons variados, utilizando técnicas vocais para treinar o aluno a adquirir espontaneidade, serenidade, pureza e maleabilidade, aprimorando toda sua sonoridade vocal (Pedroso, 1997, p. 15).

Assim, a pedagogia da voz, por sua vez, deve manter seu olhar no processo em si, em como que se estabelecem as relações de ensino aprendido, em como e quando o professor busca recursos e materiais para elucidar e facilitar a absorção do conteúdo pelo aluno. Ao abordar o tema, Moreira e Ramos (2016) afirmam que a “pedagogia vocal consiste em desenvolver com os coralistas noções básicas de técnica e saúde vocal, em um processo contínuo de construção musical” (MOREIRA; RAMOS, 2016, p 3). Nesse sentido, vemos aqui uma preocupação com a prática vocal do aluno, com o conhecimento técnico que ele deve absorver para que possa fazer uso consciente de seu aparelho vocal. Os autores ainda nos alertam para um aspecto importante no perfil do educador, que precisa possuir certos requisitos ao lidar com a voz infantil.

Para que possa desenvolver todos esses aspectos da Pedagogia Vocal, é fundamental que o regente tenha um sólido conhecimento sobre vozes infantis, isto é, suas possibilidades e limites. Diante de todos esses elementos, podemos afirmar que o regente precisa ter muito cuidado ao trabalhar com vozes infantis, para não ocasionar problemas de saúde vocal decorrentes de esforço na fonação ou de uma produção vocal inadequada (Moreira; Ramos, 2016, p. 3-4).

Nesse sentido, Lakschevtz (2006) apoia Moreira e Ramos (2016) quando se trata de pedagogia, ambos possuem a mesma visão sobre o educador, e acreditam ele que necessita de possuir certos conhecimentos a respeito do aparelho fonador, da voz, desde sua produção até suas particularidades. Isso inclui os conhecimentos musicais e não só fisiológicos, o que é elucidado por Lakschevtz (2006), quando afirma que:

O regente precisa conhecer as vozes com que está trabalhando, e pelo menos ter alguma noção a respeito de seu funcionamento. Geralmente regentes de coro também cantam em outros coros, o que é muito saudável. Tem que se ter cuidado, porém, para não achar que voz infantil funciona exatamente como a voz adulta. Os músculos ainda estão em formação, o que implica em tessitura, volume e até colocações diferentes (Lakschevtz, 2006, p. 39).

Os autores apontam aqui uma questão de extrema seriedade, para reflexão sobre a pedagogia da voz infantil e que pode abranger a pedagogia vocal em geral. Trata-se da escolha dos métodos e da linguagem adequada para o público-alvo. Essa preocupação com a seleção de material adequado e que atenda à demanda, faz toda a diferença nos resultados, uma vez que é preciso criar um ambiente apropriado e com recursos adequados para que o aluno absorva o conteúdo e consolide o aprendizado.

2.4 Material didático instrucional

No universo educacional, a escolha de materiais didáticos instrucionais e de recursos pedagógicos é fundamental para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Esses elementos não apenas facilitam a transmissão de conhecimentos, mas também fomentam a criatividade e o envolvimento dos alunos. Embora não pretendamos delimitar quais materiais ou produtos devem ser utilizados, nosso propósito é oferecer um prospecto geral de algumas opções que têm se mostrado de grande relevância para profissionais da área. Ao explorar essas sugestões, buscamos fornecer orientações que possam auxiliar educadores na seleção de recursos que melhor se adequem às suas necessidades e ao perfil de seus alunos, promovendo um ambiente de aprendizado mais enriquecedor e eficaz.

Para oferecer uma visão mais concreta sobre os materiais didáticos instrucionais e sobre os recursos pedagógicos, selecionamos uma amostra representativa que inclui nove livros e quatro produtos pedagógicos de destaque. Esses materiais foram escolhidos com base em sua importância e aplicabilidade no contexto educacional atual. Cada livro foi selecionado por seu potencial para enriquecer o conhecimento dos alunos e apoiar a prática docente, enquanto os produtos pedagógicos foram escolhidos por sua capacidade de promover a interação e o engajamento em sala de aula. Ao discorrer sobre essas escolhas, nosso objetivo é fornecer aos profissionais da educação uma base sólida de referências e de ferramentas que podem ser integradas de maneira eficiente em suas práticas pedagógicas, contribuindo, assim, para um ensino mais estimulante e operativo.

2.4.1 Canto popular brasileiro - Marcos Leite

Canto Popular Brasileiro, de Marcos Leite, é uma obra que se destaca como um recurso para a compreensão da diversidade musical do Brasil. Publicado em 2012, o livro oferece uma análise profunda e abrangente da música popular brasileira, explorando desde os seus fundamentos históricos até as manifestações contemporâneas. Marcos Leite não apenas examina os principais ritmos brasileiros, como samba, toadas, bossa nova e pop urbano, mas também dedica uma atenção especial aos exercícios vocais e às técnicas que são fundamentais para a prática musical nesses estilos.

Figura 5 - Capa do livro Canto Popular Brasileiro de Marcos Leite



Fonte: LEITE, 2010

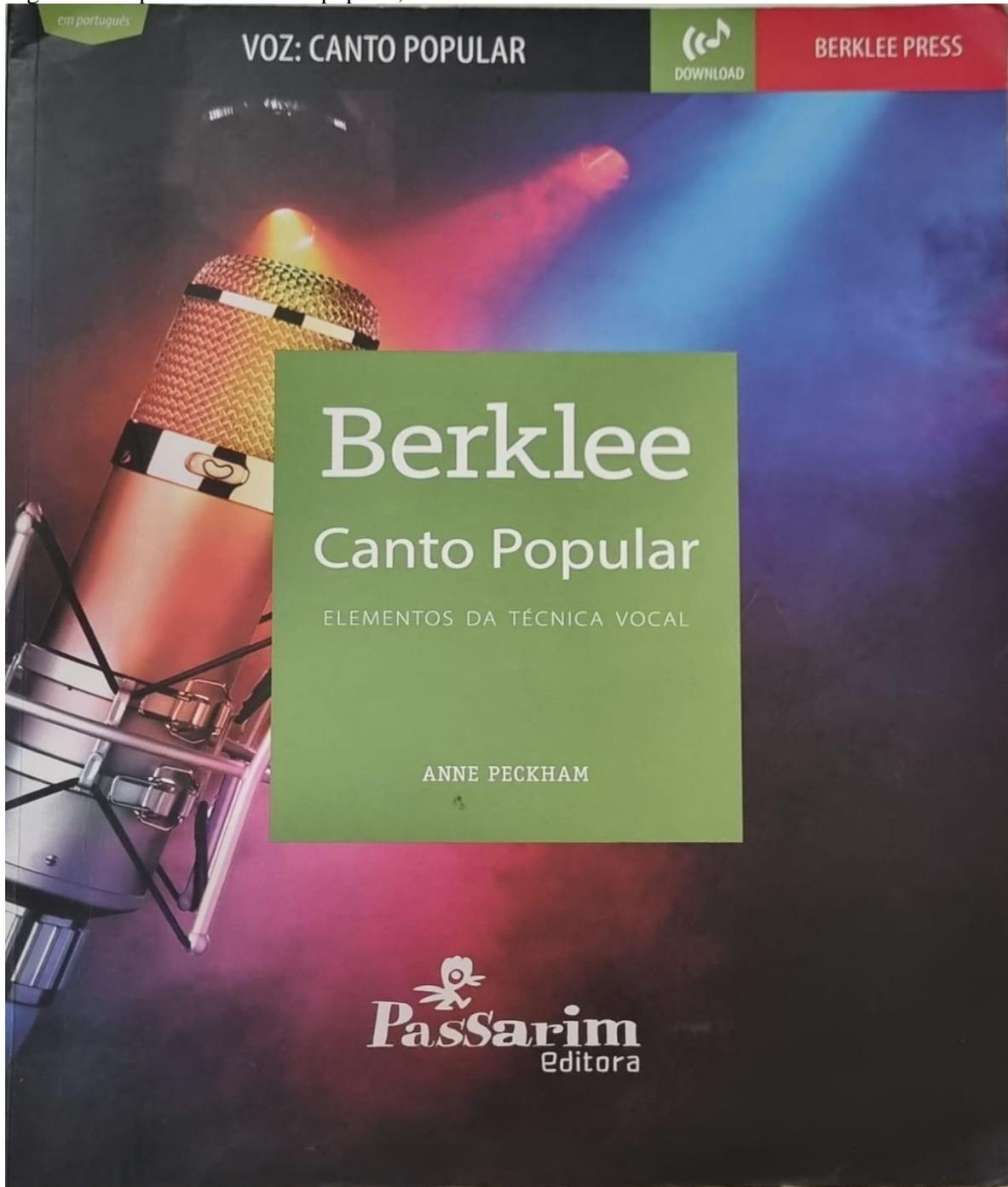
A obra é estruturada para destacar a pluralidade cultural do Brasil, apresentando uma variedade de possibilidades musicais que refletem a rica tapeçaria cultural do país. Leite explora como diferentes estilos musicais, cada um com suas características únicas interage e contribui para a identidade musical brasileira. A análise inclui a influência do samba e das suas variações, a sofisticação da bossa nova, a diversidade das toadas e a evolução do pop urbano, promovendo uma visão detalhada de como esses gêneros se entrelaçam e evoluem.

Além disso, o livro inclui exercícios vocais projetados para auxiliar músicos e estudantes no desenvolvimento de suas habilidades, proporcionando ferramentas práticas para a execução e para a interpretação dos ritmos brasileiros. *Canto Popular Brasileiro* é uma leitura importante para quem deseja entender a complexidade e a riqueza da música popular no Brasil, oferecendo *insights* valiosos sobre a prática musical e a importância cultural dos diferentes gêneros.

2.4.2 Canto popular, elementos da técnica vocal - Anne Peckham

O livro "*Canto Popular: Elementos da Técnica Vocal*", de Anne Peckham, representa uma contribuição significativa ao campo da pedagogia vocal, particularmente no contexto do canto popular. A obra é um recurso valioso para a compreensão e aplicação das técnicas vocais específicas para esse gênero musical, oferecendo uma abordagem detalhada e prática que pode ser utilizada para o planejamento de aulas e desenvolvimento de currículos de cantores e professores de canto. Uma renomada especialista em técnicas vocais com uma sólida formação acadêmica e experiência prática, explora de forma abrangente os componentes essenciais da técnica vocal. A obra aborda aspectos fundamentais como respiração, ressonância, articulação e controle da voz, estruturando o conteúdo de maneira a facilitar a aplicação prática dos conceitos. Peckham oferece não apenas uma base teórica robusta, mas também exercícios e práticas recomendadas que são fundamentais para o aprimoramento das habilidades vocais.

Figura 6 - Capa do livro Canto popular, elementos da técnica vocal - Anne Peckham



Fonte: PECKHAM, 2017

A obra se destaca como um referencial valioso para o planejamento de aulas de canto popular, proporcionando um guia prático e teórico que pode ser incorporado aos currículos educacionais. A abordagem prática adotada por Peckham permite que os professores desenvolvam atividades e exercícios direcionados às necessidades específicas dos alunos, enquanto a fundamentação teórica oferece uma base sólida para a compreensão e aplicação dos

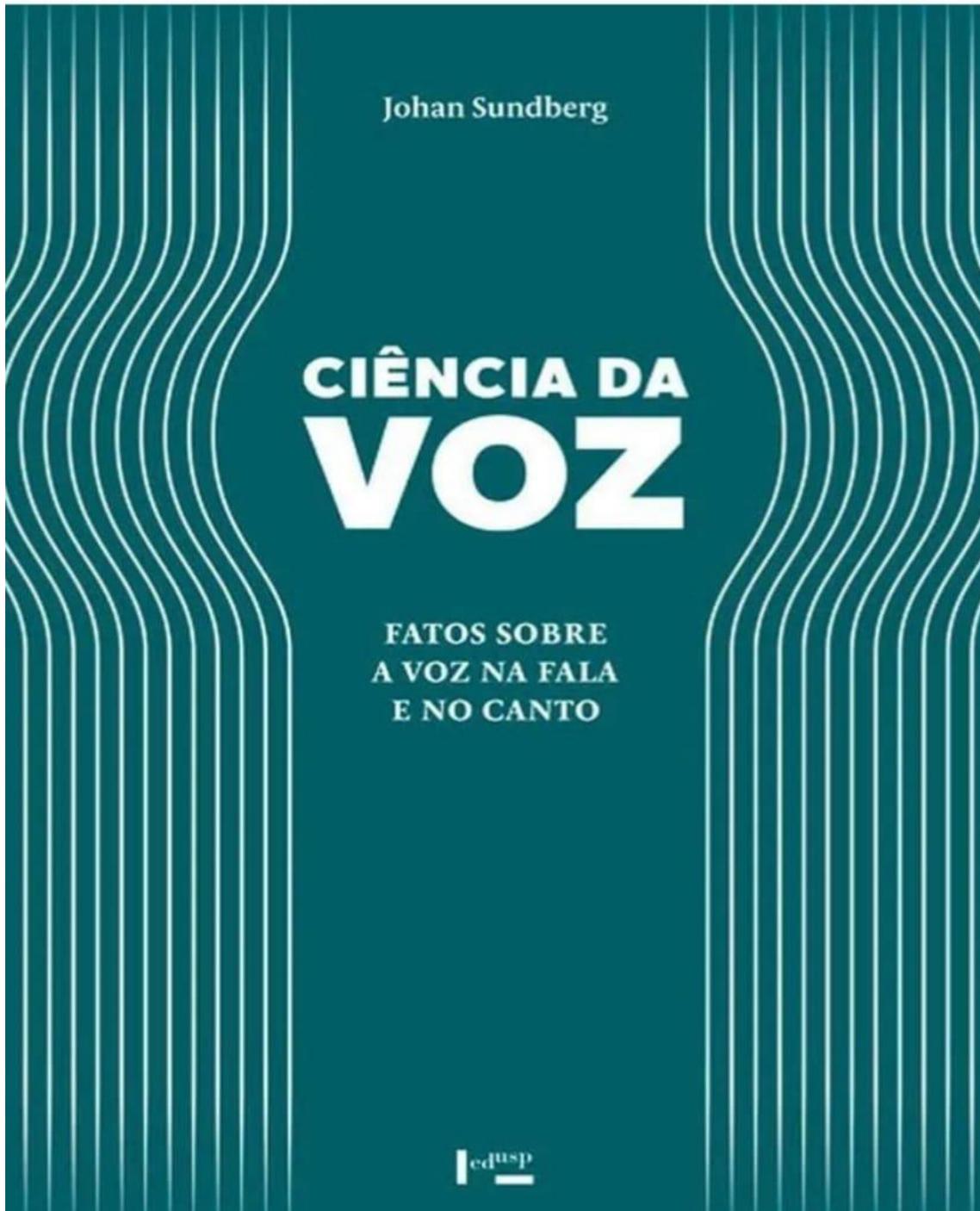
princípios técnicos. Além disso, O livro inclui sugestões para a interpretação de diversos estilos dentro do canto popular, o que pode ser particularmente útil na elaboração de planos de aula que abordam diferentes gêneros musicais. A obra também contribui para o planejamento ao oferecer estratégias para melhorar a expressividade e o desempenho vocal, aspectos essenciais para a formação de cantores versáteis e tecnicamente proficientes. A autora com sua experiência e conhecimento na área, oferece através desta obra um recurso proveitoso, que não só apoia o desenvolvimento técnico dos alunos, mas também serve como um guia prático para professores que buscam enriquecer suas abordagens pedagógicas. Assim, "*Canto Popular: Elementos da Técnica Vocal*" é um referencial para a criação de currículos e planos de aula que visam à excelência na prática do canto popular.

2.4.3 Ciência da voz: Fatos sobre a voz na fala e no canto - Johan Sundberg

Esse material, escrito por Johan Sundberg e traduzido por Gláucia Lais Salomão, é uma obra que aborda a compreensão científica da voz humana. O livro versa de maneira abrangente sobre os aspectos fisiológicos e acústicos da produção vocal, oferecendo uma análise detalhada que engloba tanto a fala quanto o canto. Johan Sundberg, renomado professor e pesquisador na área da fonética, explora os mecanismos que sustentam a produção da voz, incluindo a anatomia e a fisiologia do sistema vocal, a acústica envolvida e a percepção da voz. O livro é estruturado para fornecer uma base sólida tanto para leitores com interesse acadêmico quanto prático, apresentando tanto explicações teóricas quanto aplicações práticas.

A importância de "*Ciência da Voz*" para o planejamento pedagógico das aulas é notável, visto que a obra oferece *insights* valiosos que podem ser incorporados ao currículo de ensino de canto e de fonoaudiologia. Para professores de canto e educadores vocais, o livro fornece um conhecimento científico essencial que pode ser utilizado para desenvolver métodos de ensino mais proveitosos. Com uma compreensão profunda dos mecanismos vocais e dos fatores que influenciam a produção vocal, os educadores podem criar atividades e exercícios mais informados e direcionados, promovendo um aprendizado mais claro para os alunos. Além disso, o livro contribui para o planejamento pedagógico ao oferecer uma base teórica sólida que pode ser aplicada diretamente ao desenvolvimento de técnicas vocais. A compreensão dos aspectos acústicos e fisiológicos da voz permite que os educadores identifiquem e abordem desafios técnicos e artísticos que os alunos podem enfrentar. Essa abordagem científica não só enriquece a prática pedagógica, mas também facilita a identificação de estratégias personalizadas para melhorar a performance vocal dos alunos.

Figura 7 - Capa do livro *Ciência da voz: Fatos sobre a voz na fala e no canto* - Johan Sundberg



Fonte: Sundberg, 2022

A tradução de Gláucia Lais Salomão torna o trabalho de Sundberg acessível ao público de língua portuguesa, ampliando e disseminando o conhecimento científico sobre a voz. Esta tradução é crucial para que o conteúdo seja aproveitado em contextos educacionais e profissionais em países de língua portuguesa, oferecendo aos educadores e aos profissionais da voz uma ferramenta de referência valiosa.

Em resumo, "*Ciência da Voz: Fatos sobre a Voz na Fala e no Canto*" é um recurso indispensável para o planejamento pedagógico, pois fornece uma base científica sólida que pode ser utilizada para aprimorar as práticas de ensino e de treinamento vocal. A obra de Johan Sundberg, complementada pela tradução de Gláucia Lais Salomão, é uma referência essencial para a formação de professores de canto e profissionais da voz, enriquecendo a compreensão e a prática pedagógica na área vocal.

2.4.4 O canto Lírico contemporâneo - Marconi Araújo

A obra *Canto Lírico Contemporâneo*, de Marconi Araújo, apresenta-se como uma contribuição significativa para a bibliografia utilizada no planejamento de aulas de canto. Este livro oferece uma abordagem técnica e prática que pode ser de grande valia para educadores no campo da música. O livro de Araújo trata, de maneira detalhada, as técnicas vocais fundamentais para o canto lírico contemporâneo, incluindo exercícios de vocalização e de controle respiratório. Este enfoque técnico proporciona uma base sólida que pode ser diretamente aplicada na elaboração de planos de aula. Ao integrar estas técnicas na prática pedagógica, os educadores têm a possibilidade de promover um desenvolvimento técnico consistente entre os alunos. Outro aspecto relevante do livro versa sobre a interpretação musical, um componente essencial no canto lírico. Araújo explora como os cantores podem aprimorar a expressividade e a conexão emocional com a música e o texto. Esta perspectiva, interpretativa é importante para a formação integral do aluno, permitindo aos educadores olhar não apenas a técnica vocal, mas também o desenvolvimento da expressão artística nas aulas.

Figura 8 - Capa do livro O canto Lírico contemporâneo - Marconi Araújo



Fonte: Araújo, 2019

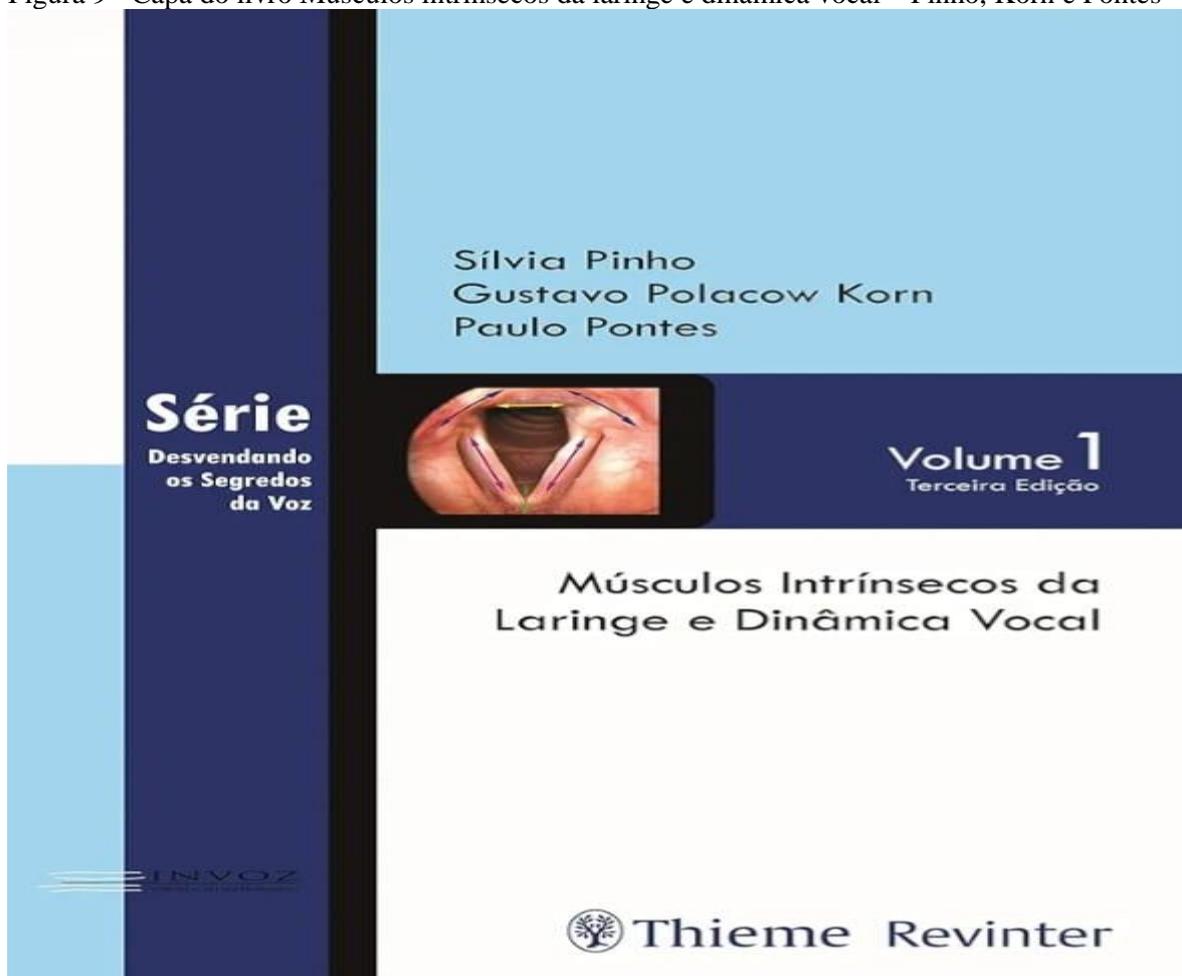
Adicionalmente, por ser uma obra contemporânea, *Canto Lírico Contemporâneo* reflete as práticas e as tendências atuais no campo do canto lírico. Este aspecto é crucial para garantir que os métodos de ensino estejam atualizados e alinhados com os padrões contemporâneos da área. A clareza e a acessibilidade da escrita de Araújo facilitam a compreensão e a aplicação dos conceitos abordados, tornando o livro uma ferramenta prática para os educadores.

Portanto, *Canto Lírico Contemporâneo* é um recurso relevante para a formação de professores de canto lírico, oferecendo uma combinação de técnica, de prática e de interpretação que podem enriquecer o planejamento de aulas. Sua inclusão na bibliografia sugerida para cursos e treinamentos na área de canto lírico pode contribuir para uma atuação pedagógica mais completa e atualizada.

2.4.5 Músculos intrínsecos da laringe e dinâmica vocal – Pinho, Korn e Pontes

A obra *Músculos Intrínsecos da Laringe e Dinâmica Vocal - Vol. 1*, escrita por Sílvia Pinho, Gustavo Palacow Korn e Paulo Pontes, representa uma contribuição significativa para o estudo da anatomia e da fisiologia vocal. Este volume, focado na compreensão dos músculos intrínsecos da laringe e na sua influência na dinâmica vocal, oferta uma base teórica e prática essencial para profissionais da voz, incluindo professores de canto.

Figura 9 - Capa do livro *Músculos intrínsecos da laringe e dinâmica vocal* – Pinho, Korn e Pontes



Fonte: Pinho *et al.*, 2019

O livro proporciona uma análise detalhada da anatomia dos músculos intrínsecos da laringe, cuja compreensão é fundamental para a produção e modulação da voz. Esses músculos desempenham um papel crucial na manipulação do tom e da qualidade vocal, e, através de um conhecimento aprofundado sobre sua função, permite que os profissionais desenvolvam práticas pedagógicas e clínicas mais eficazes. Com uma visão anatômica, a obra

explora a dinâmica vocal associada a esses músculos, apresentando *insights* sobre como a interação muscular influencia a produção de diferentes tons e a modulação da voz. Este entendimento é particularmente relevante para professores de canto, que necessitam aplicar essas informações na prática pedagógica para melhorar a técnica vocal de seus alunos e promover um desenvolvimento vocal saudável.

Os autores Pinho, Korn e Pontes são reconhecidos por suas contribuições acadêmicas e práticas na área da voz. Suas colaborações resultam em um texto que integra teoria e aplicação prática, proporcionando uma ferramenta valiosa para a formação de educadores na área do canto. Para professores nessa área, a compreensão detalhada da fisiologia do aparelho fonador é essencial por várias razões; em primeiro lugar, um conhecimento profundo permite um planejamento mais eficiente das aulas, possibilitando a criação de exercícios que atendam às necessidades individuais dos alunos, e promovem um desenvolvimento técnico adequado; em segundo lugar, a capacidade de identificar e corrigir problemas vocais com precisão é aprimorada por este conhecimento, facilitando a intervenção adequada em casos de dificuldades vocais. O entendimento da fisiologia vocal contribui para a prevenção de lesões e para a promoção de práticas vocais seguras. Professores bem-informados podem orientar seus alunos quanto ao uso adequado da voz, quanto às técnicas de aquecimento e resfriamento e às estratégias para evitar sobrecarga vocal.

Assim, *Músculos Intrínsecos da Laringe e Dinâmica Vocal, Vol. 1* constitui-se como um recurso imprescindível para profissionais da voz, trazendo uma fundamentação teórica robusta e fornecendo perspectivas práticas para a aplicação pedagógica e terapêutica. A assimilação de conhecimento detalhado sobre a anatomia e a funcionalidade do aparelho fonador é fundamental para a elaboração e execução eficaz das aulas de canto, possibilitando uma visão mais esclarecida e segura na instrução técnica vocal.

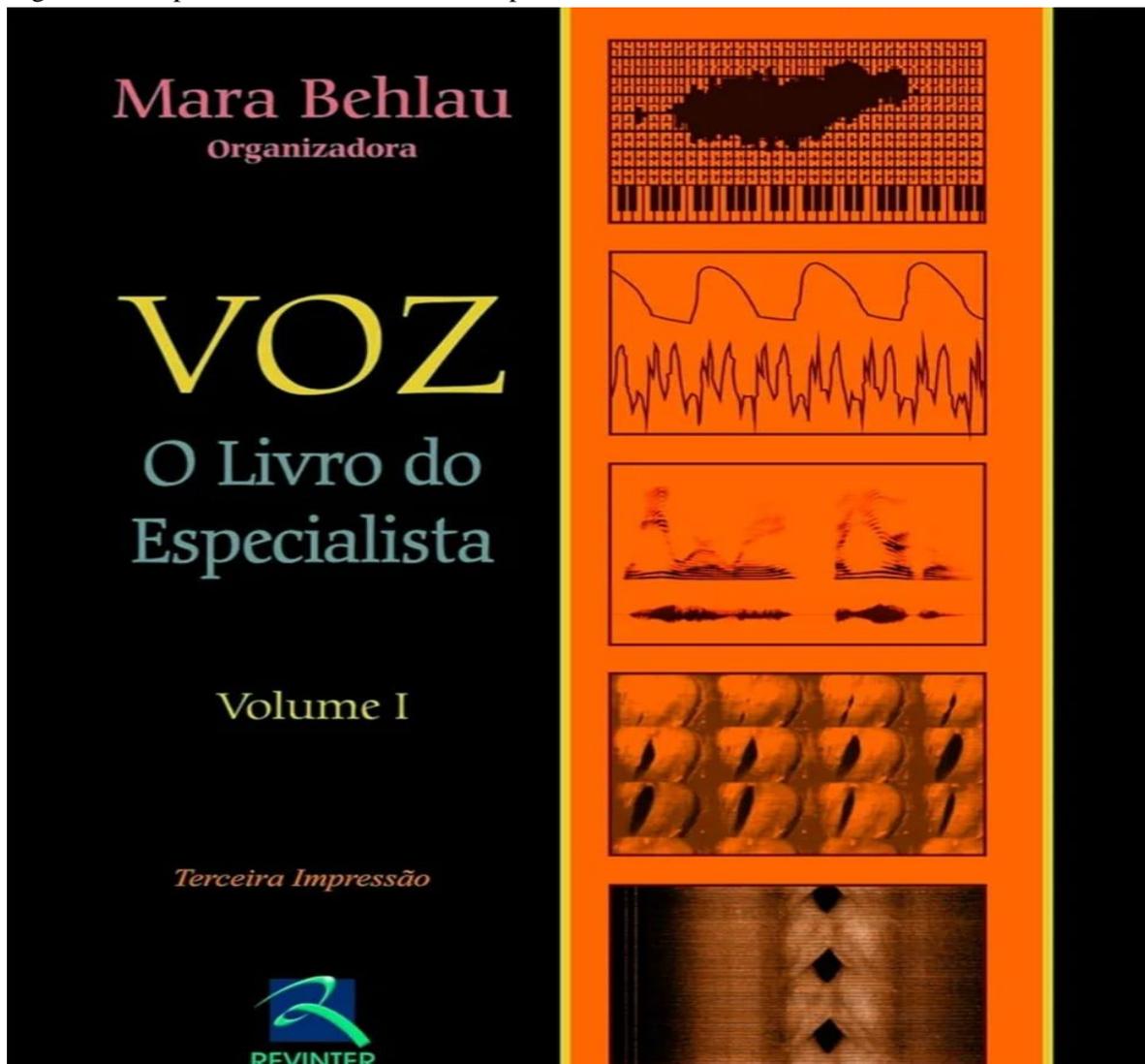
2.4.6 Voz: o livro do especialista - Maura Behlau

Voz: O Livro do Especialista, de Mara Behlau, representa uma obra de referência no campo da fonoaudiologia e pedagogia vocal, propiciando uma análise aprofundada tanto teórica quanto técnica sobre a voz. Mara Behlau, renomada especialista na área, proporciona uma compreensão detalhada dos aspectos anatômicos e fisiológicos do aparelho fonador, integrando conhecimentos científicos com práticas clínicas e pedagógicas.

A obra explora extensivamente a anatomia e a fisiologia da voz, apresentando uma revisão completa dos sistemas respiratório, fonatório e articulatório. Através de uma análise

rigorosa e baseada em evidências, Behlau detalha os mecanismos que sustentam a produção e a modulação vocal, proporcionando aos leitores uma compreensão sólida dos processos fisiológicos envolvidos. Este aspecto teórico é crucial para o desenvolvimento de práticas profissionais informadas e fundamentadas. No âmbito técnico, *Voz: O Livro do Especialista* apresenta um enfoque prático para a avaliação e para o tratamento de disfunções vocais. Behlau descreve metodologias avançadas para a análise da qualidade vocal e das técnicas diagnósticas precisas, além de estratégias terapêuticas eficazes para a reabilitação de problemas vocais. A obra também aborda metodologias pedagógicas voltadas para o ensino da técnica vocal, apresentando orientações detalhadas para a elaboração de planos de aula e de exercícios que atendam às necessidades específicas dos alunos. Essa integração de teoria e prática permite uma aplicação efetiva das técnicas no contexto clínico e educacional.

Figura 10 - Capa do livro *Voz: o livro do especialista* - Maura Behlau



Fonte: Behlau, 2019

As contribuições de Mara Behlau são significativas e amplamente reconhecidas na área da voz. Sua expertise é refletida na profundidade e clareza com que aborda os temas, fazendo de *Voz: O Livro do Especialista* um recurso valioso para profissionais da voz. A obra não só enriquece a compreensão teórica dos mecanismos vocais, mas também fornece ferramentas práticas que facilitam a avaliação e o tratamento de disfunções, além de oferecer suporte na formação pedagógica de professores de canto. A importância do livro para os profissionais da voz reside na sua capacidade de fornecer uma base teórica robusta e aplicável, que é essencial para a prática clínica e pedagógica. A obra promove uma abordagem informada e fundamentada, permitindo aos profissionais otimizar suas práticas, melhorar a qualidade vocal de seus pacientes e alunos, e prevenir lesões vocais. Dessa forma, *Voz: O Livro do Especialista* consolida-se como uma referência indispensável para a formação contínua e para o desenvolvimento profissional na área da voz.

2.4.7 Práticas de Ensinar Música. Org. Teresa Mateiro e Jusamara Souza

O livro *Práticas de Ensinar Música*, organizado por Teresa Mateiro e Jusamara Souza, é uma obra de grande importância no campo da educação musical, abordando de forma abrangente e prática sobre o ensino da música. Esta publicação é especialmente relevante para educadores e profissionais envolvidos no planejamento e na execução de aulas de música, proporcionando *insights* valiosos e estratégias eficazes para a prática pedagógica. A obra explora detalhadamente diferentes metodologias de ensino, abordando desde métodos tradicionais até abordagens contemporâneas. Este aspecto é crucial para o planejamento das aulas, pois permite aos educadores selecionar e adaptar técnicas pedagógicas que melhor se adequem às necessidades e aos contextos dos seus alunos. A diversidade de metodologias discutidas no livro enriquece o repertório dos educadores, facilitando a implementação de práticas pedagógicas variadas e inovadoras.

Figura 11 - Capa do livro Práticas de Ensinar Música. Org. Teresa Mateiro e Jusamara Souza



Fonte: MATEIRO; SOUZA, 2014

Além disso, o livro traz orientações sobre o planejamento e a organização das aulas, fornecendo diretrizes práticas para estruturar atividades de ensino de música. A capacidade de organizar aulas de forma eficiente e eficaz é fundamental para alcançar os objetivos pedagógicos e garantir uma experiência de aprendizado coesa e enriquecedora. As estratégias apresentadas por Mateiro e Sousa permitem aos educadores desenvolver planos de aula bem-elaborados, que atendam às necessidades educativas dos alunos e promovam um ambiente de aprendizado produtivo. A obra também se debruça sobre o desenvolvimento das habilidades

musicais dos alunos, apresentando métodos para aprimorar aspectos técnicos e expressivos da música. A inclusão de estratégias voltadas para o desenvolvimento integral dos alunos contribui para a criação de experiências musicais que favorecem o crescimento técnico e criativo, essenciais para a formação musical abrangente.

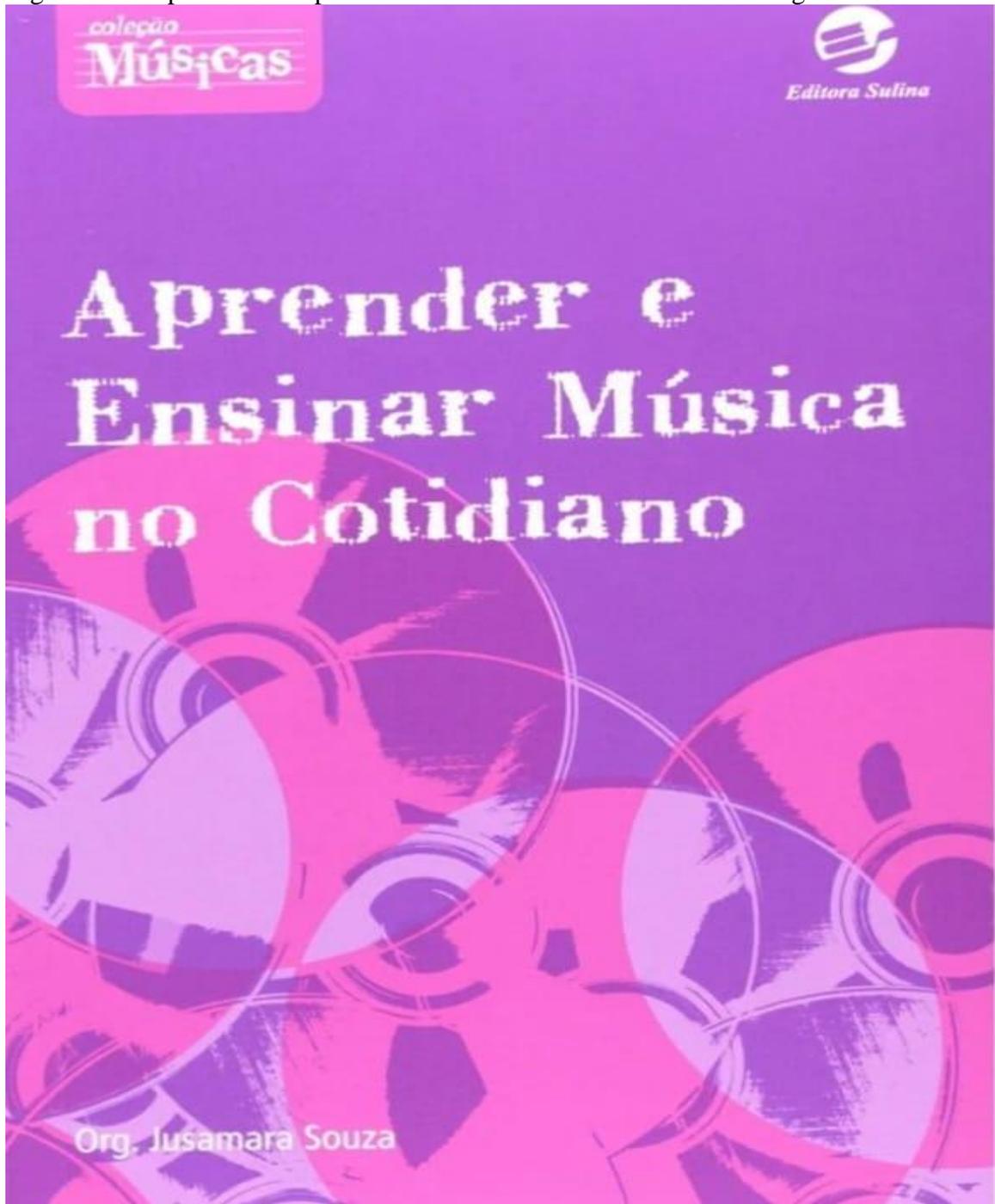
Outro aspecto relevante abordado no livro é a avaliação e o *feedback*, que são fundamentais para o monitoramento do progresso dos alunos e a melhoria contínua do processo de ensino. A obra discute métodos de avaliação e estratégias para fornecer feedback construtivo, permitindo aos educadores ajustarem suas práticas pedagógicas conforme necessário e promoverem um ambiente de aprendizado dinâmico e responsivo. Por fim, a obra enfatiza a importância da inclusão e da diversidade no ensino da música, promovendo práticas pedagógicas que respeitam e valorizam as diferentes experiências culturais e individuais dos alunos. Este enfoque inclusivo é essencial para criar um ambiente de aprendizado que celebra a diversidade e promove a equidade no ensino musical.

Em suma, "*Práticas de Ensinar Música*" é um recurso indispensável para o planejamento e a execução de aulas de música. A integração de teoria e prática oferecida pelos organizadores, Teresa Mateiro e Jussamara Sousa, proporciona aos educadores ferramentas e estratégias valiosas para aprimorar sua prática pedagógica, atender às necessidades dos alunos e promover uma educação musical eficaz e inclusiva.

2.4.8 Aprender e Ensinar Música no Cotidiano. Org. Jusamara Souza

Aprender e Ensinar Música no Cotidiano, organizado por Jussamara Sousa, é uma obra essencial para a reflexão e para o aprimoramento do planejamento pedagógico em educação musical. Esse livro oferece uma perspectiva inovadora sobre a integração da música na vida cotidiana e explora como a prática musical pode ser efetivamente incorporada em contextos além do ambiente escolar tradicional. A obra examina de forma aprofundada a importância da música no cotidiano, destacando como ela pode ser incorporada de maneira prática nas atividades diárias dos indivíduos. Esse enfoque é fundamental para repensar o planejamento pedagógico, pois sugere que a educação musical não deve se restringir apenas ao ambiente escolar, mas pode e deve ser vivenciada em diversos contextos da vida diária.

Figura 12 - Capa do livro Aprender e Ensinar Música no Cotidiano. Org. Jusamara Souza



Fonte: Souza, 2016

Um dos principais aportes do livro está nas metodologias e práticas pedagógicas discutidas. *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano* apresenta uma variedade de enfoques que podem ser aplicadas em ambientes não convencionais, como grupos comunitários, oficinas e atividades extracurriculares. Para os educadores, essa diversidade metodológica apresenta novas ferramentas e estratégias que podem ser incorporadas ao planejamento pedagógico, permitindo uma adaptação mais flexível e contextualizada das práticas de ensino musical. Além

disso, o livro inclui relatos e estudos de caso que ilustram como a música é utilizada na prática cotidiana. Esses exemplos concretos servem como fonte de inspiração e reflexão para os educadores, fornecendo reflexões sobre a implementação das metodologias discutidas. Através desses casos práticos, os profissionais da educação musical podem refletir sobre como adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades dos alunos em diferentes contextos.

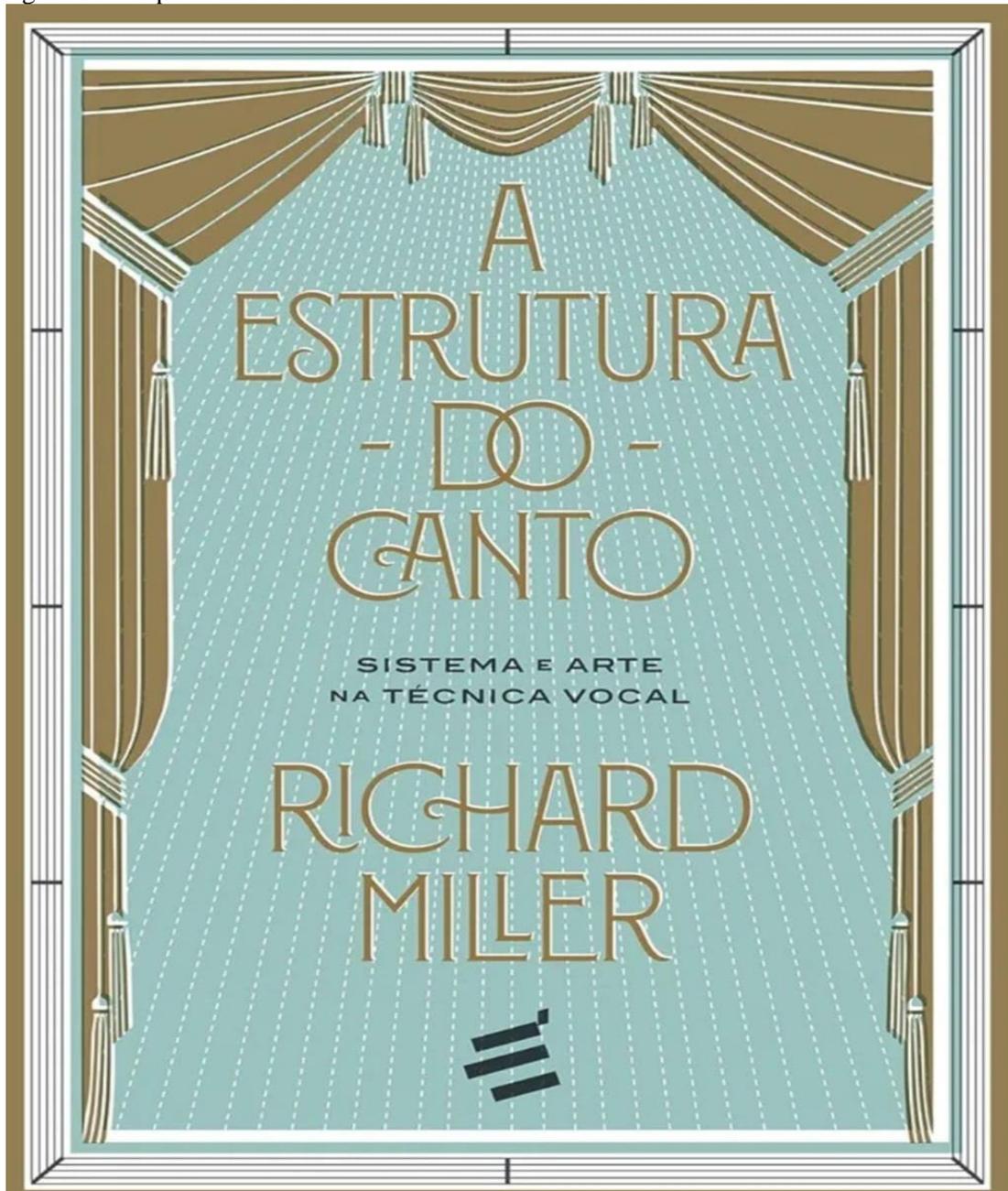
A ênfase no desenvolvimento da criatividade e da expressão musical é outro aspecto relevante na obra. *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano* sugere que o planejamento pedagógico deve considerar não apenas os aspectos técnicos da música, mas também o fomento à criatividade e à expressão individual dos alunos. Esse enfoque contribui para a criação de experiências de aprendizado mais enriquecedoras e significativas. A obra também trata da inclusão e da diversidade, aspectos essenciais para o planejamento pedagógico. Ela ainda discute como adaptar as práticas pedagógicas para atender às diferentes necessidades e aos diferentes contextos culturais dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem que valorize e respeite a diversidade. Este enfoque é crucial para garantir que a educação musical seja acessível e relevante para todos os alunos.

Aprender e Ensinar Música no Cotidiano oferece contribuições pertinentes a reflexão e o aprimoramento do planejamento pedagógico em educação musical. A obra não apenas proporciona novas metodologias e práticas para o ensino da música, mas também destaca a importância de integrar a música no cotidiano dos alunos e de criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e diversificado. Ao incorporar essas perspectivas, os educadores podem desenvolver planos de aula mais eficazes e adaptados às necessidades reais dos alunos, promovendo uma educação musical mais frutífera e impactante.

2.4.9 A estrutura do Canto: sistema e arte na técnica vocal - Richard Miller

A Estrutura do Canto: Sistema e Arte na Técnica Vocal, de Richard Miller, é uma obra fundamental que proporciona uma análise detalhada e científica da técnica vocal, sendo de grande relevância para o planejamento e a prática pedagógica de professores de canto. O livro destaca-se por integrar um enfoque teórico robusto com práticas aplicáveis, ocasionando uma compreensão aprofundada dos mecanismos que sustentam a produção e o controle vocal.

Figura 13 - Capa do livro A estrutura do Canto: sistema e arte na técnica vocal - Richard Miller



Fonte: Miller, 2019

Miller explora minuciosamente a anatomia e a fisiologia do aparato fonador, elucidando como os diversos componentes do sistema vocal, como a laringe, as cordas vocais e o sistema respiratório interagem para a emissão e modulação da voz. Esse conhecimento teórico é crucial para os professores de canto, pois permite a compreensão detalhada dos fundamentos técnicos sobre a voz. Entender esses princípios possibilita aos educadores diagnosticarem e abordarem problemas vocais com maior precisão, além de fundamentar o desenvolvimento de planos de aula que promovam uma técnica vocal sólida e saudável. A obra também examina o equilíbrio entre técnica e expressão artística no canto, abordando como esses

dois aspectos se inter-relacionam. Miller enfatiza a importância de cultivar tanto a habilidade técnica quanto a capacidade de interpretação e de expressão musical. Para os educadores, essa perspectiva é essencial ao planejar aulas, pois sugere a necessidade de um currículo que não apenas foque no aperfeiçoamento técnico dos alunos, mas também encoraje a criatividade e a expressão pessoal. Essa integração de técnica e arte enriquece o processo de ensino, tornando-o mais abrangente e adaptado às necessidades dos alunos.

O livro fornece uma variedade de métodos e exercícios práticos destinados a aprimorar diferentes aspectos da técnica vocal, como controle da respiração, ressonância e projeção. Esses exercícios são ferramentas que os professores possam incorporar em seus planos de aula, permitindo uma abordagem personalizada e eficaz do ensino. A inclusão de tais métodos possibilita a adaptação do ensino às necessidades individuais dos alunos e promove um desenvolvimento técnico mais eficiente. Outra contribuição importante de Miller é a inclusão de ferramentas e de métodos para a análise e para o diagnóstico de problemas vocais. A capacidade de identificar e corrigir dificuldades técnicas é essencial para a prática pedagógica, e as estratégias oferecidas por Miller ajudam os professores a ajustarem suas práticas pedagógicas conforme as necessidades específicas de cada aluno. Essa sistemática melhora a eficácia do ensino e contribui para a manutenção da saúde vocal dos alunos.

Em síntese, *A Estrutura do Canto: Sistema e Arte na Técnica Vocal* apresenta uma base sólida para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes no ensino do canto. A combinação de teoria detalhada, métodos práticos e estratégias de diagnóstico contribui significativamente para o planejamento e para a execução de aulas de canto, proporcionando aos professores ferramentas essenciais para promover um ensino técnico e artístico abrangente e eficiente.

2.5 Produtos pedagógicos

2.5.1 Shaker New

O Aparelho Shaker New é um dispositivo inovador projetado para o treinamento respiratório, com aplicações particularmente benéficas para cantores e profissionais da voz. Este aparelho foi desenvolvido para aprimorar a eficiência respiratória e o controle do fluxo de ar, elementos essenciais para a técnica vocal eficaz. O funcionamento do Shaker New baseia-se em um sistema de ajuste, que simula a oposição ao fluxo de ar durante a expiração. Ao

utilizar o aparelho, o usuário enfrenta uma carga controlada que exige um esforço maior dos músculos, incluindo o diafragma e os músculos intercostais, e amplia a capacidade pulmonar.

Figura 14 - Aparelho Shaker New



Fonte: Disponível em: <https://www.ncsdoBrasil.com/shaker>

Uma das principais contribuições do Shaker New para o canto é o fortalecimento dos músculos respiratórios. O uso contínuo do aparelho resulta em um controle mais preciso do fluxo de ar e em uma maior estabilidade na emissão vocal. A melhoria da capacidade pulmonar é outra vantagem significativa, permitindo aos cantores sustentarem notas mais longas e alcançar uma ressonância vocal aprimorada. Além disso, o dispositivo promove um controle mais eficaz do fluxo de ar, fundamental para a produção de um som consistente e bem-modulável. O aprimoramento desse controle também contribui para evitar tensões vocais causadas por um fluxo de ar inadequado, um fator crucial na prevenção de problemas vocais relacionados ao uso incorreto da respiração.

O Shaker New também desempenha um papel importante no suporte à técnica vocal. Uma respiração bem-coordenada e eficiente é crucial para a execução de técnicas vocais avançadas, como o canto em registros elevados e a realização de passagens rápidas e complexas. O fortalecimento da musculatura respiratória e a melhoria do controle do fluxo de ar permitem uma técnica vocal mais refinada e controlada. Para professores de canto e treinadores vocais, o Shaker New representa uma ferramenta que pode ser incorporada ao treinamento dos alunos. O aparelho pode ser utilizado em sessões práticas para reforçar a importância de uma respiração

adequada e auxiliar no desenvolvimento de uma técnica vocal mais robusta. Além disso, pode ser ajustado para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo um desenvolvimento técnico mais direcionado e eficiente.

2.5.2 Respirom Classic

O Respirom é um dispositivo de treinamento respiratório avançado, projetado para otimizar a capacidade e a eficiência respiratória. Semelhante ao Shaker New, outro aparelho de treino respiratório, o Respirom oferece diversas vantagens que são particularmente úteis para cantores e para profissionais da voz. Ambos os dispositivos têm o objetivo de aprimorar a técnica respiratória, mas cada um possui características distintas que contribuem para o desenvolvimento da técnica vocal de maneira complementar. O Respirom opera criando uma resistência controlada ao fluxo de ar durante a inspiração e expiração. Este mecanismo promove o fortalecimento dos músculos respiratórios, como o diafragma e os músculos intercostais, e aumenta a capacidade pulmonar. A resistência ajustável permite uma adaptação gradual e personalizada do treinamento, tornando o aparelho adequado para diferentes níveis de habilidade e de necessidades individuais.

Figura 15 - Aparelho Respirom Classic



Fonte: Disponível em: <https://www.ncsdoBrasil.com/new-shaker>

Entre os principais benefícios do Respirom estão o fortalecimento da musculatura respiratória, a melhoria da capacidade pulmonar e o aprimoramento do controle do fluxo de ar.

Esses aspectos são essenciais para a técnica vocal, pois uma respiração eficiente e bem controlada contribui para a sustentação de notas prolongadas e para uma emissão vocal mais consistente e controlada. Além disso, o Respirom auxilia na prevenção de problemas vocais, promovendo uma prática respiratória saudável e reduzindo o risco de lesões. O Shaker New, por sua vez, também se destaca pelo fortalecimento dos músculos respiratórios e pela melhoria da capacidade pulmonar. Ele utiliza um sistema de resistência ajustável para criar um desafio adicional durante a respiração, similar ao que é oferecido pelo Respirom. Esse processo resulta no controle mais preciso do fluxo de ar e na promoção de uma técnica vocal robusta. Ambos os aparelhos proporcionam um suporte valioso para a prática vocal, ajudando os cantores a desenvolverem habilidades técnicas essenciais.

Para os professores de canto, o conhecimento e a orientação quanto ao uso do Respirom e do Shaker New são fundamentais. A familiaridade com esses dispositivos permite que os educadores integrem eficazmente as ferramentas de treinamento respiratório nas aulas, oferecendo exercícios personalizados que atendam às necessidades específicas de cada aluno. A utilização desses aparelhos não só aprimora a técnica respiratória dos estudantes, mas também promove um desenvolvimento vocal mais equilibrado e saudável. Além disso, ao empregar o Respirom e o Shaker New em suas práticas pedagógicas, os professores podem enfatizar a importância de uma respiração adequada e eficiente, aspectos cruciais para a técnica vocal. A capacidade de ajustar a resistência e adaptar os exercícios às necessidades individuais dos alunos contribui para uma abordagem de ensino mais direcionada e eficaz.

Em suma, tanto o Respirom quanto o Shaker New são ferramentas valiosas para o treinamento respiratório e para o desenvolvimento da técnica vocal. Cada um oferece benefícios específicos que podem complementar-se, promovendo um fortalecimento abrangente da musculatura respiratória e um aprimoramento da capacidade pulmonar. O papel do professor de canto em conhecer e orientar o uso desses dispositivos é essencial para garantir que os alunos alcancem um desempenho vocal otimizado e mantenham uma prática saudável e eficiente.

2.5.3 Tubo de Ressonância

Os tubos de ressonância, utilizados com garrafas de água ou copos grandes, constituem uma ferramenta prática e eficiente para o treinamento vocal, oferecendo benefícios significativos para o desenvolvimento da técnica vocal e para a manutenção da saúde vocal. Esses dispositivos, que podem ser feitos de látex ou de canudos grossos, são projetados para modificar o fluxo de ar e a ressonância vocal, facilitando a prática e o aprimoramento da técnica.

O funcionamento desses tubos é baseado na alteração do fluxo de ar e na resistência criada pela água ou pelo líquido no recipiente. Quando o tubo é colocado em contato com a água dentro de uma garrafa ou de um copo grande, a resistência gerada força o cantor a ajustar o padrão respiratório e a emissão vocal. Essa interação modifica as vibrações das cordas vocais e influencia a ressonância, promovendo diversos benefícios para o treino vocal.

Entre os principais benefícios proporcionados pelo uso de tubos de ressonância com garrafa de água ou copo grande estão a melhoria do controle respiratório, o desenvolvimento da ressonância vocal e a redução da tensão vocal. A resistência oferecida pela água ou pelo líquido exige um controle mais preciso do fluxo de ar, ajudando a promover um padrão respiratório mais eficiente e equilibrado. Além disso, essa técnica contribui para a descoberta e o ajuste mais refinado da ressonância vocal. A modificação do som ao interagir com o líquido facilita o alinhamento e a projeção da voz, resultando em uma emissão mais harmônica e bem-ajustada. A utilização de tubos de látex ou canudos grossos também permite o fortalecimento dos músculos respiratórios, como o diafragma e os músculos intercostais, essencial para uma técnica vocal sólida e sustentada.

Figura 16 - Tubo de Ressonância



Fonte: Disponível em: <https://encurtador.com.br/KAIDU>

Outro benefício significativo é a redução da tensão vocal. A resistência criada pelo líquido proporciona uma prática mais suave e relaxada, minimizando o esforço excessivo e promovendo uma produção vocal mais saudável. Essa abordagem acessível e adaptável torna a técnica ideal para cantores de diferentes níveis e diferentes necessidades vocais. Para os professores de canto, a familiaridade com o uso de tubos de ressonância é crucial. Conhecer a aplicação adequada desses dispositivos e como adaptá-los para diferentes contextos de treinamento permite aos educadores integrar essas ferramentas de maneira eficaz no planejamento das aulas.

A capacidade de demonstrar e orientar corretamente o uso dos tubos contribui para um ensino mais abrangente e para o aprimoramento técnico dos alunos. Assim, os tubos de ressonância, quando utilizados com garrafas de água, copos grandes, os tubos de látex ou canudos grossos, representam uma ferramenta valiosa no treinamento vocal. Eles proporcionam benefícios notáveis para o controle da respiração, desenvolvimento da ressonância, redução da tensão vocal e fortalecimento da musculatura envolvida na produção da voz. Sua integração na prática pedagógica pode enriquecer o ensino do canto, oferecendo uma abordagem eficaz e acessível para o aprimoramento da técnica vocal e para a promoção da saúde vocal.

2.5.4 Mind Vox

O Mind Vox é um dispositivo de retorno vocal inovador, projetado para aprimorar a percepção e o controle da emissão vocal sem depender de tecnologia ou de fontes de energia. Este aparelho fornece um retorno acústico natural, permitindo aos usuários ouvirem e ajustarem sua própria produção vocal em tempo real. O retorno proporcionado pelo design do Mind Vox facilita a prática de técnicas vocais com maior precisão e eficácia. O funcionamento do Mind Vox é baseado na interação direta entre a voz do cantor e o dispositivo. O aparelho capta o som produzido e oferece um retorno imediato por meio de uma estrutura que amplifica e reflete a própria voz, possibilitando uma percepção mais clara das características sonoras, como o tom, a projeção e a qualidade vocal. O feedback direto permite ajustes técnicos que são essenciais para alcançar um som mais refinado e desejado.

Figura 17 - Mind Vox



Fonte: Disponível em: <https://mindvoxoficial.com.br/produto/mindvox-2-0-transparente/>

Entre os principais benefícios do Mind Vox está a melhoria da consciência vocal. A capacidade de ouvir a própria emissão em tempo real facilita a identificação das nuances da voz, permitindo correções rápidas e ajustes técnicos que promovem um desenvolvimento vocal mais eficiente. A correção de erros em tempo real é outra vantagem significativa, pois reduz a necessidade de regravações e permite refinamentos contínuos na prática vocal. Também contribui para o aprimoramento da técnica vocal ao oferecer suporte ao desenvolvimento de habilidades específicas. A possibilidade de ajustar a ressonância, a articulação e o controle do vibrato com base no retorno acústico direto facilitam a experimentação e o aperfeiçoamento de técnicas avançadas. Além disso, o Mind Vox é útil para a melhoria da projeção vocal e do controle do volume, o que é essencial tanto para apresentações ao vivo quanto para gravações.

Outro aspecto relevante é o uso do Mind Vox na reabilitação vocal. Para cantores que enfrentam desafios vocais, o dispositivo pode ajudar a identificar e corrigir problemas relacionados à emissão e à tensão vocal, promovendo uma prática mais saudável e eficaz. Na prática pedagógica, o Mind Vox desempenha um papel fundamental de retorno vocal, e controle do fluxo e intensidade do som emitido. Para professores de canto, a utilização deste dispositivo oferece uma ferramenta que fornece feedback imediato e preciso aos alunos.

A capacidade de monitorar e ajustar a emissão vocal em tempo real permite uma orientação mais eficaz e adaptada às necessidades individuais dos estudantes. Incorporar o *Mind Vox* nas aulas de canto contribui para um ensino mais interativo e enriquecedor, facilitando o

aprimoramento técnico e a compreensão das técnicas vocais. Por fim, o Mind Vox é um dispositivo de retorno vocal que proporciona benefícios significativos para cantores e professores de canto. Sem depender de tecnologia, o aparelho oferece um feedback acústico natural que melhora a consciência vocal, a correção de erros, o desenvolvimento da técnica vocal, o controle da projeção e o apoio à reabilitação vocal. Sua integração na prática pedagógica enriquece o ensino do canto, oferecendo uma abordagem prática e eficaz para o aprimoramento da técnica vocal e a manutenção da saúde vocal.

Em conclusão, a integração de materiais instrucionais e de produtos pedagógicos no planejamento das aulas de canto é essencial para a eficácia do ensino e para o desenvolvimento técnico dos alunos. Obras como “*A Estrutura do Canto: Sistema e Arte na Técnica Vocal*” de Richard Miller, “*Músculos Intrínsecos da Laringe e Dinâmica Vocal*”, organizado por Silvia Pinho, Gustavo Palacow Korn e Paulo Pontes, e “*Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*” organizado por Jussamara Souza, fornecem uma base teórica robusta e *insights* práticos fundamentais para a estruturação das aulas e a compreensão detalhada da técnica vocal. Da mesma forma, dispositivos como o Shaker New, o Respirom, e o Mind Vox oferecem ferramentas práticas que auxiliam no treinamento respiratório e no feedback vocal, promovendo o desenvolvimento da técnica e a manutenção da saúde vocal.

É importante ressaltar que o objetivo não é afirmar que esses recursos são os únicos ou definitivamente corretos, mas sim apresentar uma gama de opções que podem enriquecer o planejamento pedagógico e a prática docente. Esses materiais e aparelhos são oferecidos como alternativas para embasar e diversificar o ensino, permitindo aos educadores explorarem e adaptar diferentes estratégias para otimizar o aprendizado do canto, bem como proporcionar um desenvolvimento técnico e artístico mais abrangente e eficaz para seus alunos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão discutidas concepções acerca do material didático a partir da ótica de alguns autores, como Bandeira (2009), Freitas (2009), Souza (2015), que abordam em suas temáticas a definição de material didático. Apresentamos também Fiscarelli (2007), Penna (2012) e Bordinhão e Silva (2015), que tratam de material didático e da prática docente. Plein (2015), por sua vez, discorre sobre a avaliação e o material didático. Petri (2010), Marques (2010) e Ribeiro (2015) trazem em seus trabalhos apontamentos sobre produção e construção de material didático. Demo (1997) e Jitcovski (2014) discutem em seus trabalhos o papel social do material didático. Sales e Nonato (2007) falam sobre material didático e Educação a distância. Estes autores explanam em seus trabalhos acerca do material didático e das suas implicações educacionais, trazendo uma sustentação teórica para as discussões aqui propostas.

3.1 Material didático

Sobre a definição de material didático, Bandeira (2009) defende em seu trabalho que “O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como material instrucional que se elabora com finalidade” (Bandeira, 2009, p. 14). Assim, a autora apresenta uma classificação do material didático, e a divide em duas classes, que são: o material didático instrucional para a educação, que abrange livros, apostilas, cadernos e outros materiais impressos que se destinam ao ensino aprendido, e o material didático como produto pedagógico, que são os jogos e os brinquedos educativos. Essa divisão em instrucional e produto pedagógico nos ajuda a selecionar e separar o que realmente pode ser considerado como material didático, demonstrando que nem tudo que está em circulação ou em uso pode ou deve ser considerado como material didático.

Nisto, Bandeira (2009) nos alerta que o material didático se vincula ao tipo de suporte que possibilita materializar o conteúdo, ou seja, torná-lo concreto, palpável. Assim, ela apresenta três categorias de material didático: impresso, audiovisual e novas tecnologias. A autora aponta que além da finalidade, também é preciso levar em consideração a época em que se está vivendo, pois isso reflete no comportamento e na performance do material. Sendo assim, essas vivências agrupam mudanças e avanços tecnológicos que são agentes influenciadores no que se refere à oferta de materiais. Os recursos que emanaram do planejamento e a seleção de dez anos atrás já se tornaram obsoletos, pois o mundo está em constante mudança e os avanços tecnológicos andam lado a lado com essas mudanças.

Discorrendo sobre o assunto, Fiscarelli (2007), em seu artigo intitulado *Material didático e prática docente*, entende que todo recurso que o professor utiliza em sala de aula pode ser considerado como material, desde os mais simples, como o giz, a lousa, o livro didático, os textos impressos, até os materiais mais sofisticados e modernos. O autor entende que fazer uso de material em sala de aula facilita o aprendizado, deixando as aulas menos teóricas e tornando-as mais práticas. Ele ressalta também que devemos levar em consideração os saberes dos professores a respeito dos materiais didáticos utilizados em sala de aula, enxergando-os como sujeitos de sua prática, capazes de refletir e colaborar com a construção dos saberes que rodeiam o seu uso do material didático em sala de aula.

Por sua vez, Souza (2015), em seu artigo *Reflexões sobre os materiais didáticos: Qual a relação entre os professores e esses recursos em sala de aula?* Publicado no Segundo Congresso Nacional de Educação afirma que: Material didático é “qualquer recurso que possa transformar a maneira de ver e entender determinado assunto, que auxilie e impulse o processo de ensino/aprendizagem” (SOUZA, 2015, p. 2). A autora reflete em seu texto sobre o que pode vir a ser considerado como mecanismo, deixando claro que o mais simples dos objetos pode elucidar o conteúdo e facilitar o aprendizado. Esses objetos, quando utilizados como recurso de facilitação do aprendizado, se transformam e o professor deve estar atento à necessidade de buscar novos meios de explanar o conteúdo em sala de aula, de forma sistematizada e planejada.

Legitimando Bandeira (2009), que afirma que material didático é todo recurso produzido para uma finalidade pré-estabelecida, Freitas (2009), em seu manual intitulado *Equipamentos e Materiais Didáticos*, define o material didático como “Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo” (Freitas, 2009, p. 22). Freitas acredita que todo recurso utilizado no processo educacional pode ser considerado material didático, o que nos leva a refletir sobre o tema: Podemos considerar tudo como material didático? O que levar em consideração na hora de selecionar esse material? Esses questionamentos fazem parte desse processo de pesquisa. Buscar compreender esse processo e a relação que se estabelece com o material didático são nosso principal foco, por isso continuamos discorrendo sobre o tema para chegarmos a uma resposta conclusiva.

Assim, Freitas (2009) aponta ainda que é necessário estarmos atentos para uma das principais funções do material didático, que é dinamizar a aula, aguçando a curiosidade do aluno. Alerta também que “geralmente esses materiais são classificados como recursos visuais,

auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente” (Freitas, 2009, p. 23). Para a autora, o material didático, só por sua presença, já cumpre o papel de estabelecer comunicação entre aluno e professor. Freitas esclarece a importância de estar com o planejamento alinhado, tudo deve estar bem interligado e o planejamento deve ser flexível e atender às demandas dos alunos.

Ainda sobre o tema, Bordinhão e Silva (2015) afirmam, em seu trabalho *O uso dos materiais didáticos como instrumentos estratégicos ao ensino-aprendizagem*, que “Os materiais didáticos são e sempre foram a melhor forma de exteriorizar o conhecimento docente aos discentes pelas mensagens transmitidas” (Bordinhão e Silva, 2015, p. 6). É o MD¹ quem fará a ponte entre o professor e o educando, por isso o processo de seleção e de construção deve ser casado com a realidade de seus alunos e, assim, ofertar um meio que realmente supra suas necessidades. Contudo, Plein (2015), em seu artigo *Avaliação do Material Didático*, salienta que “o material didático deve ser algo usado como ferramenta de apoio no processo de ensino aprendizagem e, portanto, deve ser escolhido pelo professor como um instrumento totalmente vinculado ao seu plano de ensino e não um meio de ensino em si próprio” (PLEIN, 2015, p 1). Para o autor, o MD não pode se tornar uma espécie de muleta, não devemos transferir para ele o papel de protagonista no processo de ensino, mas enxergá-lo como um coadjuvante, que prepara o caminho e nos impulsiona a alcançar de forma elucidada nosso objetivo.

3.2 A construção do material didático

Abordaremos aqui a construção do material didático, com a finalidade de estabelecer uma caracterização de como ele é concebido e, assim, contribuir para a compreensão de como e o que é levado em consideração no momento da construção deste material.

Assim, os autores Sales e Nonato (2007), em seu trabalho: *Ead² e material didático: Reflexões sobre mediação pedagógica*, “ressaltam que no ensino a distância o MD, é extremamente relevante, pois pode possibilitar ao aluno autonomia e reflexão crítica que os ajude a construir seus conhecimentos” (SALES e NONATO, 2007, p. 4). Os autores ainda nos dão uma visão clara do que é, como deve ser e o que se espera de um material didático. Eles afirmam que:

¹ A sigla MD será utilizada para abreviar Material Didático.

² EAD sigla utilizada para a modalidade de Ensino a distância.

O material didático precisa ser o condutor de um conjunto de atividades que procure levar à construção do conhecimento; daí a necessidade de esse material se apresentar em linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa garantir um certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora (Sales; Nonato, 2007, p. 6).

A construção do MD exige de seus construtores momentos de discussão e de reflexão. É no momento do planejamento que serão colocados à mesa todos os aspectos a serem abordados e quais recursos serão necessários para a consolidação do conteúdo. Nesse sentido, Marques (2010) evidencia que “a organização para a elaboração do material, configura-se uma rotina que consiste em reuniões presenciais ao final de cada semestre subsequente, o programam a ser trabalhado, as metodologias de ensino destes conteúdos, e o cronograma de trabalho para o período” (MARQUES, 2010, p. 2). Fica claro no texto de Marques que o planejamento deve ser uma constante no cotidiano do educador, que esse processo de sentar e organizar o programa de estudos, selecionando com atenção as metodologias a serem aplicadas, precisa vir acompanhado de profunda reflexão por parte do educador, que deve levar em consideração todos os aspectos do ensino-aprendizagem na hora da seleção.

O Ministério da Educação define o material didático como “um meio, um recurso, um instrumento de apoio que podem contar professor e aluno, no processo ensino-aprendizagem” (BRASIL, 2010, p. 7). Jiticovski (2014, p. 30), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma visão social para a definição do material didático. Para o autor, o “MD se caracteriza como objeto cultural, adota a especificidade da educação escolar e acadêmica e caracteriza-se por conter conteúdos com propósitos de se vincular a uma disciplina ou abarcar conteúdos de diferentes disciplinas, valorizando a multidisciplinaridade no cotidiano escolar”. Em consonância com Jiticovski, Demo (1997) revela que o MD tem como finalidade fazer o educador “pensar fora da caixa”; que deve ser um material provocativo, reflexivo, instigar o questionamento e a construção do indivíduo.

Do mesmo modo, Demo (1997) aponta outra visão sobre fazer uso do material didático e chama a atenção do educador para a construção e reconstrução, esclarecendo que o material didático deve ser um meio e não um fim, que o professor precisa lançar mão do discernimento através da análise e discussões. O material didático, nesse caso, deve ser um aliado e não uma tábua de salvação. O autor ainda nos deixa outras considerações sobre propiciar oportunidades para que os alunos possam participar do momento de construção do material, que o professor, por meio de orientação, deve levar em consideração as contribuições que podem ser coletadas pela experimentação, manipulação do material pelo aluno; que desse

momento podem surgir novos caminhos e apontamentos para uma melhor oferta de aprendizado em sala. Essa participação do discente cria autonomia e estimula a interação com os conteúdos, fazendo com que eles participem com mais entusiasmo nas aulas.

Por sua vez, Fiscarelli (2007) discute em seu trabalho sobre a utilização do material no ensino. A autora acredita que os saberes sobre o material não se originam somente nos âmbitos institucionais, mas acredita também na contribuição da vivência, da experiência adquirida no cotidiano do educador. Fiscarelli (2007) ainda nos aponta em seu trabalho sobre o momento em que um recurso se torna útil em sala de aula e passa a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, destacam-se os seguintes termos:

Consideramos que o conjunto de saberes, valores e significados construídos em torno de um objeto é que o faz tornar-se útil ao processo de ensino-aprendizagem, transformando-o em um material didático, e que esses saberes criam “regimes de verdade” dominantes, capazes de orientar nossa visão e pensamento sobre “como” ensinar. Assim, em torno dos materiais didáticos tem se construído, ao longo da história da educação brasileira, um discurso que legitima sua utilização em sala de aula, salientando as suas potencialidades rumo a um ensino moderno, renovador, eficiente e eficaz (Fiscarelli, 2007, p. 2).

Depois de apresentada a concepção desses autores, podemos perceber que o material didático não pode ser um mero recurso que se escolhe aleatoriamente, mas que sua escolha e sua seleção devem ser baseadas e fundamentadas, de maneira que sua aplicação venha contribuir para a consolidação do aprendizado do educando. Ribeiro (2015, p. 73) também nos alerta que: é importante que o professor tenha condições técnicas para manusear e conduzir este material, nisso, “pouco adianta existirem materiais didáticos de excelente qualidade se os professores não desenvolverem competências e habilidades didáticos-pedagógicas que, postas em ação juntamente com seus conhecimentos técnicos, criam as condições necessárias ao sucesso do processo de ensino-aprendizagem”. Ribeiro (2015) ainda nos apresenta em seu artigo *Produção de materiais didáticos e planejamento de aula em equipe: a experiência de formação de professores do NUPPLES/UERJ*, a seguinte definição para material didático à luz de suas reflexões sobre o tema.

Material didático, portanto, abarca todo tipo de objetos que atuam como instrumentos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem nas aulas. Essa concepção adequa-se à abordagem de trabalho do NUPPLES/UERJ, uma vez que em suas aulas recorrem-se a todo tipo de material, especialmente os autênticos, incluindo-se objetos escolares, peças de jogos, imagens projetadas e em papel, livros de diferentes gêneros (romances, quadrinhos etc.), jornais, folhas de exercícios entre outros. Assim, muitos materiais são trazidos da

realidade extraclasse e adquirem funcionalidade didático-pedagógica (Ribeiro, 2015, p. 4).

Contudo, Petri (2010), em *Produção de Material Didático Impresso: Orientações Técnicas e Pedagógicas*, nos apresenta não só uma definição de material didático, mas também nos chama atenção com o termo, texto didático, o que nos ajuda a refletir ainda mais sobre o tema, mostrando que nem todo texto pode ser considerado didático, que para tal o texto precisa ter a finalidade de ensinar. O autor esclarece que:

Há mais uma característica a ser observada. Trata-se de texto “didático”, isto é, produzido com a intenção de ensinar. A função do material didático, para quem o elabora para cursos à distância, é ensinar, mas tendo como objetivo central a aprendizagem de quem estuda em casa, no trabalho, sem a presença física do professor (Petri, 2010, p. 21).

Nesse sentido, Petri (2010) estabelece em sua fala que mesmo que seu recurso escolhido para determinada aula for um texto, deve-se observar se ele cumpre com o papel de ensinar. Ainda que o autor em questão esteja abordando o ensino a distância, quando se fala do objetivo central do texto didático, seu pensamento é coerente e pode ser absorvido por quem leciona presencialmente. É necessário que o professor sempre observe essa característica fundamental em seus textos, selecionando sempre os que têm a função de ensinar.

Para Penna (2011), em *A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música*, nos alerta que “material didático é construído com base em certos princípios e com certas finalidades”, corroborando com Petri e outros autores já apresentados aqui no texto. A autora ainda discorre afirmando em seu texto que “O material didático deve ser elaborado pelo próprio professor, de acordo com a necessidade dos alunos”. Ante esta afirmação de Penna, podemos ratificar o que os autores como Bandeira (2009), Souza (2015), Fiscarelli (2007) e Freitas (2009) discutem em seus trabalhos que o MD deve sempre estar alinhado com o planejamento do professor. Penna (2011) ainda nos chama atenção a detalhes que são de suma importância quando se seleciona ou elabora-se um MD. A autora ressalta que ao elaborar seu MD, “convém que seja adaptado a cada situação, respeitando a cultura local, utilizando elementos da cultura popular, assim como o instrumentário de cada região”.

Diante de todas as definições de material didático apresentados aqui, foi possível constatar que o tema vem sendo discutido em diversas áreas do conhecimento, o que contribui para que possamos refletir melhor sobre a produção desse material, que não é simplesmente adotar ou criar um recurso, mas focar no objetivo primordial do material didático, que é ensinar,

elucidar, facilitar, transmitir conhecimento e, assim, consolidar o aprendizado dos alunos que terão contato com ele.

O material didático é um tema que demanda muita cautela, quando se trata de sua seleção, elaboração e ou mesmo aplicação, pois faz-se necessária uma profunda análise de seus impactos nas aulas e no desenvolvimento educacional dos alunos. As leituras que fizemos aqui sobre o que dizem os autores nos deixam claro que o MD é um elemento essencial no cotidiano escolar, melhor exemplificando, o MD é um ingrediente fundamental na produção e disseminação de conhecimento. Por isso, antes de eleger algum recurso como MD, seja ele instrucional seja recurso pedagógico, precisamos sempre considerar todas as possibilidades que poderão ser geradas através de seu uso.

No que se refere à música e ao seu ensino, é ainda mais minucioso falar sobre esse tema, pois são muitas as vertentes que se apresentam quando abrimos as discussões sobre o MD. Os principais debates tramitam entre a teoria e a prática. O que pode ser considerado como material didático em cada uma? O maior desafio que temos é fazer com que os educadores entendam que o MD instrucional e o MD produto ocupam o mesmo patamar e importância, o que os difere são seus usos e suas aplicações. E, assim, podemos ir além nesse pensamento e trazer à tona que um mesmo material pode ocupar duas funções. A exemplo disso temos as partituras, que quando utilizadas em uma primeira leitura é um material instrucional, carrega informações importantes para execução da mesma, como andamento, tonalidade, ornamentos, dinâmica, entre outras informações que podem estar contidas na mesma. Ao mesmo tempo, elas tratam-se de um produto pedagógico, escrito e impresso para elucidar e colaborar com a execução do aluno.

O que fica clarificado diante das leituras realizadas aqui é que o material didático, em qualquer uma das suas nuances, é um agente facilitador do conhecimento, que o professor o toma como seu aliado, para concretizar o processo de ensino aprendizado de seus alunos, e que o MD precisa estar presente no planejamento das aulas e nas discussões pedagógicas dentro do âmbito educacional. Essa troca de experiências com os colegas é um momento saudável para refletir o que deu certo e reavaliar o que precisa ser aprimorado. Isso fortalece os laços, gera confiança e produz crescimento para o aluno e para o professor.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os caminhos e as definições adotados que sustentam as análises e os resultados que foram obtidos durante o desenvolvimento desta fase da pesquisa. Aqui abordamos as metodologias escolhidas para elucidar os caminhos que esta pesquisa percorreu e apresentamos os resultados obtidos.

Para tanto, faremos uso dos textos dos autores como Demo (1985), que versará sobre metodologia. Prodanov e Freitas (2013) e Guerra (2014) trazem aporte para a pesquisa qualitativa. Para compreensão do estudo de caso, selecionamos Yin (2001), Marconi e Lakatos (2017) e Haguette (2010), que discutem a respeito da entrevista e da coleta de dados. Para a elaboração do roteiro de entrevista, contamos com Gil (2008). Este grupo de autores fazem parte da construção metodológica deste trabalho e suas definições foram fonte de constante consulta para a consolidação da construção do percurso metodológico.

4.1 Percurso metodológico

O presente subcapítulo apresenta as trilhas percorridas durante a pesquisa e os meios definidos para que se consolidasse o processo de investigação. Momento em que organizamos os passos que foram seguidos para se alcançar os objetivos definidos no início do trabalho, de estabelecer as metas e definir o planejamento. Nesse sentido, Demo (1985) apresenta a seguinte definição:

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia (Demo, 1985, p. 19).

Mediante a fala de Demo (1985), podemos afirmar que o objetivo central de um trabalho científico é fazer ciência. A metodologia é quem vai nos guiar pelo percurso. O trabalho metodológico é uma bússola ou um mapa ao qual recorreremos a todo instante para que não saíamos do caminho. Por isso, é vital que este mapa contenha todos os trajetos possíveis para se chegar ao destino ou ao produto final. Assim se, por motivos alheios à nossa vontade, o caminho inicialmente escolhido não apresentar resultados desejados, poderemos redefinir outro trajeto, escolhendo outra estrada ou outro atalho para alcançar os resultados desejados.

Demo (1985) ainda defende em seu texto que: “A ciência propõe-se a captar e manipular a realidade assim como ela é. A metodologia desenvolve a preocupação em torno de

como chegar a isto”. Fica evidente, diante desse pensamento, que a metodologia deve ser construída em torno da busca incessante de se obter os resultados desejados.

Segundo o dicionário Houaiss (2000), a palavra metodologia significa “ramo da lógica que se ocupa dos métodos das diferentes ciências; parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre; corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método. Corroborando com Demo (1985), o Houaiss (2000) nos apresenta uma visão importante quando fala que a metodologia é a parte da ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre. Essa visão resume por completo o que é a metodologia que, em poucas palavras, é a base científica de métodos a serem utilizados na busca de resultados e ou de objetivos.

Esta pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa e o método de análise selecionado foi o estudo de caso. São esses detalhes que, quando concatenamos com os objetivos da pesquisa, nos auxiliam na construção do campo empírico.

4.2 Pesquisa qualitativa

O presente subcapítulo registra as definições e o apontamento sobre a pesquisa qualitativa, para assim nos conduzirmos com clareza dentro desta investigação. Definir bem e compreender os métodos e o tipo de pesquisa que se realiza é um ponto chave no trabalho do investigador.

Ante a isso, podemos dizer que a pesquisa qualitativa está intrinsecamente ligada ao cotidiano; trata-se de uma descrição da realidade, apresenta características como o pesquisador se encontrar no local onde o fenômeno acontece. Isso o permite obter uma melhor compreensão, pois o oportuniza conviver e captar em tempo real as ações e reações dos indivíduos que fazem parte do universo da pesquisa. Para Guerra (2014), a pesquisa qualitativa tem a seguinte função:

Na abordagem qualitativa, o cientista, objetiva, aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (Guerra, 2014, p. 15).

A pesquisa qualitativa possui enfoque nas interações; nela a representação do quantitativo não é levado em consideração, mas sim o processo e as suas interações com o contexto social. Prodanov e Freitas (2013) apontam que a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Do ponto de vista qualitativo, a investigação tem o universo da pesquisa como fonte primária dos dados. O investigador mantém contato direto com o universo pesquisado, e assim as questões são analisadas em loco, em uma análise intuitiva, sem que haja interferências do pesquisador. Esses dados coletados são descritivos e contribuem para a resolução do problema de pesquisa. Isso é indicado por Prodanov e Freitas (2013), que afirmam em seu texto:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

A abordagem qualitativa foi selecionada para este trabalho justamente por se tratar de um fenômeno específico de um local que, nesse caso aqui, é o Conservatório Lorenzo Fernández. Assim para melhor compreender esse fenômeno, também escolhemos como método de análise o estudo de caso, sobre o qual discorreremos no próximo parágrafo.

4.3 Estudo de caso

Este subcapítulo aborda a definição do estudo de caso, que é o método de pesquisa aqui trabalhado, com o interesse de compreender o que é e como funciona o referido método. Desta forma, compreende-se que o estudo de caso é um método utilizado para investigar um fenômeno específico, de um indivíduo, de uma família, de um grupo, de um objeto ou de vários objetos. O referido método não é feito de uma maneira não muito abrangente, pois o estudo de caso é baseado na coleta de muitos dados, no máximo de informações possíveis, informações essas controladas, porém diversas, para que possam ser feitas a análise e as interpretações desses dados. Yin (2001), em seus apontamentos sobre o estudo de caso, escreve que:

O estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas

em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (Yin, 2001, p. 21).

A escolha do estudo de caso deve ser feita com muito cuidado. O pesquisador precisa estar muito atento a todas as informações coletadas para que não se perca nenhuma informação, uma vez que, nesse tipo de método, as informações são cruciais para a interpretação dos dados. Também é preciso que o investigador se aproprie do máximo de conhecimento possível, para que seu intelecto esteja preparado para conduzir de forma coerente todo o processo. Isso é necessário para que seu trabalho vença os preconceitos que o estudo de caso enfrenta no meio acadêmico. Nesse sentido, Yin (2001) nos alerta que o trabalho do pesquisador, independentemente de ser estudo de caso ou não, precisa de uma análise de qualidade e isso só é possível através de quatro pilares fundamentais, que são:

Em primeiro lugar, sua análise deve deixar claro que ela se baseou em todas as evidências relevantes. As estratégias analíticas por você utilizadas, incluindo o desenvolvimento de hipóteses concorrentes, devem ser exaustivas. Sua análise deve demonstrar como ela procurou tantas evidências quantas encontravam-se disponíveis, e suas interpretações devem considerar todas as evidências e não deixar nenhuma indefinição (Yin, 2001, p. 154).

Neste primeiro pilar, Yin (2001) nos alerta para a relevância dos dados coletados. A busca por destrinchar os dados na busca de respostas deve ser incessante deve-se descrever ao máximo o processo de coleta e buscar precisão nas definições apresentadas, sem espaços para dúvidas ou imprecisões.

Em segundo lugar, sua análise deve abranger todas as principais interpretações concorrentes. Se uma outra pessoa tiver uma explicação alternativa para uma ou várias de suas descobertas, faça dessa explicação alternativa uma explicação concorrente. Há alguma evidência que aponte para essa explicação concorrente? Se houver, quais são os resultados? Se não houver, como a explicação concorrente pode ser reafirmada como uma indefinição a ser investigada em estudos futuros? (Yin, 2001, p. 154).

O segundo pilar nos fala sobre as interpretações, os cuidados e as atenções que o pesquisador deve ter e estar alerta com suas análises. Ele também nos orienta a fazer de uma possível interpretação alternativa uma explicação concorrente, um outro caminho que pode ser seguido em busca de respostas.

Em terceiro lugar, sua análise deve se dedicar aos aspectos mais significativos do seu estudo de caso. Não importando que seja um estudo de caso único ou de casos múltiplos, você terá demonstrado suas melhores habilidades analíticas se a análise atingir todos os seus maiores objetivos. Para quê se

embrenhar na realização de um estudo de caso se você não se dedicar às questões mais importantes? (Yin, 2001, p. 154-155).

No terceiro pilar, o autor fala sobre a dedicação que se deve ter aos aspectos do seu próprio estudo de caso, em que suas melhores habilidades analíticas serão demonstradas se atingir seus principais objetivos. Isso nos deixa uma importante reflexão sobre assumir um estudo de caso e não nos atentarmos para as questões mais importantes, revelando em sua fala que é preciso focar nos resultados e em resultados contundentes.

Em quarto lugar, você deve utilizar seu conhecimento prévio de especialista em seu estudo de caso. De preferência, você deve analisar questões semelhantes no passado e estar consciente das discussões e do debate atual sobre o tópico do estudo de caso. Se você conhecer o objeto de seu estudo de investigações e publicações anteriores, será melhor (Yin, 2001, p. 155).

Aqui no quarto pilar, o autor nos orienta a utilizar conhecimentos prévios e próprios sobre o tema proposto e que devemos analisar situações semelhantes no passado e buscar debates atuais sobre o tema, que esse conhecimento prévio facilitará sua caminhada nessa nova empreitada.

4.4 Entrevista: Técnica de coleta de dados

Neste subcapítulo abordaremos as definições sobre a coleta de dados, com o propósito de estabelecer o que vem a ser e como se realiza essa técnica na pesquisa, para, assim, contribuir com as análises que serão realizadas durante o processo.

Neste pensamento, os autores, Marconi e Lakatos (2017), definem a entrevista como: “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. A entrevista é um meio utilizado em diversos tipos de pesquisa para obtenção de dados que auxiliem o pesquisador na solução de problemas ou na interpretação dos fatos. Para Haguette (2010, p. 81), a entrevista pode ser compreendida como “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Marconi e Lakatos corroboram com Haguette quando o assunto é a entrevista. Ambas as autoras veem a entrevista como um momento de interação entre entrevistador e entrevistado em que ocorre uma troca de informações de uma parte para a outra. Haguette (2010, p. 81) ainda nos alerta sobre a atenção com a objetividade na entrevista, que precisamos nos preocupar com a captação real dos dados e não deixar que sejam contaminados por nenhum dos lados, para que não haja modificações nas informações coletadas.

4.4.1 Construção do roteiro de entrevista

No subcapítulo em questão, é apresentada a definição sobre o roteiro de entrevista, com a finalidade de esclarecer o que é e como foi concebido o roteiro, para, assim, nortear o pesquisador durante sua investigação.

O roteiro de entrevista foi construído de forma a se obter o maior número de informações possíveis, por isso a escolha de um roteiro semiestruturado foi assertivo, pois esse tipo de método possibilita ao pesquisador incluir em seus dados novos apontamentos que surgem durante as entrevistas, promovendo novas oportunidades de melhor reflexão e compreensão do tema abordado. Assim, Gil (2008) define a entrevista como:

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 2008, p. 128).

Durante as entrevistas aplicadas com os professores do CEMLF, o questionário sofreu algumas interferências, que serão apresentadas no momento da análise dos dados deste trabalho. Essas interferências, na verdade, foram inserções ou reformulações da pergunta, com objetivo de fazer o professor compreender melhor o que estava sendo proposto no momento. Isso fez-se necessário para que as novas informações que surgiram, fossem registradas e mais bem compreendidas no momento da análise. Essa é uma característica vantajosa desse tipo de método de coleta de dados, uma vez que um questionário semiestruturado permite ao pesquisador fazer essas alterações no momento da coleta e, assim, conduzir melhor o processo de recolhimento desses dados.

O questionário foi constituído de seis perguntas diretamente ligadas ao tema. Antes de iniciarmos as perguntas, foi lido um texto introdutório, constituído de um parágrafo, no qual é apresentada a definição de material didático sob a visão da autora Bandeira (2009). Essa definição embasa este trabalho como principal referência teórica.

No início da entrevista, a primeira questão, a ser respondida após a leitura do texto introdutório, perguntava sobre a definição de MD. Sua finalidade era verificar qual a compreensão dele sobre o assunto após ouvir a definição da autora. Na pergunta de número dois, foi abordada a questão do planejamento pessoal e coletivo, com o intuito de entender se os professores diferenciam os tipos de planejamento. Na questão de número três, o foco foi

investigar como acontece o planejamento na área do canto. A questão de número quatro abordou como e se o MD é levado em consideração no momento do planejamento pessoal e coletivo desses professores. Por sua vez, a pergunta de número cinco tratou de investigar quais eram as principais referências utilizados pelos professores no momento da seleção e aplicação do MD. Finalmente, a sexta questão buscou investigar se os professores possuem registro escrito dos seus planejamentos, resultados, do processo de ensino do canto e dos recursos que são utilizados.

4.4.2 Realização das entrevistas

Este subtópico versa sobre o processo de entrevista. Foi o momento de explanação sobre como se deu todo o diálogo realizado no Conservatório, bem como a apresentação dos personagens que compõem este processo, que são os professores (as) do curso de canto da escola.

As entrevistas ocorreram em uma semana, durante o início do mês de outubro de 2022. Para conseguir realizá-las com todos os dez professores do curso, foi necessário fazer um plantão nos três turnos, isso porque os professores estavam em atividade em sala de aula e as entrevistas ocorriam em horários vagos ou em caso de ausência de algum aluno, o que acabou contribuindo para a pesquisa, pois estar presente durante as aulas permitiram a observação e o registro de informações pertinentes. Uma das entrevistas ocorreu na sala dos professores. Como era o momento de descanso da professora e a sala estava vazia, não ocorreram interrupções ou interferências.

Os professores foram receptivos e concordaram em participar sem resistência. Antes de iniciar com as perguntas, foi enviado via WhatsApp um formulário elaborado no *Google Forms*, em que o professor respondia um questionário socioeconômico e assinava o termo de autorização de uso e publicação dos dados, bem como o compromisso de sigilo e resguardo das identidades. Após a aplicação deste questionário iniciamos as entrevistas. Foi lido um pequeno parágrafo com informações do tema da pesquisa, e em seguida foram feitas as perguntas do roteiro. Apesar de se sentirem à vontade com o convite para participar da pesquisa, no momento das perguntas alguns professores ficaram inseguros. Essa insegurança era nitidamente percebida no nervosismo e na dispersão que alguns apresentavam. Notava-se que o tema era um pouco incômodo para alguns, ou porque tinham medo de não saber responder, ou por causa de uma cultura de reprodução de aulas, que é muito forte e presente no conservatório.

As informações pertinentes ao trabalho foram coletadas com sucesso através das entrevistas. Todos os professores do curso foram arguidos; os dados fornecidos foram registrados e contribuíram para o desenvolver da pesquisa.

A revisão de literatura realizada revelou que, apesar de o canto não figurar como o foco central na maioria das publicações acadêmicas, há um notável incremento no interesse pelo planejamento e ensino de música em contextos acadêmicos e congressos especializados. Este fenômeno destaca a crescente valorização do ensino musical, mesmo quando o canto não é o tema predominante. Durante o processo de revisão, foi possível delimitar e aprofundar a compreensão sobre a natureza e a funcionalidade do material didático no contexto do ensino musical. A análise das fontes revelou que, embora o canto não receba a mesma atenção que outras áreas da educação musical, a discussão acerca do planejamento e da aplicação de recursos didáticos está se ampliando.

A investigação detalhada do papel do material didático emergiu como um aspecto crucial desta revisão, proporcionando uma compreensão mais precisa de como esses recursos podem ser empregados para aprimorar a prática pedagógica. Este aprofundamento teórico permite uma visão mais ampla das estratégias de ensino e suas implicações para a prática docente.

Em síntese, a revisão de literatura não apenas elucidou a importância crescente das temáticas relacionadas ao planejamento e ao ensino de música, mas também destacou a necessidade de uma abordagem mais sistemática e informada quanto à utilização de materiais didáticos no ensino de canto. Este processo analítico é fundamental para o avanço das práticas pedagógicas e para a contínua melhoria da educação musical.

5. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Este capítulo discorre sobre a análise e as discussões acerca dos dados obtidos durante a pesquisa, tomando como partida a transcrição das entrevistas com os envolvidos, bem como o questionário que foi respondido por eles, que nos deram a base para, assim, construirmos e consolidarmos os resultados apresentados nesta pesquisa.

5.1 Formulário sociodemográfico

Para melhor compreender o perfil dos entrevistados envolvidos nesta pesquisa, elaboramos um formulário via *Google Forms* que foi enviado via *WhatsApp* para todos antes da realização das entrevistas. Esse formulário foi composto por dez questões, sendo que as primeiras oito versam sobre o perfil profissional e pessoal do professor, e as duas últimas tratam do sigilo e da autorização para uso dos dados e para eventuais publicações. Todos os dez participantes responderam a todas as questões, e essas respostas fazem parte da primeira fase de análise que apresentaremos aqui.

5.1.1 Composição do corpo docente do curso de canto do CEMLF

O curso de canto do CEMLF é composto por dez professores³, sendo nove mulheres e um homem. Desses dez, nove fazem parte do corpo efetivo da escola e um é convocado⁴, com idades entre quarenta e um e cinquenta e três anos. A presença da mulher e a sua predominância é algo marcante no curso; são elas que exercem os papéis de coordenação pedagógica e de organização do curso. O tempo de atuação dos professores no curso varia entre seis e trinta anos. Essas informações demonstram que há uma linearidade no que diz respeito ao fluxo de professores no curso, o que proporciona uma continuidade do trabalho desenvolvido com os alunos, pois não há mudanças significativas no corpo docente de um ano para o outro, contribuindo para consolidação do ensino aprendizagem. Se o aluno desejar experimentar uma nova metodologia ou abordagem pedagógica, ele já conhece previamente os outros professores, e assim bastaria solicitar a troca ao setor pedagógico.

³ Os dez professores que compuseram esta pesquisa foram aqueles que atuaram durante o ano de 2022 na sede do CEMLF em Montes Claros, MG. Não foram inseridos e nem contabilizados aqui os professores de canto que atuavam no anexo da escola, na cidade de Bocaiuva - MG.

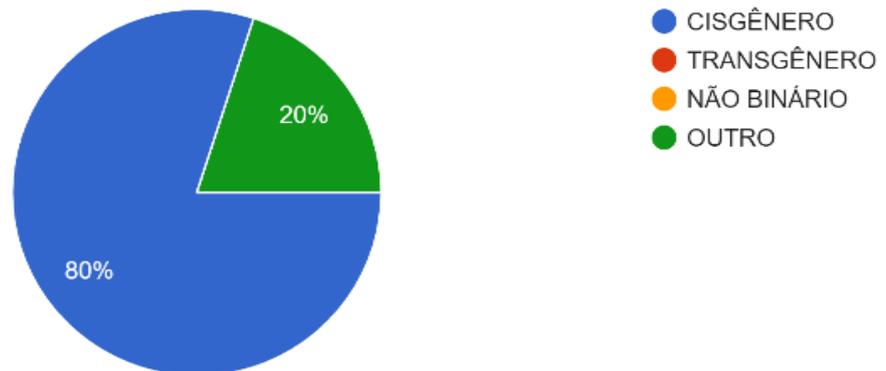
⁴ Termo que o Governo do Estado de Minas Gerais passou a usar para contratar ou designar profissionais da área da educação, do segmento pedagógico.

Apesar de termos identificado em um levantamento inicial que o corpo docente é composto por nove mulheres e um homem, o questionário abordou uma questão sobre identificação por gênero. Assim, obtivemos o seguinte gráfico com as respostas dos docentes:

Gráfico 1: Identificação por gênero

GÊNERO

10 respostas

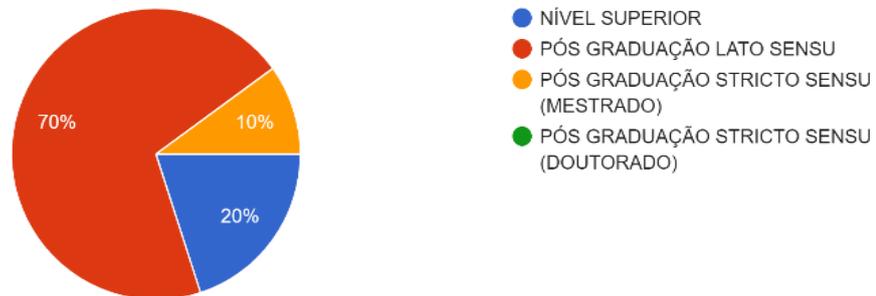


Fonte: Google Forms elaborado pelo autor

Assim, ao observarmos o gráfico, poderemos perceber que a maioria se considera cisgênero, enquanto apenas dois professores responderam não saber ainda como se classificar com relação ao gênero. Ressaltamos aqui que essa abordagem sobre o gênero foi com o objetivo de conhecer melhor o corpo docente, uma vez que sua formação é majoritariamente composta por mulheres. A questão em si poderia trazer informações identitárias uma vez que o foco aqui foi a identificação biológica e não a sexualidade dos professores. Outro ponto importante desta abordagem seria dar visibilidade e voz às pessoas que se identificam como transgênero, não binário, neutro ou outra identificação nesses espaços formais de educação, mas não foram identificadas nenhuma dessas situações, pois dois dos professores afirmaram não se identificarem com nenhuma nomenclatura no que se refere a gênero.

Prosseguindo com o questionário do Forms, a próxima questão nos traz informações sobre a formação dos professores do curso de canto, da inicial até as especializações. Assim, o gráfico nos apresenta os seguintes resultados:

Gráfico 2: nível de formação
 QUAL O SEU NÍVEL DE FORMAÇÃO?
 10 respostas



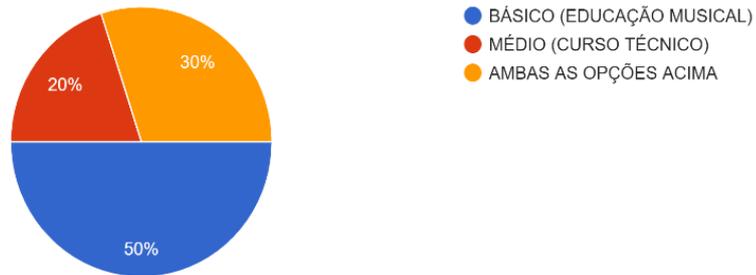
Fonte: Google Forms elaborado pelo autor

Desse modo, observa-se que todos os professores atuantes no CEMLF, no ano desta pesquisa, possuem curso superior em música e todos com habilitação em canto. Outro fator que destaca a formação inicial desses professores é que todos são egressos do próprio conservatório⁵ no tocante à formação técnica, seja ela em canto, seja em outros instrumentos. Partindo para as especializações, o gráfico nos mostra que ao nível de Lato Sensu, quase todos os professores possuem especialização em alguma área do conhecimento, entretanto, ao nível de Stricto Sensu, apenas um professor possui essa formação (Mestrado). Segundo alguns desses professores, até pouco tempo eles não possuíam especializações e nem almejavam obtê-las, pois a valorização por parte do Estado para esse tipo de formação é ínfima, e só quando eles foram fazer progressão de carreira é que buscaram fazer especialização em alguma área para mudança de nível. Outro fator apontado para a não procura por especialização é a falta de cursos na área musical, principalmente no instrumento canto. Na região só é possível se especializar em cursos EAD, o que não é muito atrativo para esses professores, que manifestaram o desejo de uma especialização em seu instrumento de trabalho, desde que o curso fosse ofertado de forma presencial. Ao nível de doutorado, não foi encontrado nenhum professor com essa titulação no curso de canto do CEMLF. Assim concluímos com este gráfico que os professores atuantes no curso de canto possuem habilitação para lecionar e quase todos são especialistas, sendo que apenas dois desses professores não possuem alguma especialização. Essa formação continuada dos professores contribui para que os padrões de ensino aprendido se mantenham em alto nível, fazendo com que a procura pelo curso de canto seja uma das maiores demandas da escola.

⁵ Informação obtida pelo autor por também ser egresso e ex-professor do curso de canto do CEMLF.

Nos próximos gráficos, abordaremos em quais níveis esses professores atuam no curso de canto e se ministram outras disciplinas dentro da escola ou se somente ministram a disciplina canto. O primeiro gráfico é o de nível de atuação. Observemos:

Gráfico 3: nível de ensino em que atuam
EM QUAL NÍVEL DE ENSINO VOCÊ ATUA NO CURSO DE CANTO?
10 respostas



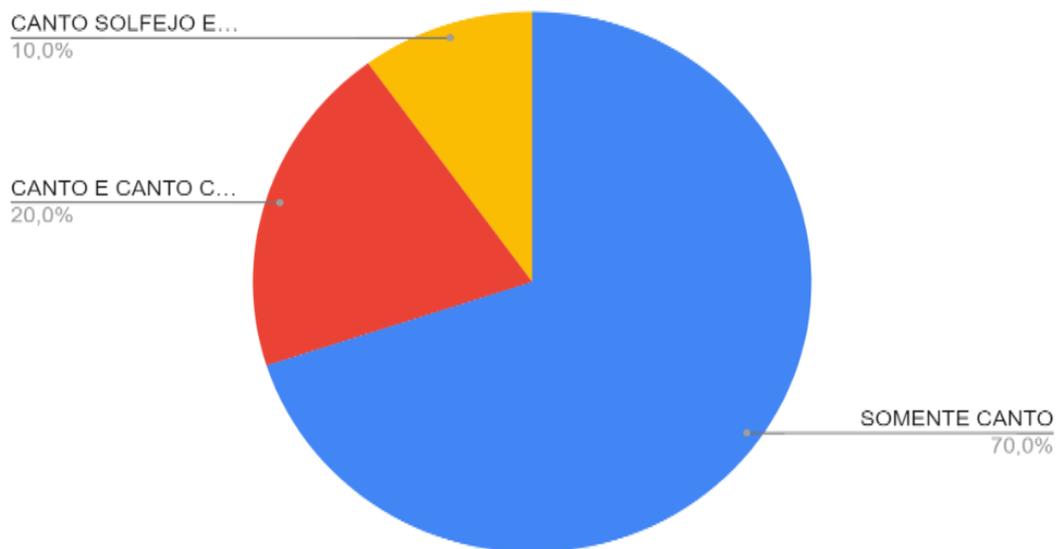
Fonte: Google Forms elaborado pelo autor

Podemos perceber que metade dos professores atuam somente no curso de educação musical, que é o nível básico oferecido pela escola; os outros cinquenta por cento, dividem-se entre o nível técnico e o nível básico.

No que se refere a trabalhar em mais de uma disciplina no CEMLF, o gráfico a seguir nos apresenta informações pertinentes aos docentes que atuam ou não em outras áreas. Vejamos:

Gráfico 4: áreas de atuação dos professores entrevistados

Contagem de respostas



Fonte: Google Forms elaborado pelo autor

Como demonstrou o gráfico anterior a este, a maioria dos professores atuam somente no nível básico; aqui também não é diferente. Mais da metade dos professores (70%) lecionam somente a disciplina canto; os outros (30%) dividem-se entre o canto, canto coral, solfejo e dicção, todas essas disciplinas são correlatas ao canto, com a diferença entre disciplinas para turmas e individuais. O fato de a maioria dos professores atuarem somente na disciplina canto deve-se ao fator desgaste, uma vez que as disciplinas teóricas demandam uma carga maior de energia por serem aulas de turma. A competição sonora acaba por gerar desgaste vocal em alguns professores, que, por este motivo, evitam lecionar esse tipo de disciplina, optando somente pelo ensino do instrumento⁶. Também devemos observar o tempo e o tipo de planejamento que ambas as modalidades demandam e, com isso, o material necessário para ser utilizado nas aulas. Assim, os professores que podem, optam por ficar somente em uma disciplina. Há também o caso de um professor que tem apenas um cargo no CEMLF e por isso leciona em outra instituição de ensino superior.

Dessa forma, o questionário sociodemográfico foi aplicado com todos os dez professores e contribuiu muito para compreendermos a estrutura funcional do curso e mapearmos os perfis dos profissionais que ministram a disciplina canto no CEMLF. Além disso, o questionário evidenciou que todos os professores atuantes são habilitados para a função a qual exercem, buscam capacitar-se através de especializações, organizam-se de forma coerente, apresentam boas habilidades de comunicação e compreensão e estão abertos a novas informações e novos conhecimentos. Por fim, destacamos a experiência e bons resultados que a aplicação desse questionário via *Google Forms* proporcionou, pois possibilitou coletarmos informações importantes para a pesquisa sem cansar ou fatigar o entrevistado, gerando maior e melhor tempo para as respostas das entrevistas aplicadas. Ademais, ele também proporcionou maior conforto aos participantes que puderam responder utilizando o próprio celular e sem receios ou constrangimentos que alguma das questões poderia gerar se fossem aplicadas no momento das entrevistas; além disso, a quantificação das respostas para as análises foi bem mais eficiente e precisa.

⁶ Apesar de esta informação não está contida nos formulários, achamos importante discorrer sobre uma vez que é de conhecimento do autor devido as suas experiências como egresso e ex-professor do curso de canto no CEMLF.

6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Discutimos aqui o balanço das informações obtidas durante as arguições realizadas com os dez professores do curso de canto do CEMLF, no ano de 2022. Este é um ponto importante na pesquisa, pois é um momento em que apresentamos uma anamnese dos elementos registrados durante as entrevistas. O roteiro de entrevista foi composto por seis perguntas sobre material didático, planejamento e plano de aula (coletivo e individual), referências bibliográficas e sobre como funciona o planejamento no curso de canto. Assim faremos um condensado das respostas de forma que usaremos aqui apenas a resposta de um dos professores por pergunta, uma vez que algumas são iguais e quando algumas dessas respostas apresentarem teor diferente das demais, usaremos essas como contraponto para as discussões.

Para resguardo da identidade dos envolvidos, fizemos uso dos nomes de cantoras brasileiras para registrar as respostas. Isso também facilitou a leitura e o cruzamento dos dados no momento das análises, pois são dez professores e usar números ou letras seria mais difícil a compreensão das falas de cada um. Isso também possibilitou uma maior humanização da pesquisa, o ato de usar nomes e nomes de cantoras possibilita ao pesquisador e ao leitor uma aproximação com o núcleo da pesquisa. Para isso, foram selecionados os seguintes nomes de cantoras: Maria Bethânia, Vanessa da Mata, Dolores Duran, Nana Caymmi, Gal Costa, Elza Soares, Ivete Sangalo, Rita Lee, Elis Regina e Maria Rita.

6.1 Primeira pergunta

Para a primeira pergunta, foi apresentada aos professores a definição de Bandeira (2009), sobre material didático, que se adotou como aporte epistemológico no capítulo três deste trabalho. Assim, após a leitura, iniciamos a entrevista com a seguinte pergunta: Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Material didático é tudo que o professor pode utilizar, dentro da didática na sala de aula, tudo que ele vai utilizar para ajudar o aluno a entender melhor o conteúdo que ele quer expor, de maneira que o material didático também, deve ser levado em conta na escolha. O tipo de aluno, o tipo de percepção que o aluno tem daquele material. Então, não adianta fazer um material por exemplo todo colorido, se o aluno é cego. Não adianta fazer um material com palavras muito técnicas se o aluno é criança. Então, o material didático tem que levar em conta além do que o que o professor quer passar, como de que maneira o aluno vai receber (Mata⁷, 2022).

⁷ Vanessa da Mata: Professor entrevistado entre os dias 03 3 08 de outubro de 2022

A resposta acima, da professora Vanessa da Mata, demonstra com clareza o entendimento dos professores sobre material didático. Todos os entrevistados foram incisivos e firmes em suas palavras, mesmo que em alguns momentos fizeram uso de abordagens diferentes para elucidar seu raciocínio. As palavras escolhidas eram as mesmas ou eram sinônimas, fazendo com que as respostas fossem quase que homogêneas. É o caso da professora Elza Soares, que respondeu da seguinte maneira:

Material didático são os recursos, os materiais né, que eu utilizo na minha aula para ajudar na produção do conhecimento do aluno, no ensino aprendizagem, eu utilizo partituras, utilizo algum texto, algum vídeo demonstrativo, se eu utilizo algum aparelho, no caso meu que trabalho com técnico, eu não trabalho com criança, eu utilizo não brinquedos, mas eu utilizo alguns materiais que são específicos para trabalhar técnica vocal, eu falei materiais, mas são aparelhos, pode ser considerado, para mim, eu considero como um recurso didático (Soares⁸, 2022).

Percebemos nas respostas dos professores a recorrência dos termos “recursos”, “ajudar”, “demonstrar” e “elucidar”. Essas palavras demonstram tudo aquilo que o material didático precisa ser ou possuir; são características básicas e fundamentais que um bom recurso deve ter para ser aplicado em sala de aula. Outro fato importante a se destacar aqui foi a fala da professora Vanessa da Mata, que discorreu acerca da importância de se pensar em um material que atenda às reais necessidades dos alunos. “Então, não adianta fazer um material por exemplo todo colorido, se o aluno é cego. Não adianta fazer um material com palavras muito técnicas se o aluno é criança.”. Esse trecho retirado da fala dela é um convite a uma reflexão profunda no que diz respeito ao tipo de material que selecionamos e ofertamos aos nossos educandos. As palavras da professora Vanessa carregam, em seu teor, questionamentos como “Será que esse recurso é apropriado? Meu aluno está no nível exigido por esse material? Ou, esse material atende ao grau que meu discente se encontra?”. É esse momento que permite e faz como que o professor consiga refletir sobre o material escolhido e qual será ou tem sido sua eficácia nas aulas.

As respostas dessa primeira pergunta também trazem outra observação pertinente que é a preocupação dos professores com relação ao aprendizado, à produção de conhecimento. Isso fica evidente quando a professora Elza Soares expõe essa preocupação em sua resposta dizendo que “os materiais né, que eu utilizo na minha aula para ajudar na produção do conhecimento do aluno, no ensino aprendizagem”. Mais uma vez, as professoras corroboram com os pensamentos dos autores que embasam este texto tanto no referencial como na revisão.

⁸ Elza Soares: Professor entrevistado entre os dias 03 e 08 de outubro de 2022

Os autores sempre expressam em seus trabalhos essa preocupação com a produção de um material que dialogue com a realidade dos alunos e que auxilie durante as aulas de modo que elucide ainda mais o conteúdo a ser ministrado. Assim, podemos afirmar que o objetivo da pergunta 1 que era de captar e compreender a concepção das definições que os professores do curso de canto do CEMLF possuem sobre material didático foi alcançado com êxito.

6.2 Segunda pergunta

Com o intuito de aferir a compreensão que os professores possuem a respeito do planejamento coletivo e individual, iniciamos a arguição do segundo questionamento: Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo. Nesse momento, os entrevistados falaram de suas concepções sobre o planejar. Foi um exercício interessante com os envolvidos, pois é perceptível na fala de cada um que existe um modelo de planejamento no curso e que esse modelo se tornou um legado, uma forma tradicional de se fazer. Percebe-se nas falas que é dessa forma que acontece, porque alguém lá atrás iniciou assim e não existe uma busca por atualização desse modelo, e, assim, vai-se perpetuando a forma de fazer esse planejamento. Isso acarreta um certo comodismo, pois as discussões no momento em que se reúnem deveriam circundar em torno de estratégias para trabalhar os pontos deficitários dos alunos ou até mesmo do curso, sobre problemas que atinjam o todo e assim nortear os planejamentos individuais que surgiriam desse momento. No entanto, o que se nota é que as preocupações ao fazerem o planejamento coletivo são com repertório, com eventos, com o que vai ser trabalhado aqui ou ali.

Não estamos afirmando aqui que esses assuntos não sejam pertinentes, porém fica evidente a falta de preocupação com o pedagógico nesse momento. Existe um vazio na fala desses professores quando o assunto é o desenvolvimento pedagógico de seus alunos, uma vez que esse momento em que todos sentam para discutir é uma grande oportunidade, em que poderiam ser feitas trocas de experiências e de conhecimentos. Cada professor apresentando seus resultados e anseios oportunizaria uma reflexão coletiva, em que estariam em pauta os métodos e as metodologias adotadas no curso e, com isso, poderia se chegar a um denominador comum sobre o que está dando certo, e o que precisa ser revisto. Por meio disso, poderia ser ofertada uma educação mais próxima da realidade de cada aluno, melhorando a qualidade de ensino e da aprendizagem. Afala da professora Gal Costa corrobora o pensamento apresentado:

O planejamento do curso de canto desde que eu estou aqui, sempre foi feito de forma coletiva, entendeu? Entrando em acordo coletivo e conforme a maioria decide, eu acho que é democrático, se a maioria acha que tal coisa

deve ser feita, e pode ter um ou outro que deixa de fazer, que pensa diferente, mas, a decisão é sempre do coletivo (Costa⁹, 2022).

Antes de passarmos para a próxima pergunta, é importante também registrarmos as outras informações que os entrevistados deixaram ao responder a essa pergunta. Todos os professores compreendem o que é e qual a diferença de um planejamento coletivo de um individual, isso fica claro em todas as respostas. O que chama atenção é a questão relatada anteriormente, que quando se trata de priorizar as questões pedagógicas existe certa deficiência no foco das discussões coletivas. A compreensão do que seria cada um, planejamento coletivo e individual, no entanto, é bem clara nas palavras dos docentes, como da professora Dolores Duran, que resume as palavras de todos em sua resposta.

Planejamento coletivo, eu entendo como as ações que vão nortear as aulas de todos os professores, o que é muito importante, pois tem a finalidade de estabelecer um mínimo de padrão aceitável. Já o individual ou pessoal é aquele que leva em consideração as especificidades do aluno, as pessoas são diferentes, os alunos são diferentes, cada um tem as suas vivências e traz isso para a gente. Então, ele leva em consideração o que o aluno traz para a sala de aula, então é pessoal porque leva em conta o que o aluno tem, e que os alunos são diferentes de uma turma para outra, de um nível para o outro (Duran¹⁰, 2022).

Observa-se nesta fala da professora que é clara a separação da concepção de cada tipo de planejamento. O que fica evidente também é que no momento do individual ela considera as necessidades pedagógicas e a adaptação de material para atender às disparidades de cada aluno, porém também deixa transparecer que não é discutido no momento do coletivo. Essa situação denota a confusão com o que é o planejamento coletivo, no sentido de que nesse momento é para ser tratado de questões e de ações pedagógicas que visem sanar as necessidades dos alunos como um todo e não para se discutir datas e eventos da área. Não queremos aqui determinar o que pode ou não fazer parte do planejamento, mas apontar um ponto que deve ser observado com mais atenção, pois, esse planejamento de eventos e atividades extra classe, não deve ser confundido ou misturado com o que se refere a questões pedagógicas de ensino-aprendizado.

⁹ Gal Costa: Professor entrevistado entre os dias 03 e 04 de outubro de 2022

¹⁰ Dolores Duran: Professor entrevistado entre os dias 03 e 08 de 2022

6.3 Terceira pergunta

Com o objetivo de averiguar e compreender como ocorre na íntegra o planejamento do curso de canto, lançamos mão do seguinte questionamento aos entrevistados: como acontece o planejamento no curso de canto? As respostas foram uniformes em sua totalidade; o que as diferenciam são detalhes que alguns professores demonstraram com relação à preocupação da adaptação do planejamento para alunos com dificuldades de aprendizado. A exemplo disso, temos a professora Vanessa da Mata que argumenta da seguinte forma:

Então, todos os anos nós nos reunimos para dar uma olhada no repertório, então são necessárias algumas adaptações, por exemplo os alunos que têm necessidades especiais, nem sempre eles conseguem fazer o repertório que o outro aluno faz, cantar em alemão, cantar em inglês, porque abre demais ou porque força, aspectos que ainda não estão desenvolvidos na voz (Mata, 2022).

Nota-se na fala dos professores que há certa preocupação com a adaptação dos planejamentos e materiais para atender às demandas dos alunos. Outro fator que chama atenção é que não apenas os alunos com necessidades de atendimento especializado são contemplados, mas também aqueles que apresentam dificuldades de aprendizado sem serem atípicos. A exemplo disso, temos o método de canto Vaccaj, que algumas professoras adaptaram para usar com alunos do canto infante juvenil, adaptando melodia e letra, introduzindo a língua materna ao invés do tradicional Italiano.

Ficou evidente, diante das respostas registradas, que o planejamento no curso possui dois formatos. O semanal é quando os professores se reúnem e discutem diversos assuntos sobre as aulas de canto, tiram dúvidas e programam atividades coletivas que ocorreram no bimestre ou semestre. Esse processo fica registrado em ata, e qualquer pessoa com a devida autorização consegue acessar o documento através do coordenador do curso. O segundo formato, que seria o planejamento individual, é que não ficou claro; não se consegue identificar uma sistematização desse planejamento, como e quando ocorre, apesar de todos afirmarem que o fazem, que adaptam a partir do coletivo ou geral. A forma como ele acontece não fica evidente e nem foi apresentado um planejamento pronto para que se pudesse analisar e compreender sua estrutura pedagógica.

O que ficou salientado nas respostas é que, como o planejamento ocorre sempre da mesma forma e como a maioria dos professores que ministram a disciplina já estão nela há algum tempo, eles reaproveitam o planejamento e fazem pequenas alterações. Longe de nós quereremos apontar ou determinar como e quando cada professor deve fazer seu planejamento,

mas precisamos alertar aqui que este deve ser um ato diário do educador, que precisa, a cada momento, estar repensando suas práticas e adaptando seu fazer pedagógico para, de fato, conseguir atender à demanda de seus alunos. Precisamos entender que cada aula deve ser preparada e específica para cada aluno, conforme seu repertório e nível.

6.4 Quarta pergunta

A quarta pergunta foi pensada de forma a garimpar ainda mais informações que nos possibilite compreender como esses professores preparam suas aulas e como eles constroem seus planejamentos pessoais. Para isso, foi feito o seguinte questionamento: No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários? No que tange à questão de se levar em consideração o material ou os recursos pedagógicos necessários para execução do seu planejamento, os professores foram categóricos em responder que sim. Eles afirmam não só levar em consideração como também dizem ser indispensável essa ação, pois não se deve preparar uma aula ou atividade sem averiguar a disponibilidade dos recursos necessários para ela. Elza Soares salienta que

Sim. Porque não adianta eu planejar uma coisa que eu não vou ter esse recurso ou aquele que seria necessário para a realização daquilo. Então eu tenho que ter o pé no chão, eu tenho esse material, eu posso planejar aquilo, se eu não tenho, eu vou me adaptar, na maioria das vezes eu tenho que fazer adaptações, porque eu não tenho muitos materiais, muitos aparelhos, mas tem recursos e formas de alcançar bons resultados com outras abordagens. Então eu adapto muitas atividades, muitos exercícios, principalmente de técnica, respiração que eu faço com meus alunos, eu faço adaptado por causa da falta do aparelho que a escola não tem e muito desses aparelhos eles são individuais. Eu não posso, por exemplo, trazer um aparelho meu para meu aluno usar, tem certos aparelhos e recursos que a gente utiliza né, mas a gente pode adaptar, eu faço adaptações, eu não posso trabalhar com o que eu não tenho, então com certeza eu tenho que levar em consideração (Soares, 2022).

Discorrendo ainda sobre o assunto, outro ponto que chama atenção é que apesar de afirmarem que levam em consideração, muitos dos professores também deixam claro em suas palavras que não conhecem ou não possuem contato com muitos recursos diferentes; a maioria só apresenta recursos impressos, que são partituras ou métodos de estudo. Isso traz à tona certos questionamentos, pois vivemos em uma era extremamente digital, em que abundam as propagandas e as facilidades de compra sem precisar sair de casa. O que realmente leva um profissional a não conhecer ou não buscar conhecer o que há de recursos para sua própria área de atuação? Por mais que alguns afirmem que o Estado não fornece esse tipo de material que,

em sua maioria, é de uso individual, que não tem como e nem se pode partilhar, que é caro, é pertinente questionar: O que o impede de buscar conhecimento ou mesmo compartilhar sobre a existência desses recursos com seus alunos de forma que eles possam conhecer e saber desses materiais que podem auxiliá-los nos estudos e nos treinamentos? Por que não elaborar uma aula expositiva em que esses recursos sejam apresentados proporcionando um contato com seus educandos? Mesmo que o professor alegue que, às vezes, nem ele consegue adquirir alguns recursos, isso não o impede de mostrar através da internet. É preciso que nós professores estejamos sempre em reciclagem, buscando sempre novos recursos pedagógicos, sejam eles instrucionais sejam produtos pedagógicos. É sempre bom estar a par das novidades e tecnologias que se encontram à nossa disposição.

6.5 Quinta pergunta

O quinto questionamento foi construído com intuito de fazer um levantamento dos autores que são utilizados pelos professores do curso de canto, uma vez que é de suma importância embasar bem nossas aulas. Tudo que planejamos precisa estar pedagogicamente ligado a autores que nos deem suporte teórico para a aplicação do nosso planejamento. Assim, fizemos o seguinte questionamento aos envolvidos: No momento do planejamento, seleção e aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas? As respostas dadas a este questionamento levam a crer que há certa dificuldade em compreender o que é referenciar seu planejamento ou entender o material didático como referência bibliográfica. Isso fica evidente quando quase todos citam os métodos de canto como referência. Vejamos o que diz a cantora Elis Regina:

A gente sempre busca fontes de acervo de partituras, como o método Vaccaj, o método Panofka, repertório brasileiro, Waldemar Henrique, Villa Lobos, Carlos Gomes, Babi de Oliveira, que são os que a gente mais utiliza, é, mas tem muitos outros compositores, e a gente sempre busca um material de fonoaudiologia, eu não vou saber citar agora de cabeça, mas a gente tem muito material que é referência com relação a preparação vocal e também aos cuidados e higiene vocal, então a gente está sempre pesquisando, estudando diversas fontes (Regina¹¹, 2022).

Diante do exposto, percebemos que os envolvidos citam em suas respostas os materiais que fazem uso no seu cotidiano, o que nos leva a refletir que a falta de respostas mais concretas quando perguntado sobre as referências utilizadas no momento do planejamento é

¹¹ Elis Regina: Professora entrevistada entre os dias 03 e 08 de outubro de 2022

justificado pelo pouco ou nenhum uso desse material. Isso fica evidente nas palavras de Rita Lee, que argumentou:

É como eu falei, eu tive acesso a alguns materiais igual eu falei, da Babaia, falei da Natália Aurea, que é uma pessoa que eu sigo e gosto de mais do jeito dela de trabalhar, passo os vídeos dela para meus alunos, falo com eles para se inscreverem também no canal dela que ela passa muitas dicas boas, e fora isso tem os livros, é que eu não lembro agora mas se for o caso eu posso passar para você depois, como cantar bem, não lembro agora quem é o autor, como afinar sua voz, não lembro os títulos, mas tenho em casa e posso mandar para você (Lee¹², 2022).

Desse modo observamos nas palavras da entrevistada que a mesma possui os materiais ou tem conhecimento dos mesmos, porém esses não estão inseridos em seu planejar, não há uma conexão real desse material com o planejamento, e isso está evidenciado na dificuldade de apontar algum autor que embase seu fazer pedagógico. Contudo não podemos generalizar os dados. Contrapondo o que foi a maioria das respostas Elza Soares, apresenta os seguintes argumentos:

De alguns anos já para cá, eu tenho trabalhado muito mais direcionada com, acho que a fonoaudiologia aproximou muito com o canto, em termos de ensino, o professor de canto né, e hoje a gente tem uma gama de autores e de principalmente da área da fonoaudiologia que tem publicações muito interessantes e que, esses materiais interessantes, então esse material eu gosto de ter e gosto de estar revisitando sempre, gosto muito de Mara Behlau, Tutti Baê, que apesar mais antigo, eu gosto das coisas que ela tem, Claire Dinville (Soares, 2022).

Em síntese, percebemos que todos os entrevistados demonstram em suas respostas e expressões o conhecimento da importância de ser ter autores referência no momento do planejamento e alguns fazem uso de materiais desses autores. Entretanto, não é um hábito fazer uso ou mesmo consultas rotineiras a esse material, fator que pode estar ligado a dois fenômenos recorrentes entre professores de forma geral. O primeiro deles é o excesso de trabalho, já que, muitas vezes, os profissionais da educação se submetem a uma carga horária excessiva de trabalho para melhorar sua renda familiar, que se acumula com o trabalho doméstico, e em muitos casos, ainda levam trabalho para casa. Esse combo de serviço em excesso nos leva ao segundo fator que é o cansaço, tanto o físico quanto o mental. Estamos tão preocupados com produzir e apresentar resultados que esquecemos da importância de estarmos sempre buscando crescimento através de novos conhecimentos. Pesquisar, investigar e trazer isso para dentro do

¹² Rita Lee: Professora entrevistada entre os dias 03 e 08 de outubro de 2022

nosso planejamento é vital para que nossas aulas surtam os efeitos desejados e o conhecimento seja de fato gerado genuinamente em nossos alunos. Esse trabalho realizado, os resultados obtidos, as experiências, precisam ser registradas e compartilhadas, publicadas, para que outros professores, colegas, pesquisadores, possam ter acesso, e através destes, refletir e construir novos caminhos, contribuindo assim para a disseminação do conhecimento.

6.6 Sexta pergunta

A última pergunta formulada para a entrevista pode parecer não ter tanta relevância, se levarmos em consideração que, com o avanço tecnológico, há vários meios de se registrar um planejamento ou mesmo anotações, não sendo necessário possuir um caderno físico para tal registro. Todavia, o objetivo central da pergunta foi justamente detectar se esse registro escrito existe e se os envolvidos costumam fazer anotações de seus planejamentos, bem como os seus resultados, podendo, assim, refletir sobre seu fazer pedagógico e utilizá-lo para seu crescimento profissional.

Assim, a pergunta feita: se eles possuíam caderno de plano de aula e se costumam carregá-lo consigo para eventual consulta no momento das aulas. As respostas obtidas com esse questionamento nos chamaram atenção, pois foi a questão que mais apresentou respostas diferentes. Vejamos o que respondeu a cantora Elis Regina:

Sim. Acabei de guardar o meu ali no armário, tenho um caderninho onde faço todas as minhas anotações, onde eu anoto a frequência do meu aluno, tudo que está sendo trabalhado em sala de aula, individualmente, ainda que na aula tenha três, quatro, cinco alunos no mesmo horário. Eu faço anotações individuais de tudo o que preciso trabalhar ou que já trabalhei com aquele aluno. Então, eu utilizo todos os dias, não tem como trabalhar sem esse material (Regina, 2022).

Percebemos nas palavras da Elis, que ela demonstra conhecimento de que o caderno de plano é mais que uma mera formalidade, que ele só é necessário para registro e consulta durante e posterior as aulas, pois é através dessas informações que o professor pode refletir e construir um caminho de aprendizagem eficaz. Quando registramos nosso plano, nossas aulas, nossos resultados obtidos, podemos nos reorganizar, traçar novas metas e novos objetivos; é com ele que o professor pode melhorar sua prática educacional. Em consonância com Elis Regina, a cantora Elza Soares afirma em sua resposta que:

Sim. Sempre tive, assim, não é um caderno todo sistematizado, todo bonitinho não, mas eu tenho, ou um caderno que eu direciono todo repertório do aluno,

o que que precisa, o que que falta, o que que não tem, e, ou um diário, onde eu faço as anotações, são anotações. Eu já adquiri uma prática, então eu não tenho um diário onde eu faço um plano diário não, um plano de aula de diário, eu tenho um, eu gosto de fazer individual, eu tenho um caderno onde eu separo por aluno as necessidades, o repertório, o ano que ele está, por aluno e não por aula, se é que você me entende, mas, é assim que eu acompanho. Então, ele estava até aberto aqui, a hora que chega o aluno, eu abro a página do aluno e pá, que que é que eu tenho que fazer com ele hoje? Onde que eu parei? Porque se eu deixar de anotar, e acontece muitas vezes de eu esquecer de anotar da aula hoje, eu tô devendo isso para o aluno, eu, acabo me perdendo, na aula seguinte, que que eu vou fazer com o aluno hoje? Então eu gosto de ter anotado (Soares, 2022).

Desse modo, vemos aqui nas palavras da Elza Soares (2022) que ela possui um sistema próprio de anotação; que não tem um modelo sistematizado, mas que faz suas anotações sobre as aulas e sobre os alunos, que esse material a norteia, indicando o que foi trabalhado e o que deverá ser desenvolvido através dos resultados obtidos. Percebemos também, com a resposta da Elza Soares (2022), que ela possui conhecimento de que há uma forma sistematizada de se construir um plano de aula. Isso fica evidente quando ela afirma que não tem um caderno todo “sistematizado, bonitinho”, mas que é um material em que ela se direciona, se aporta. Isso evidencia o que tínhamos afirmado anteriormente, que o planejamento, o planejar, é uma bússola, é um norteador. O professor deve e precisa se apossar disso para que conduza bem suas aulas e que alcance com efetividade os resultados esperados no ensino do conteúdo ministrado. Em oposição a maiorias das respostas, alguns entrevistados demonstram uma posição diferente das dos demais. Vejamos o que argumentou a cantora Rita Lee:

Não. Na verdade, a gente tem os arquivos, a gente manda quando define o que que é que tá acontecendo, fica alguma coisa no armário dos professores de canto, e a outra parte a gente manda como arquivo pelo *WhatsApp*. Quando o professor precisa consulta aquele arquivo, pronto e acabou, não tem assim um caderno preparado, é um arquivo só que fica no celular que as vezes você esqueceu ou não achou onde que está, manda para um professor, ou manda o plano de ensino ou o plano de aula ai de novo, o plano do bimestre, o que que a gente vai trabalhar esse bimestre, mas é bem tranquilo, como é uma coisa que quase não muda, é as vezes o que muda mesmo, é como a gente vai trabalhar aquilo que já foi definido, então é um plano de ensino do curso, que ele é, vou falara que ele é praticamente engessado. A gente, a única maneira que a gente tem de mudar esse plano, é quando as vezes o aluno não tem condições ou alguma necessidade especial, ou as vezes é um aluno mais idoso, e aí a gente muda para facilitar para o aluno, é nunca, o aluno que tem condições, ele vai seguir o programa certinho (Lee, 2022).

Dessa forma, podemos perceber aqui que a entrevistada afirma não ter o registro do seu plano de aula, como também nos apresenta outras informações pertinentes sobre o que podemos chamar de *Modus Operandi*, que se perpetuam no curso ou por que não dizer, nos conservatórios. Alguns profissionais, com o passar dos anos de exercício, pensam não ser mais necessário sentar e fazer o plano de aula, que sua experiência basta e deixam de lado o momento do planejamento. Com isso, como afirma a própria cantora Elis, “como é uma coisa que quase não muda, e as vezes o que muda mesmo, é como a gente vai trabalhar aquilo que já foi definido, então é um plano de ensino do curso, que ele é, vou falar que ele é praticamente engessado”. A expressão “praticamente engessado” revela aqui um fator preocupante que alguns professores, ao perderem o hábito de planejar suas aulas, perdem também o costume de pesquisar de buscar novas informações e ou mesmo que poderiam enriquecer suas práticas pedagógicas. Com isso, acabam procrastinando e tornando-se meros reprodutores dentro das salas de aula.

Em consonância com a afirmação de Rita Lee, a cantora Nana Caymmi salienta que:

Olha no início eu tinha muito que está [sic] olhando sabe, toda aula eu consultava o que tinha planejado, o que que eu vou fazer primeiro, mas, com o tempo e com a prática, eu tenho o caderno, mas já vai memorizando e acaba que não vai mais precisando olhar (Caymmi¹³, 2022).

Assim, fica claro que há um certo costume de não se fazer mais uso do plano de aula ou mesmo de um planejamento no geral, caso de alguns professores que lecionam um mesmo conteúdo por muitos anos. Quando falamos em professores aqui nos referimos de forma geral, não só aos envolvidos na pesquisa.

É implícito nas palavras dos professores entrevistados que os anos de exercício, e sempre com o mesmo conteúdo, geram certa postergação, uma vez que para esse professor é sempre a mesma aula, a mesma série, e assim não se leva em consideração o aluno. Por mais que seja a mesma disciplina ou conteúdo, os alunos são rotativos; eles são indivíduos distintos com necessidades e com desenvolvimentos diferentes, o que demanda do professor um planejamento contínuo, reflexivo e inclusivo, que se consiga abarcar os objetivos de forma geral do conteúdo, e inserir as adaptações necessária para atender às especificidades de todos.

¹³ Nana Caymmi: Professor entrevistado entre os dias 03 e 08 de outubro de 2022

7. A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR E O MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE CANTO DO CEMLF

À medida que nos aproximamos da finalização desta pesquisa, é pertinente analisar a relação entre o professor e o material didático no contexto das aulas de canto, com ênfase no Conservatório Lorenzo Fernández. Este capítulo se propõe a examinar os materiais didáticos identificados e empregados pelos professores de canto da referida instituição.

Além da descrição e análise dos materiais utilizados, este capítulo também abordará os resultados obtidos com esta pesquisa. Avaliaremos como a escolha e o uso dos materiais didáticos impactam o desenvolvimento vocal dos alunos e identificaremos os desafios e sucessos associados a essa abordagem. Por fim, serão apresentadas reflexões sobre as perspectivas futuras para a integração do material didático no ensino de canto, com sugestões para possíveis melhorias e inovações que possam enriquecer o processo educativo no Conservatório Lorenzo Fernández. Esta análise visa contribuir para o aprimoramento contínuo das práticas pedagógicas e para a otimização da experiência de aprendizado dos alunos em formação vocal.

7.1 Metodo pratico di canto, Nicola Vaccaj

Nicola Vaccaj (1790-1848), renomado compositor e pedagogo italiano, é amplamente reconhecido por sua significativa contribuição ao ensino do canto, principalmente por meio de seu método *Metodo Pratico di Canto* (Método Prático de Canto), publicado em 1832. Vaccaj, que recebeu formação na Escola de Música de Bolonha, dedicou sua carreira ao desenvolvimento de técnicas vocais e da pedagogia musical, o que o posiciona como uma figura central na tradição do canto lírico.

O seu método é notável por sua abordagem sistemática e detalhada do treinamento vocal, sendo estruturado para desenvolver aspectos técnicos essenciais, começando com exercícios de escalas que visam aprimorar a agilidade vocal, a extensão e o controle. Vaccaj integra uma série de exercícios progressivos que ajudam a fortalecer e coordenar a musculatura vocal, promovendo uma técnica de canto eficiente e expressiva. O aquecimento vocal é enfatizado como um componente crucial para preparar as pregas vocais, prevenindo lesões e preparando a voz para a *performance*.

Figura 18 - Capa do livro Metodo Pratico di Canto



Fonte: Disponível em: <https://encurtador.com.br/wTqv4>

Além dos exercícios técnicos, o método inclui práticas destinadas a melhorar a afinação e a flexibilidade vocal, essenciais para a precisão e clareza na produção vocal. Vaccaj também dedica parte de seu método ao desenvolvimento da capacidade interpretativa e expressiva dos cantores, fornecendo diretrizes sobre como abordar diferentes estilos e interpretar a música de maneira emocionalmente envolvente. O método incorpora uma seleção de árias e canções que permitem aos alunos aplicarem os conceitos técnicos em contextos musicais práticos.

A relevância do "Metodo Pratico di Canto" transcende o tempo, sendo amplamente utilizado em conservatórios e escolas de música ao redor do mundo. A abordagem pedagógica de Vaccaj, que combina desenvolvimento técnico com expressão artística, continua a ser uma referência importante na formação de cantores, refletindo a prática pedagógica do canto clássico do século XIX que ainda influencia o ensino vocal contemporâneo.

No Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, esse método desempenha um papel central na formação dos alunos de canto, sendo utilizado desde o início da educação musical até a conclusão dos estudos. No entanto, ao atingir o nível técnico do curso, o método deixa de ser adotado como material de estudo específico. Para os alunos que estão em curso técnico, não foram apresentados materiais didáticos específicos para esta modalidade, conforme indicado pelos entrevistados. Em vez disso, o foco é direcionado para exercícios de vocalização e para técnicas vocais, além da utilização de partituras de obras de diversos compositores. Esta abordagem reflete uma mudança na ênfase pedagógica, em que a prática da técnica e a aplicação de repertório se tornam mais proeminentes em comparação com o uso contínuo do método de Vaccaj.

Durante a pesquisa de campo para a coleta de dados, tivemos a oportunidade de observar diversas aulas no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, nas quais os alunos estavam envolvidos no estudo do "Metodo Pratico di Canto" de Nicola Vaccaj. Esse momento revelou-se extremamente enriquecedor, oferecendo uma visão clara dos benefícios e da eficácia do método. Foi possível notar que, apesar das dificuldades e dos temores iniciais, especialmente no que tange ao domínio do idioma, os alunos das séries mais avançadas demonstravam maior firmeza na execução e na pronúncia vocal. Os professores adotavam uma abordagem pedagógica abrangente ao aplicar cada lição do método, que incluía a leitura do texto, leitura rítmica e relativa, e, em alguns casos, os alunos já conseguiam realizar o solfejo dos exercícios.

Além disso, os docentes incentivavam os alunos a traduzirem o texto ou a buscarem uma tradução aproximada, mesmo que não fosse literal, como uma forma de reforçar a pronúncia e contribuir para a performance final. Essa prática permitiu que os alunos compreendessem melhor o conteúdo do texto, facilitando ajustes que melhoraram a expressão e a interpretação durante a execução. Esses aspectos destacam a relevância e a eficácia do método Vaccaj na formação vocal, evidenciando como o apoio e a dedicação dos professores são essenciais para superar desafios iniciais e alcançar resultados satisfatórios no desenvolvimento técnico e artístico dos alunos.

7.2 Impressões acerca dos planos de ensino do curso de canto do CEMLF

O plano de ensino constitui um documento fundamental na organização e na implementação de atividades educacionais, funcionando como uma verdadeira bússola para o planejamento de qualquer educador. Este instrumento detalha os objetivos pedagógicos, os

conteúdos programáticos, as estratégias de ensino e os métodos de avaliação que serão utilizados ao longo do semestre ou ano letivo. A elaboração de um plano de ensino requer uma abordagem sistemática e reflexiva, tendo em vista a necessidade de alinhar as práticas docentes com os objetivos educacionais e as competências a serem desenvolvidas pelos alunos. Além de promover a clareza e a coerência na execução das atividades acadêmicas, o plano de ensino também facilita a adaptação e o ajuste das práticas pedagógicas de acordo com as necessidades emergentes dos estudantes e as dinâmicas do ambiente educativo, garantindo assim uma orientação contínua e eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Antes de adentrarmos nos aspectos inerentes aos planos acessados no CEMLF, vejamos abaixo dois exemplos de plano, um do sexto ano e outro do nono ano, do ensino fundamental.

Figura 19 - Plano de ensino do sexto ano

|  Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández CENTRO INTERESCOLAR DE ARTES | |
|---|-----------------------------|
| PLANO DE ENSINO | |
| DISCIPLINA: Canto | CURSO: Canto |
| SÉRIE/TURNO: 6º ano | CARGA HORÁRIA: 33h20 |
| COORDENADOR(A): [REDACTED] | ANO LETIVO: 2023 |
| 1.0. EMENTA DA DISCIPLINA: | |
| Estudo de repertório com idiomas, autores e estilos de época diversos, utilizando-se de técnica e <i>performance</i> adequadas. | |
| 2.0. OBJETIVOS: | |
| OBJETIVO GERAL: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Cantar com uma correta emissão, articulação e apoio da voz. | |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir/aprimorar postura adequada para o canto através das técnicas de alongamento e respiração; • Estudar músicas quanto ao aspecto teórico – musical; • Apreciar músicas do gênero popular e erudito; • Conhecer a fonética dos idiomas apresentados; • Demonstrar no ato da avaliação o domínio da memória e correta postura em palco; • Participar de eventos como audições, seminários, concursos e óperas propostas pelo curso. • Conhecer aspectos básicos da fisiologia da voz e higiene vocal. | |
| 3.0. METODOLOGIA | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Exercícios práticos, audições e seminários; • Exercícios progressivos de técnica vocal. | |
| 4.0. RECURSOS DIDÁTICOS: | |
| Piano; espelho; metrônomo; partituras; estantes para partitura; áudios e vídeos (youtube, facebook, instagram, etc); câmera (celular ou outros). | |

5.0. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- Participação nas aulas e em atividades promovidas pelo curso, comprometimento e domínio dos conteúdos trabalhados;
- Avaliações bimestrais através de prova pública com banca examinadora composta de, no mínimo, dois professores do curso.
- Na prova pública avalia-se as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, observadas na: postura, ritmo, afinação, respiração, pronúncia, interpretação e técnica vocal;
- Há a possibilidade de o aluno apresentar programa mínimo para avaliação, com conceito diferenciado;
- Alunos com necessidades especiais e dificuldade de aprendizado serão avaliados à partir de conteúdos e conceitos diferenciados.

Distribuição dos Pontos:

- 1º Bimestre: 25 pontos
- 2º Bimestre: 25 pontos
- 3º Bimestre: 25 pontos
- 4º Bimestre: 25 pontos

6.0. CONTEÚDOS:

1º Bimestre:

- Vaccaj 1 (Manca solecita)
- O1 música popular brasileira (livre)

2º Bimestre:

- Vaccaj 2 (Sempliceta)
- O1 música popular estrangeira

3º Bimestre:

- Vaccaj 3 (Lascia il lido)
- O1 música popular brasileira

4º Bimestre:

- Vaccaj 4 (Avezzo)
- O1 música popular livre

7.0 BIBLIOGRAFIA

- Canções eruditas e populares de compositores brasileiros, italianos, entre outros.
- BEHLAU, M; PONTES, P. **Higiene vocal**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1999.
- COSTA, H. E. M. Silva. **Voz cantada**. São Paulo: Editora Lovise, 1998.
- DINVILLE, Claire. **A técnica vocal da voz cantada**. Rio de Janeiro: Ed. Enelivros, 1993.
- GAYOTTO, Lúcia Helena. **Voz partitura da ação**. São Paulo: Editora Summus, 1997.
- GONZÁLES, E. P. **Iniciação à técnica vocal**. Belo Horizonte: Editora Litera Maciel, 2000.
- LOUZADA, Paulo da Silva. **As Bases da Educação Vocal**. Rio de Janeiro: O Livro Médico, 1982.
- OITICICA, V. **O bê-a-bá da técnica vocal**. Brasília: Editora Musimed, 1992.
- QUINTEIRO, Eudisia Acuña. **Estética da voz**. São Paulo: Editora Summus, 1989.
- VACCAJ, Nicola. **Método prático de canto**. Milão: Ricordi, 1990.

Figura 20 - Plano de ensino do nono ano

|  Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández CENTRO INTERESCOLAR DE ARTES PLANO DE ENSINO | |
|--|-----------------------------|
| DISCIPLINA: Canto | CURSO: Canto |
| SÉRIE/TURNO: 9ºano adulto e infanto-juvenil | CARGA HORÁRIA: 33h20 |
| COORDENADOR(A): ██████████ | ANO LETIVO: 2023 |
| 1.0. EMENTA DA DISCIPLINA: | |
| <p>Estudo de repertório com idiomas, autores e estilos de época diversos, utilizando-se de técnica e <i>performance</i> adequadas, visando a conclusão do curso.</p> | |
| 2.0. OBJETIVOS: | |
| OBJETIVO GERAL: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Cantar com correta emissão, articulação e apoio da voz; | |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir/aprimorar postura adequada para o canto através das técnicas de alongamento e respiração; • Estudar músicas quanto ao aspecto teórico – musical; • Apreciar músicas do gênero popular e erudito; • Conhecer a fonética dos idiomas apresentados; • Participar de eventos como audições, seminários, concursos e óperas propostas pelo curso. • Conhecer aspectos básicos da fisiologia da voz e higiene vocal. • Manter o canto dentro de uma extensão confortável à voz em mudança vocal; • Exercitar a voz sem provocar estafa, aliando musicalidade e virtuosismo; • Estabilizar a voz com naturalidade e autenticidade. | |
| 3.0. METODOLOGIA: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva; • Exercícios práticos, audições e seminários; • Exercícios progressivos de técnica vocal, respiração, alongamento e relaxamento dos músculos. | |
| 4.0. RECURSOS DIDÁTICOS: | |
| <p>Piano; espelho; metrônomo; partituras; estantes para partitura; áudios e vídeos (youtube, facebook, instagran, etc); câmera (celular ou outra).</p> | |
| 5.0. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: | |

- Participação nas aulas e em atividades promovidas pelo curso, comprometimento e domínio dos conteúdos trabalhados;
- Avaliações bimestrais através de prova pública com banca examinadora composta de, no mínimo, dois professores do curso.
- Na prova pública avalia-se as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, observadas na: postura, ritmo, afinação, respiração, pronúncia, interpretação e técnica vocal;
- Há a possibilidade de o aluno apresentar programa mínimo para avaliação, com conceito diferenciado;
- Alunos em desenvolvimento fisiológico vocal e/ou com necessidades especiais e dificuldade de aprendizado serão avaliados a partir de conteúdos e conceitos diferenciados.

Distribuição dos Pontos:

- 1º Bimestre: 25 pontos
- 2º Bimestre: 25 pontos
- 3º Bimestre: 25 pontos
- 4º Bimestre: 25 pontos

6.0. CONTEÚDOS:

1º Bimestre:

- Vaccaj 13
- O1 peça brasileira erudita

2º Bimestre:

- Vaccaj 14
- O1 peça italiana – Ária antiga

3º Bimestre:

- Preparação para recital ou prova
- *Nota do professor = 25,0

4º Bimestre:

- *Nota da banca = 25,0
- Sugestão de repertório:
- ✓ Ária antiga
 - ✓ Brasileira erudita
 - ✓ Livre escolha

7.0 BIBLIOGRAFIA

- Canções de compositores brasileiros, franceses, alemães, italianos, espanhóis, entre outros, de períodos diversos.
- BEHLAU, M; PONTES, P. **Higiene vocal**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1999.
- COSTA, H. E. M. Silva. **Voz cantada**. São Paulo: Editora Lovise, 1998.
- DINVILLE, Claire. **A técnica vocal da voz cantada**. Rio de Janeiro: Ed. Enelivros, 1993.
- GAYOTTO, Lúcia Helena. **Voz partitura da ação**. São Paulo: Editora Summus, 1997.
- GONZÁLES, E. P. **Iniciação à técnica vocal**. Belo Horizonte: Editora Litera Maciel, 2000.
- LOUZADA, Paulo da Silva. **As Bases da Educação Vocal**. Rio de Janeiro: O Livro Médico, 1982.
- MENDONÇA, Rita de Cássia. **Adolescente e Canto**. Goiânia: EMAC, 2011.
- OITICICA, V. **O bê-a-bá da técnica vocal**. Brasília: Editora Musimed, 1992.
- QUINTEIRO, Eudisia Acuña. **Estética da voz**. São Paulo: Editora Summus, 1989.
- RODRIGUES, Helena. **Avaliação da Aptidão Musical em Crianças do 1º ciclo de Escolaridade -Aferição do Teste Intermediate Measures of Music Audiation (IMMA) para a Área Educativa de Lisboa**. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, 1997.
- RODRIGUES, Helena. **Música para os mais pequeninos: Elementos da perspectiva de**

O curso de canto do Conservatório Lorenzo Fernández, uma instituição renomada na formação musical, possui uma estrutura curricular detalhada e bem-planejada, refletida em seus planos de ensino. Após uma leitura minuciosa dos documentos cedidos pela coordenação pedagógica do curso, foi possível identificar a abrangência dos planos, que delineiam os objetivos pedagógicos, os conteúdos programáticos e as metodologias de ensino adotadas.

Considerando a amplitude e a riqueza dos materiais fornecidos, optou-se por expor e analisar apenas dois dos planos de ensino disponíveis. Esta escolha visa otimizar a análise e permitir uma avaliação mais aprofundada e crítica dos documentos selecionados. A análise focará na eficiência e na coerência dos planos escolhidos, bem como em sua contribuição para o desenvolvimento das competências musicais e interpretativas dos alunos. A abordagem sistemática e detalhada desses planos permitirá uma visão mais clara e precisa da implementação pedagógica do curso e sua efetividade no alcance dos objetivos educacionais estabelecidos.

Os planos de ensino selecionados destacam-se por sua estrutura bem-elaborada e pelos elementos educacionais minuciosamente planejados. Cada plano é composto por um conjunto claro e organizado de componentes essenciais, que inclui a definição de objetivos gerais e específicos, a seleção criteriosa de conteúdos programáticos, a descrição de metodologias de ensino e a proposta de métodos de avaliação. Os objetivos gerais fornecem uma visão abrangente das metas de aprendizagem pretendidas, enquanto os objetivos específicos detalham as habilidades e conhecimentos que os alunos devem adquirir ao longo do curso. Além disso, também incorporam uma variedade de referências bibliográficas que sustentam o embasamento teórico e metodológico dos conteúdos abordados. As referências apresentadas demonstram uma falta de atualização, o que sugere uma ausência de busca por novas literaturas que possam embasar de maneira mais sólida e contemporânea os planos pedagógicos. A escolha de bibliografia desatualizada compromete a relevância e a atualidade das práticas pedagógicas e dos conceitos musicais interativos, limitando o acesso dos alunos aos conhecimentos e práticas mais recebidos.

A estrutura dos planos de ensino do Conservatório Lorenzo Fernández, embora organize o processo educativo, compromete a qualidade do ensino devido à utilização de referências desatualizadas e obsoletas. Isso evidencia a necessidade urgente de uma revisão de literatura nos planos de ensino, a fim de alinhar os conteúdos e métodos com as práticas e tendências mais recentes.

A avaliação dos planos de ensino, combinada com as respostas obtidas nas entrevistas, revelou algumas discrepâncias notáveis. Embora tenha sido identificado que alguns

participantes não conseguiram fornecer referências bibliográficas específicas nem apresentar planos de aula detalhados, os dados sugerem que essas lacunas não são advindas de outros fatores. Os planos de ensino analisados indicam que as divergências podem estar associadas a razões subjacentes que afetam a prática pedagógica de certos educadores. Tais fatores podem incluir a carência de recursos adequados, a falta de suporte institucional ou desafios inerentes ao ambiente de trabalho que impactam a implementação das estratégias planejadas.

Existem também os casos em que o maior vilão é o próprio profissional, que acaba se acomodando e não busca meios de se atualizar. Isto fica implícito nas referências bibliográficas dos planos de ensino que estão ultrapassadas. O excesso de confiança advindo dos anos de trabalho, em alguns casos, leva os profissionais a pensarem que não precisam mais se preparar ou registrar seu plano. Para esse tipo de profissional, que geralmente leciona um mesmo conteúdo sempre, as aulas são sempre as mesmas. Assim, ele negligencia a diversidade e a pluralidade que uma sala de aula apresenta em seus diversos aspectos.

Observa-se também que um elemento relevante e que contribui para o distanciamento entre os planos de ensino e a prática pedagógica é a falta de formação e de conhecimento especializado por parte de alguns coordenadores pedagógicos. É importante frisar que o objetivo não é atribuir culpas, mas sim reconhecer que, com base em observações e experiências práticas, a ausência de formação adequada em Música entre os profissionais da equipe pedagógica pode impactar negativamente o desempenho educacional de forma geral. A presença de coordenadores pedagógicos com formação específica em Música é crucial para a implementação eficaz dos planos de ensino nesta área.

O desenvolvimento musical é um campo complexo que se manifesta de várias formas e que requer um entendimento aprofundado para ser adequadamente promovido e avaliado. A ausência de profissionais qualificados nesse campo pode resultar em lacunas na supervisão e no suporte oferecido aos professores, prejudicando a aplicação prática das estratégias educacionais propostas.

Ademais, a presença desses profissionais em reuniões pedagógicas é fundamental. Eles não apenas fornecem uma perspectiva especializada, mas também asseguram que as estratégias e as práticas pedagógicas estejam alinhadas com as diretrizes e com os objetivos do plano de ensino. Sua participação ativa contribui para a coesão e para a eficácia das abordagens educacionais, garantindo que o desenvolvimento musical dos alunos seja devidamente suportado e promovido. Portanto, é imperativo que as instituições educacionais considerem a formação especializada dos coordenadores pedagógicos como um fator central para melhorar a implementação dos planos de ensino e para melhorar o desempenho geral dos alunos. Investir

na qualificação contínua desses profissionais pode desempenhar um papel decisivo na promoção de uma educação musical de alta qualidade.

Observamos também outro aspecto que chama atenção a esta pesquisa, que é a carência de formação continuada. O professor precisa estar constantemente buscando novos conhecimentos e agregando, ao seu currículo e intelecto, novas formas de se pensar e de fazer música, até mesmo a compreensão do que é e seus impactos no cotidiano de cada um. A formação continuada emerge como um aspecto crucial para garantir a excelência do ensino e o crescimento profissional dos educadores. A constante evolução das metodologias pedagógicas, das tecnologias educacionais e das demandas dos alunos exige que os professores se mantenham atualizados e adaptáveis.

Dados obtidos durante nossas pesquisas destacam a falta de formação continuada como um desafio significativo enfrentado pelos docentes, revelando a necessidade urgente de abordar essa lacuna para aprimorar a prática educacional. Além de aprimorar a prática docente, a formação contínua tem um impacto direto na qualidade do ensino. Professores atualizados e bem-informados estão melhor preparados para enfrentar os desafios da sala de aula, criar ambientes de aprendizagem estimulantes e fornecer feedback construtivo aos alunos. A capacitação constante possibilita a implementação de práticas pedagógicas baseadas em evidências, alinhadas com as melhores abordagens educacionais, resultando em uma experiência de aprendizagem mais enriquecedora para os alunos.

Outro ponto relevante é o impacto positivo da formação continuada no crescimento pessoal e profissional dos educadores. A busca contínua por novos conhecimentos e habilidades não apenas enriquece a prática docente, mas também promove o desenvolvimento de competências adicionais, como gestão de sala de aula, liderança educacional e comunicação eficaz. A participação em programas de formação e de desenvolvimento profissional contribui para a satisfação e motivação dos professores, proporcionando um senso de realização, aumentando a confiança em suas capacidades. Esse investimento no próprio desenvolvimento fortalece o engajamento dos educadores com a profissão e resulta em uma carreira mais gratificante e bem-sucedida. Portanto, a formação continuada deve ser estimulada no contexto educacional. Investir em oportunidades de atualização e desenvolvimento profissional é essencial para que os educadores possam atender às demandas e proporcionar uma experiência de aprendizagem de alta qualidade.

8. Considerações finais

A análise da relação entre o professor e o material didático nas aulas de canto, abordada nessa dissertação, se configura como um recurso tanto para profissionais especializados na área de canto quanto para todos os envolvidos na prática do ensino musical. O objetivo central deste trabalho é proporcionar uma reflexão e uma reavaliação das práticas pedagógicas adotadas por aqueles que buscam novas direções para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Neste estudo, não se propõe soluções definitivas nem se apresentam julgamentos sobre o ensino e o planejamento dos professores. Em vez disso, buscamos oferecer uma contribuição significativa para o aprimoramento do ensino musical, considerando as diversas realidades e os contextos encontrados nos estabelecimentos educacionais do nosso estado e do país. O enfoque dado ao material didático e à sua interação com o professor visa enriquecer o debate sobre as práticas pedagógicas e encorajar os educadores a explorarem novas metodologias e abordagens. A intenção é promover um crescimento contínuo e adaptável, permitindo que os educadores se ajustem às demandas e aos desafios do ensino musical contemporâneo. Ao refletir sobre o papel do material didático nas aulas de canto, esperamos estimular uma abordagem mais crítica e inovadora entre os profissionais da área, contribuindo, assim, para um avanço coletivo da prática de ensino. Este trabalho, portanto, pretende servir como um ponto de partida para futuras investigações e práticas que visem à excelência no ensino de música.

A revisão de literatura realizada revelou que, apesar de o canto não figurar como o foco central na maioria das publicações acadêmicas, há um notável incremento no interesse pelo planejamento e ensino de música em contextos acadêmicos e em congressos especializados. Este fenômeno destaca a crescente valorização do ensino musical, mesmo quando o canto não é o tema predominante. Durante o processo de revisão, foi possível delimitar e aprofundar a compreensão sobre a natureza e a funcionalidade do material didático no contexto do ensino musical. A análise das fontes revelou que, embora o canto não receba a mesma atenção que outras áreas da educação musical, a discussão acerca do planejamento e da aplicação de recursos didáticos está se ampliando.

A investigação detalhada do papel do material didático emergiu como um aspecto crucial desta revisão, proporcionando uma compreensão mais precisa de como esses recursos podem ser empregados para aprimorar a prática pedagógica. Este aprofundamento teórico permite uma visão mais ampla das estratégias de ensino e de suas implicações para a prática docente. Em síntese, a revisão de literatura não apenas elucidou a importância crescente das

temáticas relacionadas ao planejamento e ao ensino de música, mas também destacou a necessidade de uma abordagem mais sistemática e informada quanto à utilização de materiais didáticos no ensino de canto. Este processo analítico é fundamental para o avanço das práticas pedagógicas e para a contínua melhoria da educação musical.

No desenvolvimento do referencial teórico deste trabalho, buscamos identificar e integrar autores que pudessem oferecer uma base sólida e consistente para a discussão do tema abordado. A análise das literaturas disponíveis permitiu selecionar e organizar as contribuições teóricas que sustentam a nossa pesquisa. Entre os autores revisados, destacamos o trabalho de Denise Bandeira como o principal aporte teórico. A escolha de Bandeira se justifica pela clareza e precisão com que a autora define e delimita o conceito de material didático e suas diversas aplicabilidades. Em sua obra, Bandeira oferece uma visão abrangente sobre o papel do material didático no processo educativo, abordando suas funções, suas características e seus impactos na prática pedagógica. Ao explorar a natureza do material didático, se estabelece uma definição detalhada que serve como um referencial essencial para a compreensão das práticas educacionais relacionadas ao uso desses recursos. A autora não apenas descreve as diferentes formas e os diferentes tipos de materiais didáticos, mas também discute suas aplicações práticas e a importância de sua escolha e utilização no contexto educacional.

A fundamentação teórica proporcionada por Denise Bandeira contribui de maneira significativa para a estruturação e para o desenvolvimento da nossa análise. Sua abordagem teórica oferece um quadro robusto para examinar a relevância e o impacto dos materiais didáticos no processo de ensino-aprendizagem, sustentando assim as argumentações e reflexões apresentadas neste trabalho. Portanto, seu trabalho foi selecionado como a base principal para a nossa investigação, devido à sua contribuição esclarecedora e abrangente sobre o tema. A sua utilização permite uma análise mais aprofundada e fundamentada das questões relacionadas ao material didático e às suas implicações pedagógicas.

No que tange aos caminhos metodológicos, foram delineados os fundamentos que sustentam as análises e os resultados obtidos durante a fase de desenvolvimento da pesquisa. A discussão abordou as metodologias adotadas, elucidadas pelos referenciais teóricos selecionados, e apresentou os resultados que emergiram deste processo investigativo.

Para a construção metodológica, recorreremos a diversos autores que contribuirão significativamente para a definição e aplicação das abordagens escolhidas. A metodologia geral da pesquisa foi fundamentada nos trabalhos de Demo (1985), que forneceu um arcabouço teórico essencial para a compreensão das estratégias metodológicas empregadas. Além disso, Prodanov e Freitas (2013) e Guerra (2014) ofereceram suporte teórico robusto para a pesquisa

qualitativa, permitindo uma análise mais profunda e abrangente dos dados coletados. No estudo de caso, adotamos os conceitos propostos por Yin (2001), Marconi e Lakatos (2017), e Haguette (2010), que forneceram uma base sólida para a condução das entrevistas e a coleta de dados. A compreensão das técnicas de entrevista e da análise dos dados foram enriquecidas pelos aportes desses autores, possibilitando uma abordagem mais refinada e sistemática do fenômeno investigado. Além disso, a construção do roteiro de entrevista foi orientada pelas diretrizes apresentadas por Gil (2008). Seu trabalho foi fundamental para o desenvolvimento de um instrumento de coleta de dados eficaz, alinhado com os objetivos da pesquisa e capaz de capturar informações relevantes para a análise.

A integração das contribuições desses autores foi crucial para a definição e execução do percurso metodológico deste trabalho. As definições e abordagens propostas por esses estudiosos foram consultadas constantemente, garantindo a consistência e o rigor da metodologia adotada. Assim, a combinação desses referenciais teóricos não só sustentou as análises realizadas, mas também assegurou a robustez e a validade dos resultados obtidos. Em síntese, o capítulo apresentou uma visão detalhada dos caminhos metodológicos percorridos, destacando a importância dos autores selecionados na construção e implementação da abordagem metodológica. As metodologias e técnicas discutidas foram fundamentais para a realização da pesquisa e para a obtenção dos resultados que fundamentam as conclusões deste estudo.

O curso de canto oferecido pelo Conservatório Lorenzo Fernández destaca-se pela sua estrutura bem-organizada e pela qualificação dos professores, que demonstram preparo adequado para o exercício de suas funções. A análise das informações coletadas, em comparação com os documentos apresentados e com os registros obtidos durante as observações, revela uma coerência substancial e uma integração eficaz das informações. A maioria dos docentes exibe segurança e domínio dos conteúdos abordados, refletindo um elevado nível de conhecimento técnico e pedagógico. No entanto, a avaliação revelou uma lacuna significativa no planejamento pedagógico, tanto no âmbito individual quanto coletivo. As observações e entrevistas sugerem que, embora os professores possuam um conhecimento profundo sobre o conteúdo musical, existem deficiências na elaboração e execução do planejamento pedagógico. Essa deficiência aponta para a necessidade de revisão e aprimoramento das estratégias de planejamento, a fim de assegurar uma abordagem mais estruturada e mais eficaz no processo educativo.

Além disso, um aspecto crítico identificado foi a falta de interesse dos professores na formação continuada. Esse desinteresse pode ser atribuído a vários fatores externos que

afetam a motivação e o engajamento dos docentes com oportunidades de atualização profissional. Entre os fatores destacados está a falta de valorização por parte do governo, que se manifesta principalmente na ausência de incentivos e de reconhecimento para os profissionais da educação. A remuneração inadequada, que não reflete a titulação e a qualificação dos professores, é um dos principais aspectos que contribuem para a desmotivação. O reconhecimento profissional, muitas vezes restrito a cargos efetivos e disponíveis apenas após longos períodos de espera e para uma porcentagem reduzida dos profissionais, não incentiva a busca continuada por formação.

Outro fator relevante é a falta de flexibilidade na carga horária. Muitos professores enfrentam a dificuldade de conciliar suas responsabilidades profissionais e pessoais com a participação em atividades de atualização pedagógica, o que gera desgaste e desânimo. A sobrecarga de trabalho, a ausência de políticas que possibilitem a flexibilização da carga horária, a desvalorização geral da profissão de professor, a falta de incentivo e o baixo prestígio da profissão contribuem para o afastamento dos docentes da busca por formação continuada e consequente atualização profissional.

Gestores e supervisores desempenham um papel crucial na promoção da formação continuada, sendo, portanto, fundamental que esses incentivem seus professores a buscarem novos conhecimentos e, conscientes da realidade e do ritmo intenso que enfrentam, divulguem e facilitem o acesso às atualizações pedagógicas. A promoção ativa de eventos formativos e a criação de condições que possibilitem a participação dos professores são essenciais para o desenvolvimento profissional e para a melhoria contínua da qualidade educacional.

Em síntese, enquanto o Conservatório Lorenzo Fernández oferece um curso de canto bem-estruturado e conta com profissionais qualificados, é imperativo abordar as deficiências identificadas no planejamento pedagógico e promover uma cultura de formação continuada. Superar as barreiras externas, como a falta de valorização e flexibilidade, e incentivar a participação ativa dos gestores são passos fundamentais para o aprimoramento contínuo do ensino e para a satisfação das necessidades dos alunos.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Este roteiro de entrevista foi elaborado para coletar dados para uma pesquisa de mestrado junto de professores da área do instrumento canto no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández na cidade de Montes Claros - MG. A entrevista será conduzida pelo discente do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia - MG. Antes da aplicação deste questionário, o professor deverá preencher o formulário de perfil sociodemográfico enviado via *WhatsApp* ou via e-mail. Nele também constará o termo de autorização e sigilo dos dados.

Material didático

Sobre a definição de material didático, Bandeira (2009) defende em seu trabalho que “O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como material instrucional que se elabora com finalidade” (BANDEIRA, 2009, p. 14). Assim, a autora apresenta uma classificação do material didático e a divide em duas classes, que são: o material didático instrucional para a educação, que abrange livros, apostilas, cadernos e outros materiais impressos que se destinam ao ensino aprendido, e o material didático como produto pedagógico, que são os jogos e brinquedos educativos. Essa divisão em instrucional e produto pedagógico nos ajuda a selecionar e separar o que realmente pode ser considerado como material didático, evidenciando que nem tudo que está em circulação ou em uso pode ou deve ser considerado como material didático. A seguir será apresentado o questionário a ser aplicado.

1º Diante da definição aqui apresentada sobre o material didático, para você o que é material didático?

2ª Descreva e diferencie planejamento pessoal e planejamento coletivo.

3ª Como acontece o planejamento no curso de canto?

4ª No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários? Comente.

5ª No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

6ª Você possui caderno de plano de aula, costuma levá-lo para eventual consulta no momento de suas aulas?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DO CURSO DE CANTO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FRNEÂNDEZ

Essa entrevista foi realizada com os professores do curso de canto do Conservatório, entre os dias de 03 e 08 de outubro de 2022, como parte integrante da coleta de dados da pesquisa de mestrado. Das dez pessoas entrevistadas, duas encontravam-se afastadas de suas funções por motivos de saúde e uma não estava na cidade no momento. As entrevistas com elas, especificamente, foram realizadas de forma on-line através de videochamada, via *Google meet*; as outras sete entrevistas foram feitas em loco. Os nomes utilizados são fictícios para resguardo da identidade dos envolvidos.

Antes de iniciar as entrevistas, foi apresentada uma definição de material didático, segundo Bandeira (2009).

Bandeira (2009) defende em seu trabalho que “O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como material instrucional que se elabora com finalidade” (Bandeira, 2009, p. 14). Assim, a autora apresenta uma classificação do material didático, e a divide em duas classes, que são: o material didático instrucional para a educação, que abrange, livros, apostilas, cadernos e outros materiais impressos que se destinam ao ensino aprendido, e o material didático como produto pedagógico, que são os jogos e brinquedos educativos. Essa divisão, em instrucional e produto pedagógico, nos ajuda a selecionar e separar o que realmente pode ser considerado como material didático, evidenciando que nem tudo que está em circulação ou em uso pode ou deve ser considerado como material didático.

Entrevista 1. Elis Regina

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Elis Regina. Material didático é todo recurso físico, que possa somar ao aprendizado. É tudo aquilo que você usa, tanto como as referências que você tem escritas, um material previamente preparado por outra pessoa ou você mesmo. Mas o material didático é aquilo que você pode usar como instrumento no trabalho, onde você pode recorrer, ter recurso para sua aula, para complementar sua aula, para incrementar sua aula, e material também, material instrucional.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Elis Regina. É, eu vou começar pelo coletivo. O planejamento coletivo, ele deve abranger a totalidade do grupo e do público-alvo, então é uma prática onde todos os professores se reúnem para nortear o trabalho. O planejamento pessoal, ele tem que levar em conta a subjetividade do aluno, ele tem que levar em consideração as especificidades, a carga que o

aluno traz e as informações, e ser feito individualmente por cada professor, para atender cada aluno em separado.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Elis Regina. Dessas duas maneiras, a gente tem um programa do curso, que é o que visa nortear o nosso trabalho, que é feito, inclusive, com todos os professores, que a gente faz uma programação anual do que deve ser trabalhado, delimitando um repertório, mas esse repertório não é engessado, podendo o professor no momento da aula ou no seu planejamento pessoal se organizar e incrementar esse repertório, incrementar aquelas práticas previstas no coletivo, pra que a prática, pra que a aula tenha o elemento, a individualidade do aluno, o respeito a individualidade do aluno. Então é feito um com a turma, mas também é feito individualmente.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Elis Regina. Sempre necessário, os recursos são sempre necessários, e o que a gente utiliza são os métodos de canto já consagrados, já adotados pela escola, mas a gente busca repertórios também fora desse material. É sempre englobando partituras diferentes e tal, para poder atender os alunos. Então a gente precisa desse material didático, que eu entendo que é esse material padrão, digamos assim, mas também acredito que nessa busca por algo alternativo.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Elis Regina. Referências bibliográficas você fala também em termos de partituras ou só de material teórico?

Resposta. Não. De tudo. No momento do seu planejamento como todo.

Resposta Elis Regina. A gente sempre busca fontes de acervo de partituras, como o método Vaccaj, o método Panofka, repertório brasileiro, Waldemar Henrique, Villa Lobos, Carlos Gomes, Babi de Oliveira, que são os que a gente mais utiliza. É, mas tem muitos outros compositores, e a gente sempre busca um material de fonoaudiologia. Eu não vou saber citar agora de cabeça, mas a gente tem muito material que é referência com relação à preparação vocal e também aos cuidados e higiene vocal. Então a gente está sempre pesquisando, estudando diversas fontes.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Elis, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Elis Regina. Sim. Acabei de guardar o meu ali no armário, tenho um caderninho onde faço todas as minhas anotações, onde eu anoto a frequência do meu aluno, tudo que está sendo trabalhado em sala de aula, individualmente. Ainda que na aula tenha três, quatro, cinco alunos no mesmo horário, eu faço anotações individuais de tudo o que preciso trabalhar ou que

já trabalhei com aquele aluno. Então, eu utilizo todos os dias, não tem como trabalhar sem esse material.

Entrevista 2. Rita Lee

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Rita Lee: Eu creio que seja todo apoio que eu tenho, em questão de material mesmo, igual aqui no conservatório, a gente usa, utiliza para o canto popular né, que é o da educação musical, o método, Nicola Vacaj. Então eu creio que ele é um material didático, é, e muita das vezes nas minhas aulas também. Além desse material, eu busco algumas coisas na internet, no sentido de eu sigo uma professora de canto, chamada, como é o nome da mulher? Me passou o nome aqui agora, ela tem muitas dicas úteis, é, ela grava os vacjs, ajuda muito. É a Nathalia Aurea, que eu a sigo no *Youtube*. Eu acho muito interessante, tem muita coisa que ela passa nos vídeos dela que eu acho interessante, e aproveito nas minhas aulas. É, e nisso aí eu fico sempre buscando, além do que a gente já tem na escola, eu fico buscando coisas como da Babaia, que o pessoal tem aqui também, é... outros materiais para poder agilizar as aulas, porque só o que eu aprendi é pouco e os alunos querem mais e mais, quanto mais coisa nova você trazer, melhor ainda.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Rita Lee: Certo, o planejamento coletivo, a gente faz todo ano, quando inicia o ano, a gente já tem ideia de que se vai trabalhar durante o ano. E meu planejamento pessoal é igual eu te falei, a questão do material didático, eu sempre busco coisas diferentes em sites, revistas especializadas, alguma coisa assim, sempre no sentido de melhorar, porque às vezes você tem um aluno que é tão bom, já vem com um material muito bom. Aí você precisa correr atrás para poder melhorar aquele, para ficar melhor, e já tem aluno que ele chega muito devagarzinho, então, assim, você vai pegando o que você já tem e vai tentando trabalhar com ele assim para ele melhorar o que ele tem e depois desse melhoramento, traçar uma coisa melhor com ele, para ele pode crescer. Então, no caso do planejamento pessoal das minhas aulas, quando eu penso no pessoal, é nesse sentido aí, conforme cada aluno eu busco um conhecimento específico, por quê? Porque depende do nível de cada um ao chegar para mim.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Rita Lee: Toda sexta-feira, a gente reúne de oito e meia às nove e meia da manhã, onde é colocado em pauta o que vai acontecer na semana seguinte, né, às sexta-feira, a gente planeja para a semana toda, e também como eu falei antes, no início do ano, a gente já tem assim uma ideia o que que a gente vai fazer no decorrer do ano, então toda a preparação que a gente faz, todo plano que a gente faz, ele é dividido em etapas e é discutido nessas reuniões semanais, é igual agora mesmo, a gente vai ter em outubro, na última semana de outubro, o concerto com aluno da educação musical, alunos do técnico e com os professores. Então serão

três dias em que, no primeiro momento, nós teremos palestras, alguma coisa nesse sentido para os alunos assistirem, e no primeiro dia à noite os alunos da educação musical irão cantar a música deles; no segundo dia é o técnico e no terceiro dia os professores irão apresentar para os alunos. Então, como é um planejamento que é a gente fez agora do segundo semestre, a gente pensou desde o início que deveríamos ter pelo menos dois momentos nesse estilo. Aí o primeiro momento foi a semana do canto e agora essa semana que envolve alunos e professores, então a gente já vem, já tem umas três ou quatro reuniões que a gente já está definindo repertório, definindo quais alunos que irão cantar. Então as nossas reuniões, elas são pautadas dessa maneira, tem a pauta do dia, a gente chega discute, aí cada um dá sua opinião, a opinião que for mais aprovada é que vai ser levada em consideração, e é o que a gente vai colocar em prática.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Rita Lee: Sim. É, como tem o planejamento coletivo, a gente já sabe o que que é da escola, o que que a escola já vai passar para o aluno em questão, eu falo isso da educação musical, que fique bem claro, nós temos a cada ano, sexto, sétimo, oitavo e nono, a gente tem uma parte já estabelecida, que é o caso do método Vacaj. Então ele, cada bimestre, a gente tem uma peça dele, e aí vem uma peça estrangeira pro sexto ano, uma música popular estrangeira, uma música popular brasileira, e assim vai o sexto ano. Primeiro bimestre é popular brasileira e o vacaj número um, segundo bimestre, popular estrangeira e vacaj, e assim vai, já tem definido o que a gente tem que fazer, só quando chega o sétimo ano, o aluno, ele não vai ter mais vivência em música popular, ele vai ser totalmente voltado para o erudito, então aí a gente coloca espanholas fáceis, é árias antigas. E tudo, assim, facilitado, porque, assim, é um aluno que ainda tá começando, mesmo que está no sétimo ano, ele passou um ano todinho estudando, ainda não tem, assim, aquela desenvoltura para poder ter peças mais complicadas. E vai assim, sexto, sétimo, oitavo e nono ano, então a gente já tem alguma coisa pré-estabelecida, e conforme o desenvolvimento do aluno, as peças que são, igual ária antiga. Aí eu vou nas árias antigas, aí a gente tem também o método de ária antiga, a Flora, e a gente procura lá. Se o aluno for ou tem um nível melhor, que já consegue ou domina mais, ritmo, pulsação, essas coisas assim, aí você trabalha com ele uma peça mais elaborada, agora se é um aluno mais fraco que ele é ainda está como se diz, pedalando, dando os primeiros passos no canto, aí a gente pega uma peça bem mais facilitada, que o ritmo seja bem mais tranquilo e que não precisa tanto ele ficar pensando para poder cantar e assim vai, fica flexível mas dentro daquilo que é proposto no plano de ensino.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Rita Lee: É como eu falei, eu tive acesso a alguns materiais igual eu falei, da Babaia, falei da Natália Aúrea, que é uma pessoa que eu sigo e gosto de mais do jeito dela de trabalhar, passo os vídeos dela para meus alunos, falo com eles para se inscreverem também no canal dela que ela passa muitas dicas boas. E fora isso, tem os livros, é que eu não lembro agora, mas, se for o caso, eu posso passar para você depois, como cantar bem, não lembro agora quem é o autor, como afinar sua voz, não lembro os títulos, mas tenho em casa e posso mandar para você.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Rita Lee, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Rita Lee: Não. Na verdade, a gente tem os arquivos, a gente manda quando define o que que é que tá acontecendo, fica alguma coisa no armário dos professores de canto, e a outra parte a gente manda como arquivo pelo *WhatsApp*, quando o professor precisa consultar aquele arquivo, pronto e acabou, não tem assim um caderno preparado. É um arquivo só que fica no celular que às vezes você esqueceu ou não achou onde que está, manda para um professor ou manda o plano de ensino ou o plano de aula aí de novo, o plano do bimestre, o que que a gente vai trabalhar esse bimestre, mas é bem tranquilo, como é uma coisa que quase não muda, é às vezes o que muda mesmo, é como a gente vai trabalhar aquilo que já foi definido. Então, é um plano de ensino do curso, que ele é, vou falar que ele é praticamente engessado, a gente, a única maneira que a gente tem de mudar esse plano, é quando às vezes o aluno não tem condições ou alguma necessidade especial, ou às vezes é um aluno mais idoso. E aí a gente muda para facilitar para o aluno, é nunca, o aluno que tem condições, ele vai seguir o programa certinho. Agora o aluno que ele não tem condições, ele tá no curso, igual mesmo, eu tenho uma aluna que ela tem necessidades especiais, ela não faz as músicas todas, não faz vacaj, porque ela não dá conta de cantar os vacajs, mesmos os mais simples, ela tem dificuldades. Então eu passo outro tipo de música, passo geralmente, ela está no oitavo ano esse ano, eu passo para ela, o Panofka, passei, é esqueci o nome do outro método, são duas músicas diferentes, é música que só tem melodias, não tem letra. Aí, professores aqui do conservatório colocaram letra para facilitar para os alunos, uma colocou no Panofka oito e a outra colocou em outra que não lembro agora o número. Aí, nesse sentido, a gente muda sim o plano de ensino, só para adequar a realidade do aluno, aqueles que têm necessidades especiais, a gente muda sim o plano, mas, tirando isso aí fica muito engessado, não tem como eu sair fora daquilo que foi pré-determinado. Mas a gente pode escolher dentro do que está lá, igual agora mesmo estou passando para uma aluna estou passando uma espanhola que a gente fala que é fácil, tem o seu nível de facilidade, que é o La tarara, não sei se você conhece, samba, assim, tem um repertório até bonzinho para trabalhar. E fora isso aí, a gente não sai muito do que é pré-determinado não.

Entrevista 3. Elza Soares

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Elza Soares: Material didático são os recursos, os materiais né, que eu utilizo na minha aula para ajudar na produção do conhecimento do aluno. No ensino-aprendizagem, eu utilizo partituras, utilizo algum texto, algum vídeo demonstrativo. Se eu utilizo algum aparelho, no caso meu que trabalho com técnico, eu não trabalho com criança, eu utilizo não brinquedos, mas eu utilizo alguns materiais que são específicos para trabalhar técnica vocal, eu falei materiais, mas são aparelhos, pode ser considerado, para mim, eu considero como um recurso didático.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Elza Soares: O planejamento coletivo, vou começar pelo planejamento coletivo, a gente reúne para poder estabelecer o que e quais os objetivos da disciplina canto e não do curso, que nós estamos falando da disciplina canto, é por série, por ano, e o repertório e o objetivo de cada ano, o que que a gente pretende atingir com aquele aluno, em termos de técnica, de performance, de estudo de música. E aí a gente define coletivamente o que que a gente vai direcionar, principalmente e necessariamente o repertório. Claro que definir no sentido não de definir peças, mas definir estilos que são apropriados para aquele ano para aquela série, e a evolução dele, que o aluno possa explorar. Agora o planejamento individual, eu entendo como utilizando com base nesse planejamento coletivo. Eu vou trabalhar com o meu aluno conforme a necessidade que ele tenha, a dificuldade que ele tem, a habilidade que ele tem, o tipo de voz que ele tem, escolhendo repertório dentro daquele estabelecido coletivamente, mas, numa gama de material que se tenha, que vá atender à necessidade e habilidade daquele aluno. O trabalho técnico dentro dos objetivos que a gente tem, há no primeiro ano o que que é mais importante assimilar, no segundo ano, e por aí vai. Eu vou trabalhar com o aluno aquele objetivo, mas utilizando exercícios, utilizando atividades, utilizando recurso que vão facilitar e propiciar um bom entendimento, uma boa assimilação pro aluno, porque cada aluno vai necessitar às vezes de uma abordagem diferenciada.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto? Como você já começou a falar anteriormente sobre isso, eu gostaria agora que você me descrevesse melhor como que acontece o planejamento, a forma que acontece o planejamento no curso? O dia a hora, como que é feito, como é organizado, o que acontece de fato lá no momento?

Resposta Elza Soares: Há sim. Nós temos um encontro semanal, que é o módulo dois, que é, no caso nosso que somos do Estado, nós temos um encontro semanal toda sexta-feira, e inicialmente todo ano, todo início de ano, a gente pega o planejamento, o cronograma que a gente tinha estabelecido, faz uma revisão uma adaptação que acha ser necessário ser feita, e define qual vai ser o programa, do ano do curso, estou me referindo ao técnico, mas aí estou me referindo aos dois, ao fundamental e o técnico. Durante o ano, a gente vai nesses encontros, trocando ideias, trocando materiais nessas reuniões, é apontando, olha isso aqui tá acontecendo esse semestre, esse bimestre, a coisa não vai dar certo, fazendo assim adaptações se forem necessárias, conforme o público que a gente atende, conforme o aluno que a gente acompanha, porque às vezes acontece de ter um aluno que a gente percebe que ele não vai dar conta de determinado programa, ou determinado tópico, ou direcionamento estabelecido no programa, então o que que a gente vai fazer, a gente vai forçar o aluno a fazer aquilo? Ou a gente vai adaptar de alguma forma para que ele tenha amor. Então essas coisas a gente vai discutindo nesses encontros com os pares, porque é importante, além da troca de experiências também, “olha tô com problema com um aluno X, não sei o que faço, o que que vocês me sugerem?” Também existe essa possibilidade nesses encontros, e é isso.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Elza Soares: Sim. Porque não adianta eu planejar uma coisa que eu não vou ter esse recurso ou aquele que seria necessário para a realização daquilo. Então, eu tenho que ter o pé no chão, eu tenho esse material, eu posso planejar aquilo, se eu não tenho, eu vou me adaptar, na maioria das vezes eu tenho que fazer adaptações, porque eu não tenho muitos materiais, muitos aparelhos, mas tem recursos e formas de alcançar bons resultados com outras abordagens, então eu adapto muitas atividades muitos exercícios, principalmente de técnica, respiração que eu faço com meus alunos, eu faço adaptado por causa da falta do aparelho que a escola não tem e muito desses aparelhos eles são individuais. Eu não posso, por exemplo, trazer um aparelho meu para meu aluno usar, tem certos aparelhos e recursos que a gente utiliza né, mas a gente pode adaptar, eu faço adaptações, eu não posso trabalhar com o que eu não tenho. Então, com certeza eu tenho que levar em consideração.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Elza Soares: Vixe, eu não vou lembrar aqui não, sou péssima de nomes, olha principalmente a técnica vocal, eu muito recentemente, muito recentemente não, de alguns anos já para cá, eu tenho trabalhado muito mais direcionada com, acho, que a fonoaudiologia aproximou muito com o canto, em termos de ensino, o professor de canto né. E hoje a gente tem uma gama de autores e de principalmente da área da fonoaudiologia que tem publicações muito interessantes e que, esses materiais interessantes. Então esse material eu gosto de ter e gosto de estar revisitando sempre, gosto muito de Mara Behlau, Tutti Baê, que apesar mais antigo, eu gosto das coisas que ela tem, Claire Dinville, não vou me lembrar nunca de nomes, e alguns artistas que, de vez em quando, eu visito na internet mesmo, que eu gosto de estar lendo e estar buscando, mas não vou lembrar aqui de nome não. Fora isso que o outro que eu acho muito mais interessante é o próprio material musical dentro da música, no ensino da música. Eu gosto e sempre trabalho com método do Vacaj, que eu acho que é um dos mais completos que tem na minha opinião, no meu entendimento, no meu conhecimento. Fora as músicas, a gama de músicas, de repertório de canções, de óperas e muito mais, que são, eu entendo que tanto é material didático, como é também o objetivo do aluno cantar. Então isso tem uma gama muito pessoal minha, não da escola de material nesse sentido e eu acho que é isso.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Elza Soares, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Elza Soares: Sim. Sempre tive, assim, não é um caderno todo sistematizado, todo bonitinho não, mas eu tenho, ou um caderno que eu direciono todo repertório do aluno, o que que precisa, o que que falta, o que que não tem, e, ou um diário, onde eu faço as anotações, são anotações. Eu já adquiri uma prática, então eu não tenho um diário onde eu faço um plano diário não, um plano de aula de diário, eu tenho um. Eu gosto de fazer individual, eu tenho um caderno onde eu separo por aluno as necessidades, o repertório, o ano que ele está, por aluno e não por aula, se é que você me entende, mas, é assim que eu acompanho. Então, ele estava até aberto aqui, a hora que chega o aluno, eu abro a página do aluno e pá, que que é que eu tenho que fazer com ele hoje? Onde que eu parei? Porque se eu deixar de anotar, e acontece muitas vezes de eu

esquecer de anotar da aula hoje, eu tô devendo isso para o aluno, eu, acabo me perdendo. Na aula seguinte, que que eu vou fazer com o aluno hoje? Então eu gosto de ter anotado, eu uso muito também, porque eu acho um recurso interessante, que eu não falei antes, que é as mídias, vídeos, *Youtube*, entre outras coisas e uso muito o *WhatsApp*. Eu acabei usando muito na época do *online*, e eu continuo mantendo esse recurso, então eu mando no próprio *WhatsApp*, o que nós fizemos na aula de hoje, para eu lembrar na próxima aula o que que foi trabalhado, nem tudo eu anoto muito decifradinho no meu caderno, então no *WhatsApp*, vai. Até porque o aluno também acompanha o que que ele fez e o que que ele tem de fazer de tarefa, às vezes eu ponho “oh você vai estudar isso aqui” e mando no *WhatsApp* para lembrar. Então eu acabo usando como um instrumento muito importante para mim, que me ajuda muito, hoje mesmo eu dei aula para dois alunos, já está lá no *WhatsApp*, o que fizemos e o que ele vai fazer em casa, então é como se fosse o diário do aluno. Eu tenho no caderno, mas o aluno, eu mando no *WhatsApp*, que aí ele tem o acompanhamento do que ele está fazendo, semana que vem ele volta e eu pergunto que que ele ficou de fazer para mim, e ele responde não, não teve nada não. Eu pego e mostro está aqui “ó, mandei para você. Por que que você não fez?” “risos”, entendeu? Eu acho super válido para o aluno e para mim, fica o registro.

Entrevista 4. Maria Bethânia

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Maria Bethânia: É tudo aquilo que você utiliza, como recurso para levar conhecimento ao aluno.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Maria Bethânia: Planejamento coletivo eu entendo como algo que abrange em comum, todos os alunos do curso de canto. E planejamento pessoal são os planejamentos que você faz tendo em vista a individualidade de cada aluno, as dificuldades, as necessidades, as habilidades.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Maria Bethânia: Das duas formas, o planejamento coletivo, tendo em vista uma linha de estudo comum a todos os alunos e o planejamento pessoal, que é de cada professor, aí depende do que o aluno passa para o professor, em questão de dificuldade, de facilidade também. No planejamento coletivo, a gente discute nos módulos dois, que é onde se encontra todos os professores de canto, e aí todos colocam o que acham necessário para esse planejamento, como deve ser passado, e também nós temos vários momentos coletivos. A semana do canto mesmo é um momento coletivo, onde a gente trabalha a questão de palco de plateia, e até de postura do aluno, postura no palco, o emocional do aluno, então isso também faz parte do nosso planejamento coletivo.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Maria Bethânia: Sim. Então, no material didático a gente costuma analisar os repertórios, para alunos que são iniciantes, para alunos que já estão mais a frente, em questão de estudo, para aluno que já tem uma facilidade já com técnica vocal, para aluno que tem dificuldade, agente analisa repertório tanto para facilitar para o aluno, como para trabalhar suas dificuldades técnicas.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Maria Bethânia: Nós utilizamos aqui o método de estudo do vacaj, mas também utilizamos outros autores como Mara Behlau, Tutti Baê, entre outros que não estou lembrando agora.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Maria Bethânia, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Maria Bethânia: Eu possuo, ele fica no meu armário na sala.

Entrevista 5. Gal Costa

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Gal Costa: Material didático é tudo aquilo que serve para o ensino, que serve para ensinar, independentemente se o material vai ser uma apostila com a parte teórica ou se vai ser um instrumento que você vai tocar. Nós temos nosso material didático no canto que são os vacajs, que eu acho maravilhoso, porque ele trabalha o canto dentro da teoria, escalas, intervalos e daí por diante, agora o executar em sala, coloca o aluno para cantar ou às vezes até interpretar as dinâmicas. Isso eu vejo como uma forma didática diferente, mas o material eu vejo como esse que é palpável, que a gente pode acrescentar como fazer, como eu vou ensinar uma música, como eu vou ensinar um ritmo, o que é ritmo? Então, eu tenho isso definido, essa parte didática, como ensinar, como explicar a parte palpável e a parte de metodologia de forma diferente, que eu acho que cada um pode ter.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Gal Costa: Planejamento coletivo é aquele que é feito com várias pessoas, no curso que tem por exemplo: dez professores de percepção, esse bimestre vamos trabalhar clave de sol, isso é planejamento coletivo, já o planejamento individual é como cada professor vai passar isso. Lógico que esse individual pode ser abrangente também e gente passa para outros colegas.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Gal Costa: O planejamento do curso de canto desde que eu estou aqui, sempre foi feito de forma coletiva, entendeu? Entrando em acordo coletivo e conforme a maioria decide. Eu acho que é democrático. Se a maioria acha que tal coisa deve ser feita, e pode ter um ou outro que deixa de fazer, que pensa diferente, mas a decisão é sempre do coletivo.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Gal Costa: Com certeza, porque se eu não tenho um material. Eu gosto de dar exemplo: se eu quero trabalhar com os alunos samba, que eu acho que a história do samba é super legal, vou trabalhar samba, mas eu não gosto de samba, eu não tenho material, a partir do momento que eu faço uma proposta, eu tenho que trazer, por mais que eu também estou pesquisando, eu trago aluno também para conhecer. Vamos pesquisar? Vamos saber qual é a história? Cada um faz uma pesquisa, aí eles vão acrescentando. Então, assim, para eu planejar é preciso conhecer, não precisa dominar tudo, mas que tem que ter algo, tem que ter, e eu gosto de trazer o aluno para dentro do planejamento, ele também colabora, eu acho isso importante, não existe um trabalho só meu, foi eu que fiz, fiz sozinho, quando a gente faz isso eu acho que é muito mais doloroso, e claro que nós temos os colegas, mas eu também gosto de envolver o aluno, sondar, e tentar mostrar que aquilo vai ser importante para ele. Então assim, essa colaboração do aluno é importante, não dá para imaginar a gente fazer um trabalho sem que o aluno se envolva e se sinta parte integrante do trabalho.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Gal Costa: Eu não sou muito de me apegar a nomes, mas eu utilizo muitos brasileiros que eu gosto, como: Babi de Oliveira, Waldemar Henrique, Palestrina, Mozart.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Gal, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Gal Costa: Tenho o planejamento, mas não costumo levar. Tenho *online* que a gente sempre deixa escrito, porque como nosso planejamento é coletivo é praticamente o mesmo, se alguém falar que tem e cada um carrega na sala é mentira. A gente tem o planejamento coletivo do que tem que ser feito, agora em sala de aula é muito experiência mesmo, eu não preciso trazer o material para saber como que vou trabalhar. Se você me falar me empresta seu plano de aula, eu te mostro o coletivo, mas individual eu tenho não tenho, só um rascunho.

Entrevista 6. Nana Caymmi

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Nana Caymmi: São livros, apostilas, dentro do que a gente precisa na área de canto, são as partituras, livros que ajudam como dar uma aula de canto, livros que ensinam técnica vocal, respiração, tudo que envolve a aula de canto.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Nana Caymmi: Bom, o coletivo é o que a gente combina na reunião com as outras pessoas, como o pedagógico, aquilo que foi combinado no coletivo e a gente tem que cumprir. E o individual seria aquele para você, como você vai gerir a sua aula, o que vai ter em sua aula de canto.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Nana Caymmi: No curso de canto, a gente faz uma reunião uma vez por semana, e fala aquilo que precisa ser feito, o que que a gente vai trabalhar, fazemos aquela programação do que tem mais necessidade. E às vezes a gente mistura, por exemplo: tem reunião que a gente decide, e vamos debater como melhorar as aulas, o que que podemos fazer para dar uma aula melhor, ou às vezes uma das meninas dá uma aula para a gente. E aí às vezes nos decidimos que vamos fazer alguma apresentação, e discutimos como vai ser essas apresentações, então vai conforme a necessidade da carência dos alunos. Então cada sexta-feira, nos priorizamos uma coisa que está mais precisando no momento.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Nana Caymmi: Eu procuro juntar ao máximo aquilo que eu aprendi com meus professores, com minha prática, e segue uma programação, um programa, que todos os professores têm que seguir. E aí, dentro da matéria da aula, a gente vai identificando aquilo que será preciso para dar aquela aula, se você vai trabalhar respiração, técnica vocal, a própria música, você tem que ter aquele material. Tem que está tudo muito bem planejado mesmo, se não na hora de dar aula para o aluno você não tiver planejado não vai ter como usar algum material, quando for dar aula para o aluno já tem que saber o que vai ser usado.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Nana Caymmi: Olha, eu tenho alguns livros e autores que utilizo, mas agora não saberei te falar os nomes, possa estar te passando depois. Mas, a gente sempre está em contato com materiais assim, ligados à prática, como os aspectos técnicos. E tem também os materiais práticos, que são os vacajs, as partituras que todos os professores utilizam.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Nana, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Nana Caymmi: Olha, no início eu tinha muito que está olhando, sabe, toda aula eu consultava o que tinha planejado, o que que eu vou fazer primeiro. Mas, com o tempo e com a prática, eu tenho o caderno, mas já vai memorizando e acaba que não vai mais precisando olhar.

Entrevista 7. Dolores Duran

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Dolores Duran: Para mim é tudo que a gente utiliza em sala, com a finalidade de educar, no nosso caso do canto, tanto educação musical, como técnico, são os materiais que a gente utiliza com essa finalidade pedagógica.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Dolores Duran: Planejamento coletivo, eu entendo como as ações que vão nortear as aulas de todos os professores, o que é muito importante, pois tem a finalidade de estabelecer um mínimo de padrão aceitável. Já o individual ou pessoal é aquele que leva em consideração as especificidades do aluno; as pessoas são diferentes, os alunos são diferentes, cada um tem as suas vivências e traz isso para a gente. Então ele leva em consideração o que o aluno traz para a sala de aula. Então é pessoal porque leva em conta o que o aluno tem, e que os alunos são diferentes de uma turma para outra, de um nível para o outro.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Dolores Duran: O planejamento do curso de canto é semanal, nós nos reunimos no módulo dois para planejar, porém já tem uma predefinição que já vem de muito tempo e que tem poucas mudanças, que se faz com relação a isso, que seria programa de acordo com cada ano, cada bimestre, e dentro disso, de uma coisa que já está predefinida. Com relação aos repertórios, nós nos programamos para a semana, aí quando tem algum evento ou alguma eventualidade, isso também é definido nas reuniões pedagógicas que são semanais.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Dolores Duran: Levo em consideração sim e penso que não seria possível não considerar, porque como nós já temos uma predefinição, por exemplo, o método que a gente utiliza para a educação musical, ele vai estar definido que é aquele mesmo e eu preciso tê-lo comigo para auxiliar meus alunos, então eu levo em consideração sim.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Dolores Duran: São o método que nós utilizamos é o vacaj, livros e revistas.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Dolores Duran, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Dolores Duran: Eu tenho planejamento de aula, mas não costumo levar não, raramente eu levo, trago mais no início do ano que ainda não tenho vivência com certos alunos, mas, a partir de determinado momento, eu não levo mais não, uso mais no início do ano ou período quando recebemos novatos.

Entrevista 8. Maria Rita

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Maria Rita: Muito além de livros e apostilas, penso que seja tudo aquilo que você utiliza para incrementar suas aulas a fim de fazer com que o aluno aprenda, por isso eu acho importante e faço sempre uma anamnese inicial, para saber o que será necessário para trabalhar com cada aluno.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Maria Rita: Vamos por parte então. Quando pensamos no planejamento pessoal, basicamente eu vejo o que eu quero daquele aluno, o que eu vou conseguir através da minha metodologia, do que eu faço do que eu instruo, para eu chegar a um conhecimento. Então cada aluno que chega eu preciso pensar, depois da anamnese, o que eu vou conseguir desse aluno, então esse para mim é o plano pessoal, o que eu posso retirar desse aluno, é pensar, se ele chegou a mim o que eu posso oferecer ao crescimento desse aluno, o que eu posso contribuir com esse aluno, esse é o meu pessoal. O coletivo é eu pensar como eu vou tratar a todos de uma forma que o meu saber. A minha metodologia vai abranger a cada um deles, eu não posso simplesmente pensar individualmente; independente do meu pessoal como professora, eu preciso pensar no meu coletivo, o que eu posso fazer para que todos os alunos consigam entender a minha metodologia, o que eu faço para que ele perceba como é cantar, como é chegar lá, para ser um cantor.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Maria Rita: Bom, geralmente esse planejamento, nós fazemos no início do ano, onde nós nos reunimos para determinar o que vai ser dado a cada ano do curso de canto, nós começamos no sexto ano, vamos até o nono ano, que é a educação fundamental, nós chamamos de educação musical, e dentro disso ele tem os vacajs, que é o método do Nicola Vaccaj, o professor italiano. Então nos primeiros anos ele vai aprender e entender um pouco sobre a técnica Italiana, e dentro disso ele tem também músicas brasileiras, no início, músicas populares, e a partir do oitavo e nono ano, ele vai começar a conhecer o universo das músicas eruditas, tanto clássicas, como as brasileiras, então tudo isso é feito no início do ano. Logo

depois, passamos para o ensino médio, que são de três anos, e aí a gente define o que vai ser trabalhado a cada bimestre. Geralmente começamos com o italiano, que é língua mais fácil de se trabalhar a voz, mais fácil de o aluno conseguir compreender e encontrar a colocação da sua voz e também tem uma música brasileira, e a cada bimestre trabalhamos uma língua estrangeira e a pátria que é a música brasileira.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Maria Rita: Sim, sempre. Eu acho que sou a única professora do contra, eu até hoje não consegui encontrar ou compreender a fundamentação para o uso do Nicola Vaccaj, mesmo compreendendo que é um excelente método, mas não vejo, em si, dentro dos alunos do ano que se estuda a compreensão clara desse método. Então quando eu trabalho com meu aluno, que graças a Deus, eu falo graças a Deus porque eu não preciso usar dessa metodologia, porque eu trabalho com ensino médio, com o profissionalizante e a gente não faz uso do Vaccaj, mas dentro da minha metodologia, eu busco realmente compositores que são significativos, que vão fazer parte do conhecimento e do crescimento do meu aluno. Não contesto o Vaccaj, não é nesse sentido que eu o contesto, mas porque eu não vejo que engrandece tanto. Vamos dizer assim, que não há um aprendizado tão significativo dentro do canto pelo uso do Vaccaj, apesar de dizer que é um método importante para o uso da voz. Mas dentro da minha pedagogia, do que eu trabalho, eu seleciono meu material, eu costumo ver a carinha de cada um, quando eu estou montando meu planejamento, vejo, não, isso aqui vai combinar com fulano, com ciclano isso não dará certo, porque a voz é isso e isso, mas sempre depois de uma anamnese. Eu penso que se cada professor fizesse uma anamnese, um conhecimento estrutural da voz do seu aluno quando ele chegasse na sua primeira aula, eu acho que ele teria um ensino mais de sucesso com esse aluno, porque ele iria perceber o que que ele vai precisar trabalhar ao longo do tempo.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Maria Rita: Eita, agora você me apertou, eu não guardo nomes, e depois da covid então. Mas tem o Berlo, Pontes, Berlhos. Schubert, Schumann, Chopin, Netgan, que é um escritor alemão e trabalha muito bem a técnica vocal, principalmente para sopranos coloraturas, leves.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Maria Rita, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Maria Rita: Pois é, a gente até brinca, professor depois de trinta anos de trabalho, a gente fazia tudo isso no início, no início de carreira eu fazia bonitinho, levava pra sala sabe, mas depois de certos anos isso não acontece mais não, e também isso nunca funcionou certinho sabe, porque como mexemos com o aparelho, ou melhor, trabalhamos com o instrumento chamado humano, cada dia nós estamos diferentes então eu planejava ali, mas quando aluno chegava na aula o aluno estava de outra forma, ele já não estava como eu planejei aquela aula, eu tinha que reestruturar aquela aula para conseguir dar aula para o meu aluno. Então eu penso que no nosso caso, como professores de canto, é muito difícil. Eu te falo com sinceridade, eu

não sei de algum professor de canto que faz o planejamento e ele consegue seguir esse planejamento com o aluno de canto. Isso eu faço com a disciplina curricular, solfejo e dicção, já chego com o material organizado, já sei o que vou trabalhar ali, porque não tenho que modificar, é aula de turma, mas penso que aula individual é impossível você fazer um planejamento. Você pode até pensar: “hoje eu vou trabalhar um pouco de coloratura, deixe-me ver quais exercícios eu vou trabalhar, hoje eu vou trabalhar um pouco de impedância, não, hoje eu vou trabalhar máscara, quero trabalhar projeção com meu aluno, isso eu posso criar, deixar organizado a cada aluno que eu vou receber naquele dia”, mas montar em si, um plano de aula fechadinho, eu acho complicado para o canto.

Entrevista 9. Vanessa da Mata

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Vanessa da Mata: Material didático é tudo que o professor pode utilizar, dentro da didática na sala de aula, tudo que ele vai utilizar para ajudar o aluno a entender melhor o conteúdo que ele quer expor, de maneira que o material didático também, ele deve ser levado em conta na escolha, o tipo de aluno, o tipo de percepção que o aluno tem daquele material. Então não adianta fazer um material, por exemplo, todo colorido, se o aluno é cego. Não adianta fazer um material com palavras muito técnicas se o aluno é criança. Então o material didático tem que levar em conta além do que o professor quer passar, como de que maneira o aluno vai receber.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Vanessa da Mata: Eu posso até exemplificar o planejamento como que a gente faz no canto, o planejamento coletivo é escolher os métodos que vão ser utilizados e o repertório que tem que ser trabalhado. Então todos os professores de canto para quem é adulto, no primeiro bimestre trabalhar o Vaccaj e uma música popular brasileira. Agora o que é o planejamento individual, é eu faço questão que antes de começar qualquer repertório, o aluno conheça o aparelho fisiológico, o que acontece para a voz ser produzida. Esse é o planejamento individual, não são todos os professores que fazem, tem professor que bate mais em teclas que eu talvez não ache tão importante para meus alunos, mas que para os dele são, então além do planejamento coletivo que vai dar um norte no trabalho o planejamento individual, também vai definir as metodologias de ensino e também a escolha do repertório.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Vanessa da Mata: Então, todos os anos nós nos reunimos para dar uma olhada no repertório, então são necessárias algumas adaptações, por exemplo: os alunos que têm necessidades especiais, nem sempre eles conseguem fazer o repertório que o outro aluno faz, cantar em alemão, cantar em inglês, e nós percebemos também que depois da pandemia os alunos que chegam pro infantojuvenil são alunos de dez onze anos, eles ainda não estão sabendo

ler, são alunos que ficaram dois anos fora da escola, tendo aulas remotas, e eles têm tido dificuldade de ler. E tem sido necessário para o infantojuvenil colocar as coisas que nós cantávamos em italiano colocar em português, pois os alunos não estão sabendo nem o português direito. Então o planejamento de canto é feito assim, uma vez por semana nós vemos que adaptações precisam ser feitas no repertório, o que que pode ser feito para o aluno que é mais idoso, para a criança, pois alguns vacajs não são aconselháveis para a voz infantil, porque abre demais ou porque força, aspectos que ainda não estão desenvolvidos na voz, e como hoje temos alunos especiais, infantojuvenil e idoso. O programa tem que ser adaptado. Então, nós nos reunimos e procuramos adaptar os conteúdos, depois, desse planejamento m conjunto, eu gosto de planejar com outros professores e definir o que vamos trabalhar nas primeiras aulas.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Vanessa da Mata: Levo sim. Nós temos os materiais que utilizamos no canto recursos de mídias como o computador (*Notbook*) para passar vídeos, as partituras, das músicas dos vacajs, que são os materiais impressos. Eu forneço também por fora, pois o Estado não custeia, aqueles cachimbinhos de treinar respiração, eu entrego a cada um e peço que sempre tragam durante aulas.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Vanessa da Mata: Usamos o Vaccaj, o Panofka, o Bona. Para repertório é bem vasto, eu gosto muito de Waldemar Henrique, Babi de Oliveira, Arnaldo Rebelo, Paula Molinari, Ziza Fernandes, Mara Behlau.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Vanessa, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Vanessa da Mata: Possuo sim. Nós temos um caderno, onde fazemos esse registro e às vezes é necessário adaptar esse planejamento.

Entrevista 10. Ivete Sangalo

Pergunta 1. Diante da definição aqui apresentada sobre material, para você, o que é material didático?

Resposta Ivete Sangalo: Para mim são os livros, vídeos que eu mostro meus alunos para eles perceberem os diversos tipos de cantores executando uma mesma música e assim percebam as nuances e interpretações que cada um apresenta e assim deixam sua marca, os vacajs, partituras, Panofka o Concone.

Pergunta 2. Descreva e diferencie para mim, planejamento pessoal e planejamento coletivo.

Resposta Ivete Sangalo: O planejamento coletivo no meu ponto de vista é aquele discutido no curso, com todos os professores, coordenador do curso, junto com o setor pedagógico. O individual, é uma coisa sua, igual o curso nosso tem algumas metas coletivas, mas eu, Ivete, propriamente dita, tem músicas que estão lá e eu acho que não está adequado para o aluno, eu levo para o grupo de professores e discuto a possibilidade de ter uma música, uma troca de música que vai servir esse caso e o aluno atingir os objetivos mais rápido.

Pergunta 3. E como acontece o planejamento no curso de canto?

Resposta Ivete Sangalo: O planejamento nosso é discutido em grupo e pelo grupo e depois passa pelo crivo do setor pedagógico.

Pergunta 4. No momento do seu planejamento coletivo e pessoal, você leva em consideração o material didático que será usado? Ou os recursos pedagógicos que serão necessários?

Resposta Ivete Sangalo: Sim, eu levo em consideração, porém não é uma coisa engessada não, é uma coisa mais flexível, porque cada aluno é um ser diferente, eu enxergo assim, o que funciona para um não funciona para o outro, então eu faço essa opção, eu tenho o material, mas ele não é engessado, é bem flexível, vai depender da dificuldade do aluno e o que eu preciso trabalhar nesse aluno.

Pergunta 5. No momento do planejamento, da seleção e da aplicação dos materiais e recursos didáticos, quais são suas principais referências bibliográficas nesse momento?

Resposta Ivete Sangalo: Olha, eu gosto muito de trabalhar os Vaccajs, da editora Ricor, e também dessa mesma editora os álbuns de ária antiga, e as músicas brasileiras, eruditas brasileiras.

Pergunta 6. Para a gente terminar, Ivete Sangalo, você possui caderno de plano de aula? Costuma levá-lo para eventual consulta no momento das aulas?

Resposta Ivete Sangalo: Olha, eu levo sim, porém ele está dentro do meu celular, ali eu tenho quais são as peças que tem que ser trabalhada por bimestre e sempre que tenho dúvidas eu dou uma olhada, mas como eu falei há um processo de flexibilização para trabalhar as dificuldades do aluno, as características vocais do aluno.

Formulário de perfil sóciodemográfico



Formulário sem título...



10/09/2023, 19:23

Formulário de perfil sociodemográfico

Formulário de perfil sociodemográfico

Este formulário é parte integrante da coleta de dados de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. NOME COMPLETO *

2. E-MAIL

3. IDADE *

4. QUAL O SEU NÍVEL DE FORMAÇÃO? *

Marcar apenas uma oval.

- NÍVEL SUPERIOR
- PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
- PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU (MESTRADO)
- PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU (DOUTORADO)

Sem título

10/09/2023, 19:23

Formulário de perfil sociodemográfico

5. GÊNERO *

Marcar apenas uma oval.

- CISGÊNERO
- TRANSGÊNERO
- NÃO BINÁRIO
- OUTRO

6. EM QUAL NÍVEL DE ENSINO VOCÊ ATUA NO CURSO DE CANTO? *

Marcar apenas uma oval.

- BÁSICO (EDUCAÇÃO MUSICAL)
- MÉDIO (CURSO TÉCNICO)
- AMBAS AS OPÇÕES ACIMA

7. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ATUA COMO PROFESSOR DE CANTO NO CONSERVATÓRIO LORENZO FERNÂNDEZ? *

8. VOCÊ SÓ ATUA COMO PROFESSOR DE CANTO? OU MINISTRA OUTRA DISCIPLINA? SE SIM, QUAIS SÃO? *

10/09/2023, 19:23

Formulário de perfil sociodemográfico

9. DECLARO QUE OS PROFESSORES ENVOLVIDOS TERÃO SUAS IDENTIDADES RESGUARDADA, PARA ISSO SERÃO UTILIZADOS NOMES FICTÍCIOS PARA REPRESENTAR A CADA UM. MEDIANTE A ISSO, SOLICITO AUTORIZAÇÃO PARA EVENTUAIS PUBLICAÇÕES DOS DADOS OBTIDOS DURANTE A PESQUISA, REAFIRMANDO O COMPROMISSO DE SALVAGUARDAR VOSSAS IDENTIDADES. *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

10. DECLARO ESTAR DE ACORDO COM OS TERMOS PROPOSTOS NESTE FORMULÁRIO E RATIFICO A VERACIDADE DAS RESPOSTAS EXPRESSAS. *

Marcar apenas uma oval.

- SIM

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

10/09/2023, 19:25 Formulário de perfil sociodemográfico

Formulário de perfil sociodemográfico

10 respostas

[Publicar análise](#)

NOME COMPLETO

10 respostas

- [Redacted]



https://docs.google.com/forms/d/1_QVehNs9Wwnb6HGVGgVCQd1wh50uk-P4fnp4wJqF0o/viewanalytics 1/7

¹⁴ Os nomes dos professores foram ocultados na imagem para preservar suas identidades.

10/09/2023, 19:25 Formulário de perfil sociodemográfico

E-MAIL

10 respostas

[10 respostas ocultas por barras amarelas]

IDADE

10 respostas

53

47

44

43

45 anos

41

48

42

45

50 anos

https://docs.google.com/forms/d/1_QVehNs9Wwnb6HGVGgVCQd1wh50uk-P4fnc4wJqFoo/viewanalytics 2/7



¹⁵ Os e-mails foram ocultados para preservar a identidade dos professores.

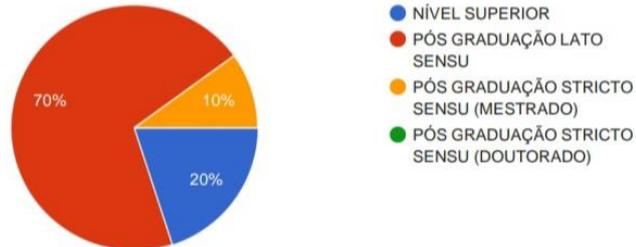
10/09/2023, 19:25

Formulário de perfil sociodemográfico

QUAL O SEU NÍVEL DE FORMAÇÃO?

Copiar

10 respostas

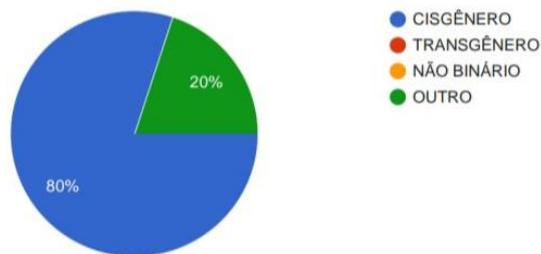


Sem título

GÊNERO

Copiar

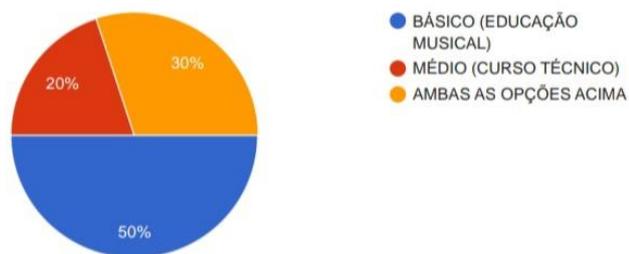
10 respostas



EM QUAL NÍVEL DE ENSINO VOCÊ ATUA NO CURSO DE CANTO?

Copiar

10 respostas



3 / 7



10/09/2023, 19:25

Formulário de perfil sociodemográfico

HÁ QUANTO TEMPO VECÊ ATUA COMO PROFESSOR DE CANTO NO CONSERVATÓRIO LORENZO FERNÁNDEZ?

10 respostas

23

Desde 2014

22 ANOS

15 Anos

16 anos

19

27 anos

6 anos

17 anos

Desde 1993

4 / 7



10/09/2023, 19:25

Formulário de perfil sociodemográfico

VOCÊ SÓ ATUA COMO PROFESSOR DE CANTO? OU MINISTRA OUTRA DISCIPLINA? SE SIM, QUAIS SÃO?

10 respostas

Sim. Somente cantoSim.

Canto Coral APENAS

CANTO

No momento somente CANTO

Atuo Também canto coral

Só canto

Dicção e Solfejo para canto

Sim. Não.

Não.Só Canto

Só como professor

DECLARO QUE OS PROFESSORES ENVOLVIDOS TERÃO SUAS IDENTIDADES RESGUARDADA, PARA ISSO SERÃO UTILIZADOS NOMES FICTÍCIOS PARA REPRESENTAR A CADA UM. MEDIANTE A ISSO, SOLICITO AUTORIZAÇÃO PARA EVENTUAIS PUBLICAÇÕES DOS DADOS OBTIDOS DURANTE A PESQUISA, REAFIRMANDO O COMPROMISSO DE SALVAGUARDAR VOSSAS IDENTIDADES.

 Copiar

10 respostas



10/09/2023, 19:25

Formulário de perfil sociodemográfico

DECLARO ESTAR DE ACORDO COM OS TERMOS PROPOSTOS NESTE FORMULÁRIO E RATIFICO A VERACIDADE DAS RESPOSTAS EXPRESSAS.

 Copiar

10 respostas



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007. 1026 p. Ivone Castilho.

ARAÚJO, Marconi. **O Canto Lírico Contemporâneo: aspectos técnicos-vocais para música de câmara e ópera**. Brasília: Musimed, 2019. 142 p.

ARAÚJO, Sérgio Ricardo. **Mind Vox: monitor de retorno acústico**. Monitor de Retorno acústico. 2018. Disponível em: <https://mindvoxoficial.com.br/produto/mindvox-2-0-transparente/>. Acesso em: 17 Set 2024.

AUDIOVOICER. **Tubo de Ressonância La Vox**. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/KAIDU>. Acesso em: 17 Set 2024.

BANDEIRA, Denise. **Materiais didáticos**. Curitiba - Pr: Lesde Brasil S.A, 2009. 448 p.

BEHLAU, Mara. **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2019. 348 p

BEINEKE, Viviane. Música, Jogo e Poesia na Educação Musical Escolar. **Associação Brasileira de Educação Musical: ABEM**, Porto Alegre, v. 3, p. 1-20, set. 2011.

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio Paulo Ribeiro de. **Lenga La Lenga: jogo de mãos e copo**. São Paulo: Ciranda Cultural e Distribuidora Ltda, 2006. 54 p. Colaboração de Áurea Demaria e outros.

BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia; SPECHT, Ana Claudia (org.). **Pedagogia da Música: experiência de apreciação musical**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 160 p.

BORDINHÃO, Jaqueline Pintor; SILVA, Elias do Nascimento. O USO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS COMO INSTRUMENTOS ESTRATÉGICOS AO ENSINO-APRENDIZAGEM. **Revista Científica: Semana Acadêmica**, Fortaleza, Ce, v. 1, n. 74, p. 1-14, 20 out. 2015.

BRASIL, Ncs do. **Respiron Classic: exercitador e incentivador respiratório**. Exercitador e incentivador respiratório. 2006. Disponível em: <https://www.ncsdo brasil.com/respiron-classic>. Acesso em: 17 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Educação. **Programa Nacional do Livro Didático**. Disponível em: <https://abre.ai/lbgv>

BRASIL. Lei n.º 11.769, de 18 de agosto de 2008, que altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de habermas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. 129 p.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011. 115 p. Tradução de Stephania Matousek.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material Didático e Prática docente. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, Sp, v. 2, n. 1, p. 31-39, 06 dez. 2007. <https://doi.org/10.21723/riaee.v2i1.454>

FREITAS, Olga. **Equipamentos e Materiais Didáticos**. Brasília: Unb, 2009. 132 p.

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico**: algumas indagações perguntas e respostas. Algumas indagações perguntas e respostas. 1990. Disponível em: <https://shre.ink/gigp>. Acesso em: 17 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GOMES, Lohana Sabina 2010, Goiânia. **Encontro anual da Associação Brasileira de Educação Musical**: Relato de Experiências como Estagiária em uma Escola da Periferia de Porto Alegre. Goiânia: Abem, 2010. 2089 p.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual da Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014. 52 p.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 4. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010. 112 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

JITICOVSKI, Paulo César. **O Uso de Materiais Didáticos Por Uma Professora de Música Nas Aulas de Violão da Escola Básica**: o equilibrista das seis cordas. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Departamento de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LAKSCHEVISK, Eduardo (org.). **Ensaio**: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Redarte, 2006. 68 p.

LEITE, Marcos. **Método de Canto Popular Brasileiro**: para vozes médio-agudas. São Paulo: Lumiar Editora, 2010. 148 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Perdizes, SP: Cortez, 1991. 258 p.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da Pedagogia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1983.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento da Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 333 p.

MARQUES, Edgar. Construção de materiais didáticos para a disciplina violão em um curso de Licenciatura em Música a Distância: um relato de experiência. In: XIX CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2010. p. 598-605.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical**. 1ª. ed. Curitiba: Ibpex, 2011. 347 p. v. 1. ISBN 978-85-7838-538-5.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (org.). **Práticas de ensinar música**: planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 200 p

MILLER, Richard. **A estrutura do canto: sistema e arte na técnica vocal**. São Paulo: É Realizações Editora, 2019. 552 p. Tradução: Luciano Simões Silva.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim, RAMOS, Marco Antônio da Silva. **A pedagogia vocal na regência coral infantojuvenil: conceitos e reflexões**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte – 2016.

PECKHAM, Anne. **Canto Popular: elementos da técnica vocal**. São Paulo: Passarim, 2017. 200 p.

PEDROSO, Maria Ignez de Lima. **“Técnicas Vocais para os Profissionais da Voz”**. 1197. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Fonoaudiologia, Centro Especializado em Fonoaudiologia Clínica Voz, São Paulo, 1997.

PENNA, Maura. **A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música**. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: IBPEX, 2011. p. 13-24.

PENNA, Maura. *Ensino de Música na escola: compromisso e possibilidades*. In: XVIII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E 15 SIMPÓSIO PARAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2009, Londrina, Paraná. **Anais [...]**. Londrina: Abem, 2009. p. 1350-1357.

PENNA, Maura. **Música(S) e seu Ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247 p.

PETRI, Oreste. **Produção de Material Didático Impresso: orientações técnicas e pedagógicas**. Cuiabá: Edo Ufmt, 2010. 210 p.

PINHO, Silvia, *et al.* **Músculos Intrínsecos da Laringe e Dinâmica Vocal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2019. 104 p.

PLEIN, Ivonete Terezinha Tremea. *Avaliação de Material Didático*. In: V SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, 2015, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: Unioeste, 2015. p. 1-10.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. **Métodos Na Iniciação de Crianças ao Violoncelo: leitura e usos - um estudo na região sul do brasil**. 2011. 1 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011

RIBEIRO, Alexandre do Amaral; GUERRA, Débora Marinho. *Produção de materiais didáticos e planejamento de aula em equipe: a experiência de formação de professores do nupples/uerj*. In: SIMAR, 4., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Puc Rio, 2015. v. 4, p. 1-13. <https://doi.org/10.5151/despro-v-silid-iv-simar-011>

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SALES, Mary Souza; NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **EAD E MATERIAL DIDÁTICO: REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA**. Bahia: Uneb, 2007. 9 p.

SANTOS, Alexandre Rodrigues dos; PACHECO, Eduardo Guedes. **A música nos anos finais: compondo a partir de recursos e materiais alternativos**. Montenegro, Rs: Fundarte; Uergs, 2017. 377 p. Cristina Rolim Wolffenbuttel.

SANTOS, Alexandre Rodrigues; PACHECO, Eduardo Guedes. **A MÚSICA NOS ANOS FINAIS: COMPONDO A PARTIR DE RECURSOS E MATERIAIS ALTERNATIVOS. EDUCAÇÃO MUSICAL ESCOLAR: Pesquisas e Propostas de Inserção da Música na Educação Básica**, Monte Negro, v. 1, ed. 1ª, p. 1-377, 2017.

SCHAFFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. 408 p. Tradução de: Marisa de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal.

SOBRINHO, J. **Reflexões sobre os planos decenais municipais de educação**. São Paulo: Ed. Vozes, 1994.

SOUZA, Jusamara (org.). **Aprender a ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016. 287 p.

SOUZA, Rayssa Kathellen de. **Reflexões sobre os Materiais didáticos: Qual a relação entre os professores e esses recursos em sala de aula?** in: Congresso Nacional de educação, 2., 2015, Campina. **Anais [...]**. Campina: Realize, 2015.

SUNDBERG, Johan. **Ciência da Voz: fatos sobre a voz falada e no canto**. São Paulo: Edusp, 2022. 328 p. Tradução de: Gláucia Laís Salomão.

VACCAJ, Nicola. **Método Prático di Canto Italiano**. 1834. Disponível em: <http://conquest.imslp.info/files/imglnks/usimg/c/c6/IMSLP240592-SIBLEY1802.15813.984f-39087009927650score.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). **Repensando a Didática**. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 105 p. Tradução Daniel Grassi.